

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
ESCOLA DE HUMANIDADES

MARIA DOS REMÉDIOS LIMA SILVA

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL  
DE PORTO ALEGRE/RS**

Porto Alegre

2017

MARIA DOS REMÉDIOS LIMA SILVA

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL  
DE PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof<sup>o</sup> Dr<sup>o</sup> Alexandre Anselmo Guilherme

Porto Alegre

2017

MARIA DOS REMÉDIOS LIMA SILVA

**INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL  
DE PORTO ALEGRE/RS**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para  
obtenção do grau de Mestre em Educação, pelo Programa  
de Pós-graduação da Escola de Humanidades da  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA:**

Orientador: Profº Drº Alexandre Anselmo Guilherme- PUCRS

---

Profº Drº.Claus Dieter Stobaus - PUCRS

---

Profª Drª Maria Waleska Cruz – SANTA INÊS

---

Porto Alegre

2017

## Ficha Catalográfica

L732i Lima Silva, Maria dos Remédios

Inteligência Espiritual em um Colégio Confessional de Porto Alegre/RS / Maria dos Remédios Lima Silva . – 2017.

115 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Anselmo Guilherme.

1. Inteligência espiritual. 2. Espiritualidade. 3. Colégio confessional. I. Anselmo Guilherme, Alexandre. II. Título.

## **AGRADECIMENTOS**

*A Deus pelo dom sagrado da vida, pela saúde reestabelecida;*  
*Aos meus orientadores Prof.<sup>a</sup> Leda Lísia Portal e Prof. Alexandre Anselmo, que*  
*insanavelmente estiveram ao meu lado nesses anos de estudos;*  
*Aos professores da banca, pela disponibilidade, carinho e dedicação;*  
*À PUCRS por esta oportunidade de realizar um sonho e contribuir na minha formação*  
*acadêmica;*  
*Aos professores do Programa de Pós-graduação em Educação, por todas as aprendizagens;*  
*Aos meus colegas de estudos, pelas trocas, desafios e apoio;*  
*À Direção do Colégio pesquisado, pela confiança e permissão concedida para realizar esse*  
*estudo;*  
*Ao meu grande amigo Marcos Bochehin, pelo incentivo e dedicação.*

*“A natureza humana é reconhecida essencialmente como social, emocional, espiritual e racional. Quando atuamos com todos esses aspectos em equilíbrio, atingimos a excelência em 360 graus. Significa que agimos com a alma, o coração e a razão totalmente integrados em nossa vida pessoal, profissional e comunitária. Na essência, a natureza humana é composta de quatro características distintas: social, emocional, espiritual e racional. Correlacionando essas características com outras essenciais para a vida no planeta: ar, água, fogo e terra”*  
(CATANANTE, 2000, p. 45).

## RESUMO

A presente pesquisa tem como questão central: Compreender como um colégio confessional católico da cidade de Porto Alegre contribui para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos, que cursaram todo o Ensino Fundamental nessa Instituição de Ensino, com previsão de conclusão do Ensino Médio no ano de 2016. A pesquisa foi desenvolvida, a partir de uma abordagem metodológica qualitativa, descritiva e interpretativa. O método de pesquisa foi inicialmente fenomenológico, seguindo por meio da fenomenologia hermenêutico-dialética. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa a análise de três Documentos norteadores do Colégio pesquisado: Pedagogia Inaciana (PI), o Projeto Político Pedagógico (PPP) e o Projeto Educacional Comum da Rede Jesuíta de Educação (PEC), bem como entrevistas semiestruturadas com alunos concluintes do Ensino médio do colégio pesquisado. Para análise dos dados dos documentos, foi utilizado o método de leitura analítica segundo Severino (2000), isso para análise dos documentos; para análise das entrevistas, trabalhamos com ATD – Análise Textual Discursiva, conforme Moraes e Galiazzi (2014). A compreensão dos dados implicou relação dialógica entre os dados coletados, os dados empíricos e o referencial teórico, incluindo a cosmovisão da pesquisadora no processo interpretativo. Diante de todo o processo realizado na pesquisa, chegamos à análise das variáveis da investigação, que revelaram três categorias emergentes: Vivência de valores no espaço escolar; Ações educativas significativas; Religião, Fé e espiritualidade. Considerando que todo ser humano possui diferentes inteligências, conheceremos alguns teóricos que defendem a existência da inteligência espiritual e sua importância na vida de uma pessoa.

**Palavras-chaves:** Inteligência espiritual; Espiritualidade; Colégio confessional.

## **ABSTRACT**

The present research has as its main question understanding how Catholic confessional school in the city of Porto Alegre contributed to the development of the spiritual intelligence of the students who attended this institution from Elementary to High School with graduation from High School expected in 2016. The research was developed based on a qualitative, descriptive and interpretive methodological approach. The research method was initially phenomenological, following the hermeneutic-dialectical phenomenology. Three research documents of the school under study were used as research tools: Pedagogia Inaciana (PI - Ignatian Pedagogy), the Pedagogical Political Project (PPP) and the Common Educational Project of the Jesuit Educational Network (PEC), as well as semi-structured interviews with students of high school in the studied institution. For analysis of the documents data, the analytical reading method was used according to Severino (2000); to analyze the interviews, we worked with TDA - Textual Discourse Analysis, according to Moraes and Galiazzi (2014). The understanding of the data implied a dialogical relationship among the collected data, the empirical data and the theoretical references, including the researcher's worldview in the interpretative process. In view of the whole research process, we arrived at the analysis of the research variables, which revealed three emergent categories: Values experience within the school space; Significant educational actions; Religion, Faith and Spirituality. Considering that all human beings have different intelligences, we will see some theories which affirm the existence of spiritual intelligence and its importance within a person's life.

**Keywords:** Spiritual intelligence; Spirituality; Confessional School



## LISTA DE SIGLAS

SOP – Serviço de Orientação Pedagógica;  
SOE – Serviço de Orientação Educacional;  
SOREP – Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral;  
SOCE – Serviço de Convivência Escolar.  
PEC – Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação.  
PPP – Projeto Político Pedagógico.  
PI – Pedagogia Inaciana  
QE – Quociente Emocional  
QI – Quociente Intelectual  
QS – Quociente Espiritual

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.1</b>	<b>Jovens: Sujeitos da Pesquisa.....</b>	<b>15</b>
<b>2.2</b>	<b>Colégio Confessional .....</b>	<b>22</b>
<b>2.3</b>	<b>Inteligência Espiritual .....</b>	<b>24</b>
<b>2.4</b>	<b>Formação Integral .....</b>	<b>32</b>
<b>3</b>	<b>AÇÕES METODOLÓGICAS.....</b>	<b>36</b>
<b>3.1</b>	<b>Objetivo geral.....</b>	<b>36</b>
<b>3.2</b>	<b>Objetivos Específicos .....</b>	<b>36</b>
<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOCUMENTAL .....</b>	<b>48</b>
<b>4.1</b>	<b>Pedagogia Inaciana: uma proposta prática .....</b>	<b>49</b>
<b>4.3</b>	<b>Projeto Político Pedagógico (PPP) .....</b>	<b>57</b>
<b>4.3</b>	<b>PEC - Projeto Educativo Comum - PEC.....</b>	<b>64</b>
<b>5</b>	<b>VIVÊNCIA DE VALORES NO ESPAÇO ESCOLAR (QUESTÕES 1, 2 E 3).....</b>	<b>73</b>
<b>6</b>	<b>AÇÕES EDUCATIVAS SIGNIFICATIVAS (QUESTÕES 4 E 6).....</b>	<b>80</b>
<b>7</b>	<b>RELIGIÃO, FÉ E ESPIRITUALIDADE (QUESTÕES 5 E 7).....</b>	<b>88</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>97</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>101</b>
	<b>APÊNDICE A-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>109</b>
	<b>APÊNDICE B-TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....</b>	<b>110</b>
	<b>APÊNDICE C-TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>111</b>
	<b>APÊNDICE D-ROTEIRO PARA ENTREVISTA .....</b>	<b>112</b>
	<b>ANEXO A-ANEXOS DO PROJETO POLÍTICO DO COLÉGIO PESQUISADO.....</b>	<b>113</b>
	<b>ANEXO B-APROVAÇÃO- SIPESQ .....</b>	<b>114</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A partir de 1995, quando comecei a estudar em colégios religiosos, a temática da Espiritualidade começou a chamar minha atenção de como era trabalhada no ambiente escolar. Sua vinculação com uma confissão religiosa sempre fora considerada “natural”. Havia escolas para católicos, luteranos, adventistas, anglicanos, metodistas, judeus e outros, privilegiando, cada um, a sua catequese, sua doutrina peculiar. Observamos que essas escolas privadas necessitavam, para subsistir, uma clientela que extrapolasse o limite pela opção religiosa. Seus componentes curriculares, que abordam a religiosidade, se tornaram mais universais e culturais, sendo assim pautados por uma ética da tolerância e da boa convivência.

Com o passar do tempo, essa realidade vem se modificando, uma vez que a legislação brasileira notadamente na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), em seu art.33, *caput*, veta todo tipo de proselitismo nas escolas públicas. Segundo o documento nº 26 da CNBB - Catequese Renovada (1985), mesmo na Igreja Católica Apostólica Romana há expressa orientação a que se distinga a catequese do ensino religioso escolar, sendo uma prática aos que aderem a religião, nos espaços eclesiais, enquanto o último objetivaria o fenômeno religioso como antropologia e cultura e a busca do desenvolvimento da dimensão espiritual, independente da crença. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1985).

Todavia, o respeito à pluralidade religiosa é algo, entre nós, relativamente novo. Nessa perspectiva, surgem, então, movimentos em direção a uma espiritualidade com valores mais universais e transcendentais<sup>1</sup>, propiciando um convívio pacífico entre os adeptos das várias correntes religiosas, inclusive com aqueles que não professam alguma crença. Nota-se que a aceitação do ser humano como ser integral<sup>2</sup>, totalizante ou holista, nele intrinsecamente incluída a espiritualidade como possibilidade, paulatinamente ganha forças em espaços da sociedade. Entretanto, nos ambientes acadêmicos, muitas barreiras ainda subsistem. Os paradigmas e os próprios dogmas preexistentes legam um itinerário bastante estreito, às vezes,

---

<sup>1</sup> Transcendência/transcendente/transcendentais. Do latim *transcendere*, ultrapassar, superar. **1.** A noção de transcendência opõe-se à de imanência, designando algo que pertence a outra natureza, que é exterior, que é de ordem superior. Transcendental. **2.** Na escolástica, termo utilizado para designar categorias mais gerais que transcenderiam as categorias aristotélicas. Os transcendentais seriam assim o ser, o verdadeiro, o bem e o belo, caracterizando tudo aquilo que é, sendo no fundo aspectos da mesma coisa, o Ser. (FERRATER MORA, 1978, p. 282).

<sup>2</sup> Ser integral- Segundo CATANANTE (2000, p. 45) as características essenciais do ser integral, percebi que se encaixam perfeitamente na palavra ser: social, emocional/espiritual, racional.

não abrindo espaço às discussões dos paradoxos e contradições ou mesmo a uma abordagem mais dialética<sup>3</sup>.

Bauman (2007) retrata a realidade caracterizando os seres humanos como “indivíduos frágeis”, destinados a conduzir suas vidas num cenário de incertezas, como se estivessem patinando o tempo todo sobre gelo fino. Contextualizando os tempos atuais, podemos dizer que vivemos em tempo de insegurança, deparamo-nos com uma sociedade confusa, aparentemente sem direção e desprovida de sentido. Basta lembrar a grande onda de violência que assola a população brasileira, principalmente nos grandes centros urbanos. Em Porto Alegre, por exemplo, aumentam os índices de violência física, publicizados diariamente, entre chacinas, homicídios e latrocínios. Há temor em sair às ruas, andar de ônibus, chegar tarde em casa, conversar com desconhecidos. Concorrente com essa situação se observa um também crescente e visível individualismo ou baixa solidariedade nas relações interpessoais.

O semelhante se torna estranho; contudo, percebe-se com evidência o domínio de uma quase anomia<sup>4</sup>, como um fenômeno muito presente, nas relações consigo mesmo, com os outros e com o cosmo. Predomina a perda de sentido, de valores, de consciência, identidade, e de ausência de uma razão para o existir. Vive-se um vazio existencial estampado nas relações interpessoais nos diversos âmbitos da sociedade.

Tendo consciência desse contexto, no início dessa jornada, necessitando de mais aprofundamento sobre a temática, paralelo ao mestrado, integrei-me em 2015 a um grupo de Pesquisa: “Educação para a inteireza, um (re)descobrir-se,” coordenado por minha primeira orientadora, tendo por objetivo “o desvelamento e o estudo mais aprofundado dos elementos constitutivos de uma abordagem integral do ser humano – sua inteireza – compreendendo dimensões inerentes e originais do próprio ser: social, racional, emocional, espiritual, para compreensão de seus próprios limites e para planejamento de seu desenvolvimento por meio de um pensar ousado e de uma prática integral”. Busquei, também, um curso de extensão com a temática “Espiritualidade e resgate de saberes integrais”, oferecido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a duração de seis meses nesse mesmo ano (2015), o qual

---

<sup>3</sup> Em seu sentido mais geral, dialética passou a significar qualquer processo mais ou menos intrincado de conflito, interconexão e transformação conceitual ou social no qual a geração, interpenetração e conflito de oposições, levando à sua transcendência em um modo mais pleno ou mais adequado de pensamento ou forma de vida, desempenha um papel crucial (BOTTOMORE, 1996, p. 204).

<sup>4</sup>Anomia: derivada do grego que significa sem lei e conota iniquidade, impiedade, injustiça e desordem. A interpretação de Emile Durkheim é uma desregulação que deixa “as paixões individuais (...) sem um freio para discipliná-las”, e Robert Merton a concebia como “um colapso na estrutura cultural” (BOTTOMORE, 1996, p.20-21).

propicionou-me expandir horizontes no sentido de compreensão da espiritualidade, numa perspectiva mais ampla.

Essa compreensão revela-se nessa pesquisa, principalmente nos diálogos estabelecidos com os aportes teóricos e também nas análises das entrevistas. Ressalto, todavia, que me ajudou a abrir horizontes, induziu-me a pensar, a dar-me conta de que fazemos parte de um todo, que se refaz a cada dia, que vai além daquilo que habita nosso pequeno mundo, nosso universo pessoal. A partir dessa consciência, é possível ter uma cosmovisão bem-sucedida que busca reunir todos estes níveis: pessoal, social e espiritual, num só todo coerente. Essa abordagem alicerça-se ainda na teoria dos saberes integrais na grande dimensão do universo, que concebe o ser humano a partir de uma inteireza do se ser. Olbrzymek (2001) corrobora com essa questão quando argumenta que o ato de educar possibilita o desabrochar para a grande aventura da vida, “na qual se pode tecer uma existência intensa e comprometida com a solidariedade e a humanidade nas relações consigo mesmo, com o outro e com o mundo”. (OLBRZYMEK, 2001, p. 20).

Assim inspirada realizei essa pesquisa a partir da temática Inteligência Espiritual em um colégio confessional de Porto Alegre/RS. Motivada pela experiência docente em redes de ensino, que acrescentam a dimensão espiritual à formação inicial com as crianças da Educação Infantil até os anos finais do Ensino Médio. Observando determinadas práticas docentes, nesses ambientes, emergiu a inquietação em procurar saber se o que é proporcionado em uma dessas escolas investigadas, é reconhecido pelos profissionais, que dela fazem parte, como uma determinada espiritualidade. Questiono, também, se o que é ensinado nessa perspectiva realmente apresenta sentido e significado no cotidiano de seus alunos e fora dos “muros da escola”? A necessidade de se investir na formação integral do educando, incluindo as dimensões constitutivas do ser humano racional, psicológica, social e espiritual, poderia resultar realmente em um ser mais inteiro? A vida teria mais sentido com tais necessidades mais equilibradamente atendidas no ambiente escolar?

Essas inquietações se fundamentam em minha trajetória educacional e inspiram o interesse dessa pesquisa e investigação. Minha primeira experiência docente em escolas confessionais começou em 2002 no Sertão da Paraíba, numa cidade chamada Cajazeiras, com população aproximadamente de 61.000 habitantes, quando lecionei Sociologia e Ensino Religioso. Em 2006, vindo residir em Porto Alegre, trabalhei na mesma rede de ensino confessional, com os componentes curriculares de Filosofia e Ensino Religioso. Em 2013, em outra rede de ensino, prossegui atuando em instituições confessionais. As três escolas confessionais nas quais trabalhei apresentavam práticas e rituais relacionados a uma

espiritualidade que revelava a identidade da instituição local. A princípio não era difundida nenhuma espécie de proselitismo religioso, respeitavam-se confissões de outros credos, mas, no cotidiano, todas as ações giravam em torno de uma única religião, que era apresentada e adotada naquele espaço escolar em razão de sua opção religiosa.

Desenvolver uma espiritualidade que dê sentido e significado à vida do ser humano poderá fazer toda diferença em sua existência? Mesmo vivendo em um contexto social altamente materialista, vazio de sentido, acredito ser possível ao ser humano ter uma premissa norteadora, que poderá conduzir sua existência, suas escolhas, para uma formação mais integral.

A partir dessa temática, será possível fazer Ciência por meio de uma pesquisa? Segundo Bourdieu (2004), é possível compreender que, para se fazer Ciência, é necessário seguir um método que ateste e dê validade a um problema investigado e suas possíveis teses encontradas. Nesse problema, deve ser interessante ressaltar a importância em se trabalhar com um método científico, ligado a uma abordagem crítica, e buscar uma lógica dedutiva com a teoria da validade das deduções lógicas. Nessa ótica, é necessário valer-se do conceito de verdade, mediante a abordagem crítica desenvolvida, para compreender que um problema de ciência visa sempre a encontrar uma explicação.

Parece antagônico querer fazer Ciência com a temática da espiritualidade, considerando que Ciência e Espiritualidade, por muito tempo, estiveram e ainda estão para muitos apartadas, distantes, quase existindo um abismo entre o “sagrado e o material”. Para Zohar e Marshall (2012, p. 25), “[...] a inteligência espiritual tem sido tópico embaraçoso para acadêmicos porque a ciência atual não está preparada para estudar coisas que não possa medir objetivamente”. Segundo Torralba (2013, p. 8), “estamos conscientes de que a expressão inteligência espiritual pode suscitar, em nossa área cultural, certas perplexidades e incompreensões por múltiplos motivos”. Esse autor destaca ainda que “a inteligência espiritual faculta ao ser humano a análise valorativa da própria existência e dos ideais e horizontes de sentido da mesma, porém também abre outras possibilidades que não estão contidas no termo existencial” (TORRALBA, 2013, p. 10).

Chopra e Mlodinow (2012) defendem que o tempo está esperando por uma nova espiritualidade baseada na consciência,<sup>5</sup> assim, o futuro depende da escolha que fizermos. Em

---

<sup>5</sup> Consciência entendida como a “presença atenta” a si próprio, aos outros e ao seu ambiente, a qual está ligada aos graus de sensibilidade de cada pessoa no que se refere aos seus sentidos, tais como o tato, o olfato, a visão, o movimento etc. Sem essa presença atenta, não há qualquer percepção do mundo. Essa compreensão de consciência está também presente no budismo, no taoísmo – com o tai-chi-chuan –, no xamanismo, no hinduísmo – com o yoga e as obras do filósofo Krishnamurti –, como também, mais próximos de nossa cultura, nas obras

outra perspectiva, Boff (2001, p. 80) afirma: “Espiritualidade é uma dimensão de cada ser humano. Essa dimensão espiritual que tem cada um de nós se revela pela capacidade de diálogo consigo mesmo e com o próprio coração, se traduz pelo amor, pela sensibilidade”.

Esta pesquisa apoiou-se em uma metodologia que buscou indicadores e constatações lógicas a partir do problema investigado: “Como um colégio confessional católico da cidade de Porto Alegre contribui para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos, que nele cursaram todo o Ensino Fundamental com previsão de também nele concluírem o Ensino Médio”? Esta pesquisa está inserida na Linha de Pesquisa Pessoa e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUCRS, “que estuda a educação como um processo amplo implicado no desenvolvimento, formação e autoformação da pessoa” (CENTRO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO, 2015).

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

De início consideramos significativo fazermos uma apresentação sobre os sujeitos dessa pesquisa. Concomitante à essa identificação, também faremos um recorte, apresentando o local onde se situam esses sujeitos. Reconhecendo quem são os personagens principais dessa pesquisa, o destaque será para temática central desenvolvida nesse trabalho: “Inteligência Espiritual”, que será abordada a partir de teóricos que definem esse tema e argumentam sua relevância nas dimensões que compõem o ser humano. Pensando em um ser inteiro, ser total, a formação integral coroa e desperta indagações que nos fazem pensar o cenário da educação nos dias de hoje.

### **2.1 Jovens: Sujeitos da Pesquisa**

Os sujeitos dessa pesquisa foram jovens de dezessete e dezoito anos de idade; por isso, julgamos relevante caracterizar traços e considerações referentes a essa etapa de vida a partir de alguns teóricos.

No decorrer da história, notadamente a ocidental, observa-se a pluralidade e a riqueza das diferenças, sejam elas de gênero, cultura, etnia e etária. Nesse espectro, destacamos a presença dos jovens e também como se “ocultam” em tempos e momentos dessas histórias. As culturas juvenis sempre existiram, entretanto raramente entendidas pela grande população, ou ainda quiçá eleitas como de pouca relevância (ou até subversivas) segundo padrões determinados pelas instituições que, nesta ou naquela sociedade, decidem o aceitável. Na atualidade teríamos como detentores desse poder os grandes grupos de comunicação e o mercado, que se posicionam frente aos jovens.

Outrora tínhamos uma concepção genérica de juventude, considerado uma temática simples, para a qual não se exigia explicação. Tratava de uma fase de mudanças, preparatória para a chegada à vida adulta. A noção etária bastava. Quando abordada de forma apressada e superficial, em geral ideológica, a noção de juventude se adequa a essa caracterização biológica, vinculada às ciências naturais, idealizada como uma fase de transição, uma passagem da infância à idade adulta, caracterizada pelas transformações do corpo biológico, celebrada em ritos.

Segundo Regina Novaes (2006), contraditando essa lógica linear, os limites de idade não são precisos. Àqueles que não usufruíram o direito à infância, a juventude principia mais cedo. E, no outro extremo – com o aumento de expectativas de vida e as mudanças no



mercado de trabalho -, uma parte “deles” acaba por alargar o chamado “tempo da juventude” proximamente dos 30 anos de idade. Com efeito, qualquer que seja a faixa etária estabelecida, jovens com idades iguais vive juventudes distintas.

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (2004), o termo ‘juventude’ abrange uma etapa, que está inserida entre a infância e a considerada maturidade ou vida adulta. Nesse período são observadas mudanças, frente à fase anterior. Esses novos arranjos, sejam biológicos, sociais, culturais e psicológicas, são distintos de acordo com as variáveis de sociedades, culturas, etnias, classes sociais e o gênero. “Jovem” é definido como sendo o grupo de pessoas com idade entre 15 e 24 anos; essa definição foi elaborada numa Assembleia Geral da ONU no ano de 1985, considerado ano Internacional da juventude.

Na contemporaneidade, a visão etária recebe objeções seja dos setores e movimentos juvenis, seja das reflexões acadêmicas. A publicação do Conselho Episcopal Latino-americano, “*Civilização do amor: tarefa e esperança*”, apresenta quatro visões de juventude; (1) *a visão biocronológica*, definindo a juventude em termos de idade; (2) *a visão psicológica*, que identifica a juventude com o período conflitivo da vida da pessoa, em que ela vê a si mesma com a vida nas mãos, mas sem o devido reconhecimento ou a devida capacidade. A juventude, nessa concepção seria um segundo nascimento, caracterizando-se como uma etapa de construção da identidade. E há (3) *a visão sociológica*, que vê na juventude um grupo social, admitindo – dentro dele – diferentes setores: jovens camponeses e ilhéus, estudantes, trabalhadores, indígenas, afro-americanos e jovens em situações críticas; (4) *a visão cultural - simbólica*, que procura vê-los em seu universo cultural, criando movimentos culturais que acentuam o lúdico, a dimensão estética entre outros (CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO, 1997).

O interesse acadêmico pela juventude como categoria social específica tomou vulto a partir da década de 1960, quando começaram a surgir formas ousadas de manifestação cultural, e o comportamento de grupos de jovens contestadores passou a contrastar abertamente com os padrões sociais estabelecidos.

Nas últimas décadas, em um mundo que experimenta mudanças mais aceleradas, as pessoas, diante das buscas e rápidas transformações desse contexto de mudança de época, ficam “impactadas” com o ritmo célere do curso da história, de suas vidas e desorientadas por não mais confiarem em seus critérios, que parecem incapazes de responder às situações emergentes. Há um recorrente indagar sobre que lugar social está reservado aos jovens. Novos cenários locais e globais conduzem à necessidade de análises sobre esse universo,

plural, formado por mulheres e homens jovens. Com suas trajetórias vinculadas a processos sociais complexos, que se alteram conforme os espaços, tempos e contextos em que estão inseridos, diferentes segmentos juvenis explicitam demandas e constroem protagonicamente inéditas identidades e outras aberturas a sua emancipação.

Para refletir sobre o tema, faremos um breve resgate histórico da organização dos jovens no Brasil, com base em Sofiati (2012). As primeiras experiências de organizações dos jovens no Brasil ocorreram sob o amparo do movimento abolicionista no século XIX. Os jovens abolicionistas abriram as portas à ação juvenil, tendo uma ação radical na demanda libertária dos escravizados e organizando inclusive fugas em massa. O jovem Joaquim Nabuco fora uma referência política desse movimento que teve papel decisivo no processo que propiciou a criação da República.

Nos anos de 1920, três grandes movimentos de expressão da consciência política foram inaugurados: os movimentos da Semana de Arte Moderna (1922), o Movimento Tenentista (1922) e o movimento político partidário que deu origem, em 1922, ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Augusto Caccia-Bava (2014), reafirma esse posicionamento quando encerra: “os grupos de jovens se formaram em torno desses movimentos e foram protagonistas de novas ideias, novas percepções de Estado” (2014, p. 64).

Entre os anos 1930-1950, os jovens organizados possuíam como principal característica a solidariedade às classes menos favorecidas e tinham uma ocupação política com recorte de classe social, ou seja, uma atuação ligada ao movimento sindical. Havia, também, um protagonismo nos projetos unificados da nacionalidade que tinha como principais movimentos a juventude integralista (1932), ou o início do movimento estudantil com a fundação, em 1937, da União Nacional dos Estudantes (UNE) e o movimento religioso em torno da Ação Católica (1935).

Nos anos de 1960, a juventude passou a se apresentar para a sociedade com maior ênfase por intermédio do movimento estudantil, com suas variadas tendências político-ideológicas, e da juventude católica, agora organizada como Ação Católica Especializada, formada pela Juventude Agrária Católica (JAC), Juventude Estudantil Católica (JEC) Juventude Independente Católica (JIC), Juventude Operária Católica (JOC) e Juventude Universitária Católica (JUC). Com o advento do Golpe de Estado de 1964, a Ação Católica Especializada foi sendo reprimida.

Regina Novaes (2006) afirma que os jovens, principalmente aqueles organizados em partidos políticos e sindicatos, na tentativa de uma aproximação com os setores trabalhistas, apresentavam-se como iguais na relação com a classe trabalhadora, apesar da grande

heterogeneidade desses segmentos juvenis. Os jovens do movimento estudantil eram majoritariamente da classe média urbana e questionavam os valores da cultura e da política. Nesse contexto, a influência estudantil era hegemônica e levava para seu interior grande parte dos agrupamentos juvenis existentes, como, por exemplo, os jovens católicos da JUC (Juventude Universitária Católica).

Na década de 1970, em virtude do governo autoritário, há em seu início escassa movimentação da juventude. A articulação no interior da igreja católica ocorria sob a forma dos chamados “movimentos de conversão”, de cunho catequético e espiritualista, que eram comprometidos com a resolução dos problemas psicoafetivos dos jovens, negligenciando o elemento social. As demais juventudes que resistiram a esse processo, em sua maioria, atuavam nos movimentos clandestinos de resistência e de luta armada.

Nos anos de 1980, há o surgimento das tribos urbanas, que são retratados por Abramo (1996) em seu livro “Cenas Juvenis”. A autora destaca o surgimento de agrupamentos de jovens, nas grandes cidades brasileiras, como, por exemplo, os *punks* e os *darks*. Nesses anos, enfraquece o movimento estudantil, pois “identidade juvenil não passava mais pela política”, como ocorreu nos anos 60 e 70, acarretando a despolitização desse movimento a partir dessa década.

Portanto, a partir dos anos de 1980, há o distanciamento da militância tradicional: a referência não era mais o partido e o sindicato, mas o movimento social específico. Registramos que uma exceção a isso pode ser vista a partir da fundação do Partido dos Trabalhadores, no qual se articularam de maneira inédita esquerdistas e cristãos de várias matizes e movimentos sociais rurais e urbanos, dentre esses o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra [MST], Pastoral da Juventude [PJ], Pastoral Operária [PO], Comissão Pastoral da Terra [CPT], Movimento pela Libertação dos Sem Terra [MLST], Movimento dos Atingidos por Barragens [MAB], Movimento do Trabalhador Desempregado [MTD], Central Única dos Trabalhadores [CUT].

Nessa conjuntura, os jovens passam a assumir novas formas de participação social e política. Exemplos desse processo são o surgimento do movimento cultural Hip-Hop e a militância jovem da pastoral da juventude no Brasil. A conjuntura dos anos de 1990 traz o perfil de uma “juventude que vive um tempo distante das grandes utopias transformadoras”, conforme Souza, (1999, p.13).

Os anos de 1990 vêm demonstrar que a juventude não é necessariamente portadora de utopias e de projetos de transformação. “Intenções, utopias, projetos, rebeldias, transgressões são elementos concretos nas relações vividas por essa faixa etária, mas, isolados como

comportamentos próprios dos jovens, não são explicativos das relações que envolve a juventude” (SOUZA, 1999, p. 25).

As subjetividades e condições sociais dos jovens de 1990 estão marcadas por condições diversas e distanciadas dos métodos de realização das utopias revolucionárias. A preservação da individualidade em detrimento de um controle social por parte do grupo é vista como legítima. “Fazer política, para esses jovens, não pode ser um ato que abafe a individualidade; pelo contrário, o coletivo deve incorporar a forma de cada um” (SOUZA, 1999, p. 194).

Por outro lado, destaca-se a presença dos “carapintadas”, vanguarda do movimento de impedimento do Presidente Fernando Collor de Melo e da juventude do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), considerado como um dos únicos movimentos sociais que resistiram à afirmação do neoliberalismo no Brasil. Mas o que passa a predominar em termos de organização juvenil são os movimentos culturais articulados em torno da música, do teatro e da dança.

Na opinião de Novaes (2006, p. 54), “os jovens através de atividades culturais e experimentos sociais podem trazer para a agenda pública a questão dos sentimentos e contribuir para mudança de mentalidade”. A autora considera positiva a participação da juventude nos movimentos culturais e lúdicos. Por isso, “os conteúdos das ações coletivas dos jovens de hoje não significam nem retrocesso nem avanço, mas o que é possível historicamente sua geração ser portadora” (SOUZA, 1999, p. 14).

Para entender as mudanças ocorridas no perfil da juventude nos últimos anos, é necessário observar as mudanças da própria sociedade brasileira, principalmente no que tange à questão educacional, trabalhista e política. Evidencia-se para esse contingente populacional uma enorme dívida social, o Brasil não se revelou capaz em resolver suas demandas.

Por isso, procura-se analisar esses diferentes temas na perspectiva juvenil. Assume-se o pressuposto de que os espaços privilegiados pela juventude para participação na sociedade se transformaram conforme o desenvolvimento histórico, sendo que, nos de 1960 e 1970, havia o predomínio do sindicato e do movimento estudantil; nos anos de 1980, dos movimentos sociais, e, nos anos de 1990, os jovens atuaram de forma diluída e fragmentada nas expressões culturais e lúdicas.

Os jovens dos anos 2000 são socializados predominantemente nos movimentos religiosos, principalmente os carismáticos e pentecostais, em sua manifestação mais recente, chamada de “terceira onda”. Porém não se pode deixar de considerar que uma das resistências a essa tendência se consolidou em torno da juventude do Fórum Social Mundial, realizado no

Brasil nos anos 2001, 2002, 2003 e 2005. A principal atividade desses jovens foi a organização de acampamentos para debates, eventos e encontros com o objetivo de reconstruir o movimento de juventude de cunho político e social.

Para caracterizar os jovens do século XX, apoiamo-nos na teoria do historiador inglês Hobsbawm (2000). O autor elenca “algumas novidades”, atribuídas ao que significa ser jovem em uma sociedade contemporânea em constantes mudanças. Primeiro, essa fase começou a ser vista como a realização do pleno desenvolvimento humano, deixando de ser encarada como um estágio preparatório para a vida adulta. Então, todo mundo passou a querer ser jovem, e para sempre, como diz a música: “I wanna be forever young”.

A segunda novidade é que as corporações produtoras de bens de consumo detectaram a juventude como importante faixa etária de mercado e a elegeram como elemento autoconsciente de seus desejos e necessidades: basta, então, ser jovem para ter razão. Articulado à mídia, o consumo conquistou autoridade e se impõe como padrão ético e indutor de disposições estéticas. As gigantescas forças das propagandas que sedutoramente manipulam a juventude talvez entendam mais do que as religiões sobre esse grupo.

A terceira novidade, segundo Hobsbawm (2000) é o internacionalismo da cultura juvenil. A ruptura da nova geração com as anteriores e sua aclamação pelo mercado abriram um caminho para que a juventude elaborasse uma identidade globalizada e alicerçada na indústria da diversão. Essa indústria detecta necessidades e desejos vitais dos jovens para, em seguida, processá-las e comercializar soluções prontas e acabadas.

Essas características podem nos ajudar a compreender os sujeitos que foram parte dessa pesquisa. Todavia, esta pesquisa foi desenvolvida com alunos concluintes do Ensino Médio conforme citado anteriormente; por isso, acreditamos que seja importante fazermos uma contextualização desse público-alvo, destacando algumas características. Para Brenner e Carrano, “no Brasil, jovem é o grupamento social compreendido entre 15 e 29 anos completos. Essa definição passou a vigorar no ano de 2010 com a aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, que ficou conhecida como a PEC da Juventude” (BRENNER e CARRANO, 2014, p. 125). O conceito de jovem foi incorporado ao texto oficial da Constituição Federal em seu artigo 227, abrangendo, posteriormente e a partir do Estatuto da Juventude (Lei 12.852/2013), uma divisão em três faixas: o jovem-adolescente, com idade entre 15 e 17 anos; o jovem-jovem, entre 18 e 24 anos e o jovem adulto, com idade entre 25 e 29 anos.

Após quase dez anos de tramitação e de intensa mobilização, o Estatuto da Juventude foi aprovado em julho de 2013 pelo Congresso Nacional e sancionado pela presidente Dilma

Rousseff em agosto do mesmo ano. Após 180 dias de sua publicação no Diário Oficial da União, o Estatuto entrou em vigência a partir do dia 2 de fevereiro de 2014.

Essa norma traz em sua essência, como retratado no artigo 2º

- I - promoção da autonomia e emancipação dos jovens;
- II - valorização e promoção da participação social e política, de forma direta e por meio de suas representações;
- III - promoção da criatividade e da participação no desenvolvimento do País;
- IV - reconhecimento do jovem como sujeito de direitos universais, geracionais e singulares;
- V - promoção do bem-estar, da experimentação e do desenvolvimento integral do jovem;
- VI - respeito à identidade e à diversidade individual e coletiva da juventude;
- VII - promoção da vida segura, da cultura da paz, da solidariedade e da não discriminação; e
- VIII - valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações. (BRASIL, 2013).

Para o IPEA-( BRASIL, 2013b), considerando a faixa etária que contempla os sujeitos reconhecidos por lei como jovens, o Brasil possui 51 milhões de jovens de 15 a 29 anos de idade, que representam 26% da população brasileira hoje. Estes são 10 milhões. Nessa pesquisa, o foco estará voltado para “o jovem-adolescente”, com idade entre 15 e 17 anos, que, por uma lógica cronológica, está cursando Ensino Médio dentro de um tempo regular.

Entre 2002 e 2012 houve um crescimento pouco expressivo da proporção de jovens entre 15 e 17 anos que frequentava a escola entre o ensino fundamental e o ensino médio. Se em 2002 eram 81,5% de jovens, em 2012 o percentual subiu somente 2,7%, passando a ser 84,2%. Houve, no período, redução das taxas de evasão e reprovação, algo que incidiu positivamente sobre a regularização do fluxo escolar. Em 2002, a proporção de jovens entre 15 e 17 anos de idade que frequentavam o ensino médio – a idade esperada – era de 40%; em 2012 a proporção dessas pessoas no ensino médio subiu para 54%, uma taxa ainda preocupante, pois evidencia que quase metade dos jovens brasileiros entre 15 e 17 anos estão fora da escola, ou ainda a frequentam no ensino fundamental por conta de repetências sucessivas e ou abandono da escola (BRENNER e CARRANO, 2014, p. 155).

Diante desses dados, é relevante referir a meta 3 (três) do Plano Nacional de Educação, que aborda perspectivas ousadas para atender esse público jovem, dentro de um prazo estabelecido. “Universalizar, até 2016, o atendimento escolar para toda a população de 15 (quinze) a 17 (dezessete) anos e elevar, até o final do período de vigência deste PNE, a taxa líquida de matrículas no ensino médio para 85%”. (BRASIL, 2015).

Essa meta do PNE aborda um dos temas tidos como cruciais no processo educacional brasileiro, o direito à universalização do ensino médio. Outro fator relevante que ressalta a importância dessa meta vem expresso na aprovação do FUNDEB e, principalmente, da Emenda Constitucional nº 59/2009, que aumenta a obrigatoriedade da oferta da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade; a questão da universalização do ensino médio deixa de ser apenas uma reivindicação da sociedade civil organizada e entra na agenda das políticas governamentais de modo mais efetivo.

Esses jovens concluintes do 3º ano do Ensino Médio no ano corrente de 2016 estudam em um colégio confessional católico na cidade de Porto Alegre. Destacamos ser importante fazer algumas considerações referentes à história desses educandários no Brasil.

## **2.2 Colégio Confessional**

A educação confessional pressupõe uma crença ou adesão religiosa a partir de uma determinada instituição. Confessional seria aquela que adota uma confissão explícita no desempenho de suas atividades de modo geral. A Constituição Federativa do Brasil de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN – n. 9394/96, no artigo 20º asseguram o direito às instituições de ensino privado a exercerem atividades de cunho religioso e confessional. No Brasil, a educação confessional é assegurada por lei. “Confessionais, assim entendidas as que são instituídas por grupos de pessoas físicas ou por uma ou mais pessoas jurídicas que atendem a orientação confessional e ideologia específicas e ao disposto no inciso anterior”. (Brasil, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96 de 20 dezembro de 1006).

De certa forma, toda instituição de ensino, pública ou particular, é confessional. Por trás disso, e influenciando cada escolha que se faz, está uma concepção de vida, de mundo, de sociedade, do ser humano, que por fim irá determinar o método. O que são essas coisas senão um tipo de confissão? Portanto, mesmo instituições educacionais públicas têm seu credo (JUNQUEIRA, 2007, p. 619).

Há outros modelos científicos educacionais com suas crenças específicas, mas, talvez, pouco se contestem tais crenças confessionais já existentes. A diferença, no caso de entidades confessionais religiosas, é que esse credo é explícito e objetivamente assumido no campo da espiritualidade. Logo, quando se fala em colégio confessional, imediatamente se associa a colégio vinculado, de alguma forma, a uma religião.

A história da educação confessional no Brasil é a própria história da educação, pois o início da educação brasileira ocorreu em um contexto educacional confessional, mais precisamente uma educação confessional cristã dividida na vertente católica<sup>6</sup> e protestante<sup>7</sup>. A migração e colonização se deram a partir dessa presença cristã *lato senso*. Há ainda a presença dos grupos educacionais de judeus e islâmicos, com pouca relevância comparativamente aos cristãos.

Assim, como define o salesiano Sandrini (2007), a escola católica hoje é uma instituição que assume a índole de cada grupo que a mantém (religiosos, clero, secular, leigos). Nesse sentido, as escolas que são dirigidas por grupos religiosos trazem na identidade confessional o carisma e a espiritualidade da congregação. Essa herança atua como elemento inspirador e fundante de todo o trabalho da escola e também orienta o trabalho pastoral.

Segundo Mariucci (2014), a educação católica no Brasil teve início com a vinda dos primeiros missionários que aqui chegaram com os colonizadores. “Os portugueses fizeram da Terra de Santa Cruz um território para exploração dos recursos naturais. Não havia nenhuma intenção de investimento, muito menos em educação. Os interesses econômicos de Portugal eram a principal motivação para as navegações” (MARIUCCI, 2014, p. 31).

Para Moura (2000), o marco da educação no Brasil tem seu termo antecedente em 1549 ou 1553 a partir da iniciativa católica, quando a Companhia de Jesus (Jesuítas), fundou, em São Salvador da Bahia de Todos os Santos, o primeiro estabelecimento de ensino, e o segundo posteriormente em 1554 na Vila Piratininga em São Paulo. Para aproximar os meninos indígenas dos jesuítas, trouxeram de Portugal alunos do Colégio dos Meninos Órfãos de Lisboa.

Essa iniciativa precursora já poderíamos titular de escola privada, sendo protagonizada por essa congregação vinculada à igreja católica apostólica romana. No decorrer desses últimos cinco séculos, esse modelo de escola manteve sua relevância, por força dos laços histórico-culturais. A própria formação e desenvolvimento da sociedade brasileira foram subsidiados por esse modelo. “[...] a Companhia de Jesus foi pioneira na área da educação da juventude, mas o projeto inicial privilegiava os filhos da nobreza, preparando-os para usufruir da cultura erudita” (AZZI, 1995, p. 21-22).

---

<sup>6</sup> Católica - No campo católico, a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola, foi pioneira na área da educação da juventude. (AZZI, 1995, p. 21)

<sup>7</sup> Protestante: Lutero foi o primeiro a enfatizar a necessidade de que a educação infantil não se limitasse à nobreza e à burguesia urbana em formação, mas atingisse sobretudo as populações rurais. Em 1524, Lutero escreveu um documento fundamental para a difusão da escola cristã: “carta aos magistrados de todas as cidades da Alemanha, para pedir a criação e manutenção das escolas cristãs. (AZZI, 1995, p. 21)



O sociólogo Gilberto Freyre destaca a colaboração dos religiosos com essas palavras:

Foram educadores como os jesuítas os beneditinos, os salesianos, os maristas – quase todos estrangeiros – que, no Brasil, nos primeiros anos da República, aceitaram o desafio protestante à pedagogia católica, por alguns anglo-saxões considerada evidência da incapacidade latina de elevar-se às formas mais adiantadas de civilização moderna; e aos valores latinos de educação católica acrescentaram esses educadores, no Brasil daquela época, e para benefício dos meninos e adolescentes brasileiros, seus alunos, anglo-saxonismos como educação esportiva, o *pic-nic*, o *foot-ball* (FREYRE, 1974, p. 581).

Houve ocasiões em que esse próprio ensino privado fora parcialmente subvencionado pelo poder público, sem necessidade de declinar de suas convicções. Durante todo o período colonial, isto é, até o ano de 1759, o <sup>8</sup>munus de ensinar era de competência de algumas congregações religiosas. Essas mantinham suas estruturas específicas, com seus próprios regramentos. Há um momento, bem mais do que uma tensão, quando o Marques de Pombal, secretário de Estado, autor de uma drástica reforma administrativa e econômica, entre numerosas medidas ordenou a expulsão violenta dos jesuítas do império português. Imperavam as ideias iluministas, notadamente o apartamento entre igreja e estado: um claro interesse estatizante, com agentes educativos remunerados visando à formação centralizada de quadros administrativo-políticos. Mesmo que prosseguisse a presença de outros estabelecimentos particulares religiosos, “[...] em 1759 o marquês de Pombal decretou a expulsão dos quinhentos jesuítas que trabalhavam no Brasil, possuíam eles, só nas margens do Madeira, em pleno coração da Amazônia, vinte e oito missões florescentes” (ALVES, 1979, p. 22).

### 2.3 Inteligência Espiritual

Em tempos pós-modernos, se privilegia a inteligência racional ou intelectual, que é utilizada para elaborar e construir conceitos por meio da ciência. É por ela que muitas questões são resolvidas, muitos problemas são solucionados por meio de um pensamento lógico guiado por regras, normas objetivas, padrões pré-estabelecidos. Gardner (1995) fala de uma espécie de padronização da inteligência, modelo que perdurou por muito tempo, acreditando-se haver um único tipo de inteligência. Confundia-se memória com inteligência.

---

<sup>8</sup> Munus: Conjunto de funções que são obrigação de um indivíduo; cargo, emprego; ofício. Múnus público, o que emana do poder público ou da lei e que é exercido em proveito da coletividade. O que procede de autoridade pública ou da lei, e obriga o indivíduo a certos encargos em benefício da coletividade ou da ordem social. (DICIONÁRIO INFORMAL, 2015).

Mas, assevera o autor, neste tempo, com o predomínio de memórias artificiais, cada vez mais sofisticadas e ao nosso alcance, ter memória seria pouco relevante e ser inteligente seria outra coisa. A partir desse cenário, qual seria uma possível definição para inteligência?

Gardner define inteligência como a “capacidade de resolver problemas ou de elaborar produtos que sejam valorizados em um ou mais ambientes culturais ou comunitários” (GARDNER, 2000, p.14). Apresenta uma ideia pluralista da mente humana que se revela por meio de facetas diferentes, compondo o universo de várias inteligências. Cada pessoa possui forças cognitivas separadas e estilos cognitivos diferentes. A partir dessa perspectiva, considera-se com muita seriedade uma visão multifacetada de inteligência. Rompe-se com a visão tradicional de inteligência que era difundida, como apenas a capacidade de enfrentar testes, respondendo a itens preestabelecidos. Reforçam essa ideia Zohar e Marshall (2012, p. 17), quando assim expressam:

Em inícios do século XX, o QI (Quociente de inteligência) tornou-se grande assunto de conversas. Nossa inteligência intelectual ou racional é aquela que usamos para solucionar problemas lógicos ou de grande importância. Psicólogos desenvolveram testes para medi-la. Esses testes tornaram meios para classificar pessoas em graus de inteligências, conhecidos como seu QI, que supostamente lhes indicaria as habilidades ou talentos. Quanto mais alto o QI do indivíduo, dizia a teoria, maior sua inteligência (ZOHAR e MARSHALL, 2012, p. 17).

Esses autores supracitados mencionam que, em meados dos anos noventa, Daniel Goleman<sup>9</sup> divulgou pesquisas realizadas por numerosos neurologistas e psicólogos, apresentando a inteligência emocional. Para tanto, como abreviação conveniente, chamou de QE, “Quociente Emocional (QE)”, que reveste-se de igual importância. “O QE dá-nos percepção de nossos sentimentos e dos sentimentos dos outros. Dá-nos empatia, compaixão, motivação e capacidade de reagir apropriadamente à dor e ao prazer”. (ZOHAR e MARSHALL, 2012, p. 17).

Além dos dois “Qs” conhecidos, “Quociente Intelectual (QI) e Quociente Emocional (QE),” Zohar e Marshall (2012), apresentam em fins do século XX, um conjunto de dados científicos, que demonstraram a existência de um terceiro “Q”, denominado de “QS” – Quociente Espiritual (QS). Em termos gerais, referiam-se à inteligência como sendo possível abordar questões relacionadas ao sentido da vida em uma dimensão mais ampla. Reconhecer

---

<sup>9</sup> Daniel Goleman, ph.D., é psicólogo formado pela Universidade de Harvard. Durante doze anos, escreveu para o New York Times, sendo indicado duas vezes ao Prêmio Pulitzer. Foi cofundador de um grupo colaborativo que tem como missão ajudar as escolas a implementar aulas de inteligência emocional. Também é codiretor de um grupo que recomenda práticas de desenvolvimento de habilidade de inteligência emocional e promove pesquisas rigorosas sobre a contribuição da inteligência emocional ao desempenho no ambiente de trabalho. Dele, a Objetiva publicou *Inteligência emocional, trabalhando com a inteligência emocional, O cérebro e a inteligência emocional e Foco*. (OBJETIVA, 2016).

que existe uma nova inteligência, a inteligência espiritual (QS), poderia ser uma possibilidade de alento para tentar resolver algumas questões existenciais emergidas pelo esvaziamento de sentido. Segundo o que se tem de conhecimento, o conceito de inteligência espiritual foi desenvolvido pela primeira vez de forma sistematizada por Zohar e Marshall (2012, p. 25), mesmo que paradoxalmente os autores afirmem que a inteligência espiritual “é uma capacidade tão antiga quanto a humanidade”.

Gardner (1995) em seu livro “Inteligência Múltiplas”, defende que existem sete tipos de inteligências, incluindo a linguística, a lógico-matemática, a espacial, a musical, a corporal-cinestésica, a interpessoal e a intrapessoal. Com a propagação da “Teoria das Múltiplas Inteligências”, ocorre a ampliação do tradicional conceito de inteligência, retirando a hegemonia do determinismo genético em favor dos aspectos ambientais ou culturais. “Uma inteligência implica a capacidade de resolver problemas ou elaborar produtos que são importantes num determinado ambiente ou cultura” (GARDNER, 1995, p. 21).

O termo inteligência, segundo Gardner (1995) fora utilizado, até o final do século passado, pelos indivíduos em geral, para a descrição das destrezas mentais de si e dos outros, contudo sem precisão. A concepção de inteligência na sociedade ocidental representava compreensão rápida, astúcia ou sabedoria. Já em outras culturas, nenhum termo coaduna com essa noção. Torralba (2013) apresenta a etimologia da palavra inteligência, que é de origem latina: *intelligentia* provém de *intelligere*, termo composto por *intus* (entre) e *legere*, que significa escolher ou ler. Nessa abordagem, ser inteligente seria saber escolher entre várias alternativas a melhor, mas não apenas: é preciso saber ler “dentro das coisas”. E isso somente seria possível se a pessoa, antes de escolher, deliberasse os prós e contras diante de tal decisão, para precisar consequências futuras. Com essa percepção, se evidencia que “uma pessoa inteligente é, de fato, uma pessoa que sabe separar o essencial do acidental, o valioso do que carece de valor, aquilo de que necessita para desenvolver uma determinada atividade daquilo que é irrelevante para a mesma” (TORRALBA, 2013, p. 16).

O ser dotado de inteligência é capaz, portanto, de estar aberto a novas configurações, seja da realidade, seja dos desafios cotidianos e com isso ser protagonista em seu existir e nas determinações que a sociedade na qual vive o pretenda levar. Assim como nos preleciona Torralba (2013):

A inteligência é essa potência que permite conhecer a realidade em distintos graus e níveis de profundidade. Desde o primeiro contato dos sentidos até a compreensão da estrutura mais íntima da realidade, abre-se um grande espaço que exige um exercício gradual. Uma pessoa inteligente tem poder para dirigir sua vida e capacidade para evitar que os outros a determinem com vistas a fins diversos. Sabe adaptar-se às

circunstâncias, detecta os elementos valiosos que existem nelas e é capaz de identificar os elementos negativos. A inteligência cumpre, portanto, uma função adaptativa: permite viver e sobreviver (TORRALBA, 2013, p. 18).

Em outra perspectiva, cabe pensar em possibilidades infinitas que a inteligência humana pode atingir, sem jamais esgotar sua capacidade de compreensão, a partir estudos e conhecimentos de alguns teóricos:

Nem o QI nem o QE, separadamente ou combinados, são suficientes para explicar a enorme complexidade da inteligência humana nem a riqueza imensa da alma do homem e de sua imaginação. [...] O QS permite que seres humanos sejam criativos, mudem as regras, alterem situações. O QS dá-nos capacidade de escolher. Dá-nos senso moral, a capacidade de temperar normas rígidas com compreensão e compaixão e igual capacidade de saber quando a compaixão e a compreensão chegaram a seus limites. Usamos o QS (Quociente Espiritual) para lutar com questões acerca do bem e do mal e imaginar possibilidades irrealizadas – sonhar, aspirar, nos erguermos da lama (ZOHAR e MARSHALL, 2012 p. 19).

Os autores defendem que, de modo geral, as “três inteligências básicas – QI, QE e QS”, que abrangem muitas outras, funcionam juntas, numa perspectiva de apoio mútuo, e que nosso cérebro é organizado de tal maneira que possibilita que elas façam essa dinâmica. Nessa percepção, a inteligência espiritual seria denominada como a inteligência da alma<sup>10</sup>, inteligência com a qual é possível nos curar para nos tornarmos mais íntegros, já que vivemos em mundo tão fragmentado. Essa abordagem poderia ser uma oportunidade apresentada como possibilidade para contribuir com a superação do tal vazio criado pela Modernidade. Vive-se um vazio existencial estampado, expresso nas relações. A sociedade moderna privilegia o corpo em detrimento do espírito. Existe um investimento acentuado na dimensão corpórea, sendo indício disso o elevado número de academias de ginástica. Aqui não estamos desprezando os cuidados com o corpo; entretanto, ressaltamos que essa dimensão deve estar equiparada às demais, para que se encontre um possível equilíbrio, tendo uma visão do todo, visão holística<sup>11</sup>, que concebe o ser humano com parte do universo. Na verdade, somos um todo, compomos uma totalidade, e não parcelas estanques. Visa-se tentar integrar o homem ao universo/natureza em seus diversos aspectos, físicos, emocionais, mentais e espirituais.

<sup>10</sup> Alma - é o que é essencialmente eu. Meu ser puro que é somente meu ser. É o “eu sou” de mim. É o âmbito de mistério que há em mim que me permite alcançar níveis profundos e infinitos de relações. É aquela parte mais profunda de nós mesmos. (TREVISOL, 2011, p. 20).

<sup>11</sup> “O holismo, ou a visão holística é uma maneira de ver o mundo, o Homem e a vida em si como entidades únicas, completas e intimamente associadas. Esta palavra vem do grego HOLOS, que significa "Inteiro" ou "Todo", como em "Holograma"; grama=figura/ Holos=inteira, e representa um novo paradigma científico e filosófico que surgiu como resposta ao mal-estar da pós-modernidade, que é em grande parte causado pela cisão dos aspectos humanos e naturais trazida pelo antigo paradigma.”(INSTITUTO RENASCER DA CONSCIÊNCIA, 2015).

O ser humano não é unicamente matéria física, nem somente consciência e razão, nem tampouco só emoções. Portanto, quando se privilegia apenas alguma(s) dessas dimensões de forma isolada, obviamente, perde-se a visão da sua integridade. Daremos, então, ênfase ao conceito de espírito como dimensão essencial que compõe o ser humano, visando a obter uma perspectiva integral formativa do todo. Boff e Betto (1994) trabalham nessa mesma direção, assim se posicionando: “espírito é o ser humano na sua totalidade enquanto ser que pensa, que decide, que tem identidade, que tem subjetividade, é sujeito”, razão pela qual se aplica a qualidade de espiritual a uma das inteligências humanas (BOFF; BETTO, 1994, p. 47 ). Esses autores continuam ampliando o conceito de espírito, possibilitando-nos uma compreensão mais precisa:

O espírito é o modo de ser. Não é uma parte do ser humano, é uma maneira de ser desse ser exótico na natureza que aparece como homem e mulher, na medida em que ele faz história, isto é, constrói a si mesmo junto com os outros. É um ser cultural, da natureza, mas que atua sobre ela, modificando-a: destruindo-a ou pilotando-a positivamente. É um ser ético, que decide os prós e os contras, que tanto pode desejar o bem do outro, associando-se a ele, como pode rejeitá-lo, eliminando-o [...] espiritualidade é captar esse movimento do mundo, o seu dinamismo, a presença do Espírito nas coisas todas (BOFF e BETTO, 1994, p. 47).

Leonardo Boff (2009), em seu artigo “Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária”, reafirma a concepção de espírito, assegurando que, para compreendermos o conceito de espírito, é preciso buscar desenvolver uma nova concepção de ser humano, visando extrapolar aquela que está consagrada socialmente e transmitida de geração em geração. O ser humano é formado de alma e corpo, matéria e espírito. E, ao invés de compreender essa afirmação de maneira integrada e global, restringiu-se ao entendimento dualista e fragmentado.

Posteriormente, surgiram os diversos saberes relacionados ao corpo e à matéria e os vinculados ao espírito. “Perdeu-se <sup>12</sup> a unidade sagrada do ser humano vivo que é a convivência dinâmica de matéria e de espírito entrelaçados e inter-retro-conectados”. Nessa dimensão, espírito nos permite fazer experiências de “não dualidade”. A partir do espírito é, possível compreender e captar o significado e o valor (sentido) das coisas de maneira consciente.

No dicionário Webster citado por Zohar e Marshall (2012), a palavra espírito está definida como “o princípio animador ou vital; aquilo que dá vida ao organismo físico, em contraste com seus elementos materiais; o hálito de vida”. (ZOHAR e MARSHALL, 2012,

---

<sup>12</sup> Artigo na íntegra: BOFF, 2009.

p.18). O termo espiritual, em decorrência do seu significado, pode realmente nos remeter ao tipo de inteligência que estamos procurando analisar nesse trabalho. Acompanhemos mais algumas definições para inteligência espiritual. “A inteligência espiritual é a capacidade humana de fazer as perguntas fundamentais sobre o significado da vida e de experimentar simultaneamente a conexão perfeita entre cada um de nós e o mundo em que vivemos” (WOLMAN, 2001, p. 15). Seria uma inteligência que abrange diretamente questões existenciais. Esse autor refere-se a uma inteligência do ser que vai além do simplesmente fazer. Confirmando essa abordagem, Gardner, teórico da teoria das inteligências múltiplas, cita sete tipos de inteligências, mas, pensando além do que está posto, o mesmo ousa citar uma possível função para a inteligência espiritual, como podemos conferir:

A inteligência moral ou espiritual serve como uma candidata razoável para uma oitava inteligência, embora existam razões igualmente boas para considerá-la um amálgama da inteligência interpessoal e da inteligência intrapessoal, com um componente do valor acrescentado. O que é moral ou espiritual depende imensamente dos valores culturais; ao desenvolver as inteligências, nós estamos lidando com capacidades que podem ser mobilizadas pelos valores de uma cultura, e não pelos comportamentos que são, eles próprios, valorizados de uma maneira ou outra. (GARDNER, 1995, p. 46).

Torralba (2013) destaca que “a inteligência espiritual faculta ao ser humano a análise valorativa da própria existência e dos ideais e horizontes de sentido da mesma, porém, também, abre outras possibilidades que não estão contidas no termo existencial” (TORRALBA, 2013, p. 10). A inteligência espiritual seria identificada como característica da condição humana. Sendo assim, todo ser humano, em qualquer nível de desenvolvimento, possui essa inteligência, “toda pessoa tem dentro de si a capacidade de buscar a integração de seu ser com a realidade mais ampla que a sua e, ao mesmo tempo, dispõe da capacidade para encontrar um caminho para tal integração” (TORRALBA, 2013, p. 46).

O conceito de inteligência espiritual confere sentido ao agregar-se aos aspectos emocional e racional (esses já aceitos cientificamente), emergindo como uma nova e possível visão para pensar o comportamento humano. Acredita-se que a inteligência espiritual presente em cada mulher e homem pode se constituir como fundamentação à busca do desenvolvimento sustentável, integrando as dimensões cultural, objetiva e subjetiva de encontro aos processos dissociativos e predatórios do planeta. Zohar e Marshall (2012) destacam-se como primeiros na sistematização do conceito de inteligência espiritual, defendendo que é “a inteligência com a qual podemos pôr nossos atos e nossa vida em um contexto mais amplo, mais rico, mais gerador de sentido, a inteligência com a qual podemos

avaliar que um curso de ação ou caminho na vida faz mais sentido que outro” (ZOHAR e MARSHALL, 2012, p. 18).

Nesse sentido, já realizei inicialmente uma pesquisa sobre inteligência espiritual, por ocasião da participação no seminário metodológico, disciplina oferecida pelo programa de Pós-Graduação/PUCRS no qual estudamos a análise textual discursiva e fomos motivados pela professora a trazermos dados de uma pesquisa para ensaio de uma análise. Resolvi, então, fazer uma pesquisa breve, abordando a temática da inteligência espiritual. Para submeter a essa abordagem de análise, o referido estudo foi desenvolvido por seis pessoas com graduação em nível superior com áreas distintas: psicologia, direito, história, filosofia e pedagogia. Os participantes responderam a um questionário elaborado por mim, tendo com temática principal o entendimento de inteligência espiritual. O questionário continha as seguintes questões: O que é inteligência espiritual para você? Você conhece ou ouviu falar em inteligência espiritual? Comente. Você concorda que exista uma inteligência espiritual no ser humano? Você considera que exista alguma relação entre religiosidade e espiritualidade? Comente. Você acredita que a inteligência espiritual estaria relacionada ou vinculada a alguma religião ou filosofia de vida? Comente. A partir da teoria das inteligências múltiplas cada inteligência possui uma função no cérebro humano; em sua opinião qual seria a função da inteligência espiritual? Em seu ponto de vista o que seria uma pessoa com uma inteligência espiritual desenvolvida?

Contatados os seis sujeitos do estudo para socialização do seu objetivo, foi entregue a eles um questionário. Os dados nesse momento estão sendo analisados, deixando inicialmente entrever e ser conhecida a inteligência espiritual por metade dos sujeitos envolvidos. Um deles afirma que: *“até o momento, não havia escutado sobre inteligência espiritual”* (Entrevistado 3). Outros mencionaram ter ouvido superficialmente referências sobre o assunto, contudo disseram que não teriam argumentos para explicitar algo sobre a temática: *“Sim, já ouvi em conjunto quando criaram as nomenclaturas das inteligências (emocional, artificial...) que seria uma dimensão pouco desenvolvida ou pouco valorizada entre as pessoas”* (Entrevista 4). E, referindo-se à definição de inteligência espiritual, os entrevistados, mesmo não tendo apropriação sobre o assunto, ousaram defini-la a partir de suas próprias experiências.

A dimensão comum descrita referiu-se ao sentido existencial do humano na terra, relacionada a seu projeto de vida, descobertas, escolhas e a relação com o outro. *“Acho que inteligência espiritual deve ser a inteligência de saber e se relacionar com seu próprio "espírito", com seu eu, com os "espíritos" dos demais, ou seja, com as outras pessoas, com a*

*sociedade e também com o mundo, o cosmos” (Entrevista 4). Após algumas tentativas de definição, a motivação foi pensar em uma função para a inteligência espiritual: “Ela nos ajuda nas coisas mais elementares de nosso dia a dia: ter vontade de fazer algo, ser criativo e não desanimar diante de uma dificuldade da vida, agirmos de maneira ética e dando sentido a tudo aquilo que fazemos, dar sentido às coisas não é fácil, é desafiador e requer empenho; acredito que a inteligência espiritual é o que nos diz que fazer o bem é bom e mudar os rumos da vida quando vemos que não estamos plenos naquilo que realizamos” (Entrevista 1).*

As respostas pontuaram questões significativas referentes à compreensão do sentido da vida, altruísmo, buscas, viver por um caminho reto, íntegro, com equilíbrio entre ciência e fé. *“Trata de uma dimensão da vida do ser, a linha que separa a psicológica é muito tênue. Trata das questões da afetividade, do amor, da ternura, enfim dos valores imateriais”.* (Entrevista 5). Outro entrevistado assim referiu-se: *“Na verdade, não sei. Imagino que a função da inteligência espiritual seja algo tipo saber buscar a paz consigo mesmo, encontrar os sentidos da vida e as razões para a própria existência, conectar-se com o mundo e com as pessoas que nele vivem entendendo os motivos para estar nesse mundo e sua “missão” no mundo”* (Entrevista 6).

Percebeu-se nesse ensaio e na análise preliminar desenvolvida que a busca pelo sentido da vida permeou o foco principal das respostas, mesmo dizendo que não possuíam apropriação sobre o assunto em questão. As respostas evidenciaram o anseio de uma vida feliz ancorada em valores, projetos, sentidos em relação com o outro, consigo mesmo e com o cosmo. Inteligência espiritual estaria relacionada com a experiência humana possível do sagrado, do divino, do extraordinário e transcendental. Todavia, a terminologia de inteligência espiritual era desconhecida para a maioria dos entrevistados.

Torralba (2013) argumenta que a inteligência espiritual não é propriedade de um determinado credo confessional religioso. O ser humano possui essa capacidade independente de crenças religiosas; mesmo que todo indivíduo possua necessidades de ordem espiritual, ele pode desenvolver-se dentro ou fora de alguma tradição religiosa. *“A inteligência espiritual é uma capacidade que permite múltiplos desenvolvimentos e experiências”* (TORRALBA, 2013, p. 13).

A sociedade atual vive um cenário de economia globalizante, tendo como resultante o crescimento exacerbado e concentrado das riquezas. Vive-se numa permanente disputa no setor profissional que se caracteriza por produzir e competir em busca de resultados, os quais integram parte de uma geração imersa na era do conhecimento informatizado. Trata-se de uma nova ordem econômica que vem agravando uma crise de sentido e de valores. É mitigado



o sentimento de pertença ou processo social associativo a uma conjuntura mais ampla que outorgue validade à sua existência, como inserto em uma comunidade, um membro da humanidade, que reflete a ausência de sentido presente nas relações interpessoais e prioriza o fazer por fazer como um autômato, sem projetos relevantes ou razões para existir. Transparece um caos, uma anomia deixando no ar uma sensação de lacuna, de vazio, um hiato que necessita ser preenchido.

Trevisol (2011) corrobora ao compreender essa realidade quando escreve: “[...] sempre se tratou do desenvolvimento humano olhando para o corpóreo, emocional, social e cognitivo, deixando de lado as estruturas responsáveis pelas experiências mais sutis, como são aquelas de cunho espiritual e místico” (TREVISOL, 2011, p. 40).

Inspirada nas teorias aqui apresentadas, a autora dessa pesquisa construiu o conceito de inteligência espiritual, compreendendo que: essa inteligência não se confunde com credos filosóficos ou religiosos; o humano pode ser alheio a ideologias e agnóstico, e, mesmo assim, desenvolver essa dimensão. Todavia, a inteligência espiritual ultrapassa a realidade fungível, possibilitando ao indivíduo, experiências de transcendência, nomeada como a “inteligência da alma”, enseja-se extrapolar as linearidades cotidianas do homem mediano.

Inteligência espiritual configura-se em uma abordagem relacionada as questões referentes ao sentido da vida. É possível refletir sobre o sentido e significado da existência humana, sempre repensando o passado, para viver consciente o presente e projetar o futuro. Essa inteligência pode ser o aperfeiçoamento do ser.

## **2.4 Formação Integral**

Vários autores como Assmann, Maturana, Verden-Zoller, Morin. Moraes, Anísio Teixeira, entre outros, trabalham com a temática da formação integral. Uns chamam o termo integral, outros chamam de integralidade, outros ainda de inteireza. A palavra integral é associada a várias terminologias, dependendo da abordagem adotada. No entanto a formação integral dessa pesquisa tem como base teórica o pensamento e reflexão do autor Rafael Yus.

Vivemos em uma sociedade fragmentada, marcada por um exacerbado individualismo. Prioriza-se a cultura do eu, do isolamento. Para Yus (2002), a educação do século XXI deve ser totalmente integral, ou seja, precisa englobar todas as dimensões de uma pessoa: cognitiva, emocional, psicológica, social, cultural e espiritual, integrando as diversas dimensões do fenômeno educacional. Partindo dessa premissa, o conhecimento escolar precisa ser organizado a partir de uma visão globalizante, que fuja do modelo tradicional

aplicado aos currículos escolares. O cenário educacional não pode mais permanecer arraigado aos modelos tradicionais, com um pensamento linear, voltado unicamente para uma posição analítico-mecanicista, que sustenta uma estrutura fragmentada e a hegemonia das disciplinas acadêmicas. É preciso buscar alternativas para uma educação, que, por muito tempo, esteve sob o domínio do materialismo e do mecanicismo, que concebiam seus alunos como compartimentos isolados que não interagem em si.

Urge a necessidade de uma educação que fomente a construção de nova visão da realidade, mais humana, observadora e com relações diversas, estabelecidas entre as partes constituintes do todo universal, que se compreenda que o todo não é todo sem as partes. Yus (2002) defende que a educação precisa ser entendida como uma oportunidade que conduz o aluno a buscar por conexão com o universo que o rodeia. Assim, a educação precisa construir pontes entre diferentes saberes, direcionando-os para uma formação integral, fundamentados numa visão de mundo que prima pela totalidade em contraposição à visão fragmentada apresentada até então. Nessa perspectiva, faz-se necessário romper com todo o modelo tradicional e seletivo de se trabalhar na educação, e aderir uma prática educativa que considere as aptidões, interesses, habilidades e também as realidades sociais de cada aluno.

Diante dessa problemática da educação, Yus (2002) defende que “[...] para as exigências de nosso tempo é necessária outra forma de ensino e, portanto, uma reconceituação da cultura escolar nas salas de aula” (YUS, 2002, p. 178). Isso devido à enorme diferença entre o conhecimento disciplinar e o conhecimento do senso comum, que o aluno traz para a escola. Com a meta de propiciar a incorporação dessas duas modalidades de conhecimentos, é preciso encontrar um vínculo que faça a ligação entre esses saberes. O autor propõe, então, um investimento significativo em um currículo integrador que prime por uma visão holística:

[...] indica que no currículo holístico tenta-se elaborar certa diversidade de conexão em que a matéria disciplinar ocupa um lugar central, podemos estabelecer relação com o eu do próprio aluno, com outras matérias e com a comunidade em que a escola está inserida. ( J. MILLER, 1996 apud YUS, 2002 p. 182).

Pensar em um paradigma integrador pode dar-nos certa esperança, convertida em alento para mudar ou quem sabe alterar o sistema de educação. Não com estruturas prontas e acabadas, mas com possibilidades, com processos de práticas educativas mais integradas, com objetivos que foquem o aluno como sujeito principal de sua aprendizagem no processo educativo. A educação numa visão holística e integral necessita da participação do ser, em seu todo, contemplando todas as dimensões. Essa abordagem seria ser uma ruptura como o modo tradicional, já citado anteriormente. Cavaliere (2002) corrobora com essa teoria:

Educação integral, significando uma educação escolar ampliada em suas tarefas sociais e culturais com o objetivo de reconstrução das bases sociais para o desenvolvimento democrático, o qual só poderia se dar a partir de indivíduos intencionalmente formados para a cooperação e a participação. (CAVALIERE, 2002, p. 1).

Yus (2002) destaca a importância do movimento de integração curricular, que aposta em uma educação holística, focada especificamente quando acontece o fenômeno das disciplinas curriculares integradas no processo educativo. Para tanto, o autor prossegue enfatizando a relevância de se ter um currículo integrado, a partir das experiências de aprendizagens planejadas, que proporcionam não só aos alunos uma visão unificada do conhecimento, que se tem habitualmente, mas, por outra perspectiva, desenvolvem sua capacidade de perceber e compreender novas relações, e, ainda, novos modelos, sistemas, que façam a diferença na estrutura educacional. “Comumente se acerta que o currículo integrado é uma abordagem educativa que prepara as crianças para a aprendizagem da vida.” (Yus, 2002, p. 184).

Procurando compreender a complexidade e ao mesmo tempo a novidade da significância de um currículo integrado, o autor em estudo apresenta algumas características que definem esse instrumento de trabalho numa visão holística, apostando numa formação e integração dos alunos.

Uma combinação de disciplinas; uma ênfase nos projetos; fontes que vão além dos livros didáticos; relações entre conceitos; unidades temáticas como princípios organizadores; Horários flexíveis; Agrupamentos flexíveis de estudantes. Sistemas alternativos de avaliação. (YUS 2002 p. 185).

Faz sentido mencionar que, segundo Yus (2002), é preciso investir na interação entre o eu e as disciplinas. E conseqüentemente a interação entre diferentes disciplinas que tradicionalmente são separadas a partir de uma organização pedagógica pré-estabelecida. O autor lembra dois conceitos que fazem parte desse processo. A multidisciplinaridade seria uma possível aproximação entre duas ou mais disciplinas, que estão separadas e, no entanto, podem trabalhar juntas. Em um nível mais profundo, cita a interdisciplinaridade, trabalha realizado com o envolvimento de duas ou mais disciplinas.

Outra característica destacada nessa visão pedagógica holística, a partir de uma perspectivada de formação integral, é a participação dos alunos nos processos de ensino e de aprendizagem. Os alunos são reconhecidos como protagonistas, pois assumem a responsabilidade por sua própria aprendizagem. As necessidades dos estudantes são contempladas nas experiências de aprendizagens. Existe o envolvimento ativo dos mesmos

em grupos e contextos de acordo com as necessidades. Assim, constrói-se uma máxima nesse sistema, no qual a aprendizagem é compreendida, aplicada, demonstrada e interiorizada.

Similar a essa teoria, encontramos um recorte na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais<sup>13</sup> (PCNs) referindo-se ao Ensino Fundamental. No texto, não localizamos um destaque para a formação integral/holística, mas o mesmo se remete a uma educação de qualidade, que poderia ser considerada um direcionamento para a formação integral quando refere-se a uma proposta educacional que visa à qualidade da formação que é oferecida aos estudantes.

O ensino de qualidade que a sociedade demanda atualmente expressa-se aqui como a possibilidade de o sistema educacional vir a propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem.(PCNs- p.27- <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>)

Yus (2002) retoma ainda a necessidade de se priorizar a formação integral no sistema educacional, principalmente diante do caos atual presente na sociedade. A proposta apresentada pelo autor volta-se para o desenvolvimento e inclusão das questões de valores como parte dos conteúdos curriculares. Poderia ser uma possibilidade de aproximação, de conexão entre escola e vida, a partir de uma perspectiva social e crítica.

Ajudando-nos a compreender a importância dos valores na vida de uma pessoa, Torralba (2013) explica que os valores não são realidades tangíveis, mas configuram-se como uma força motriz que guia a existência de uma pessoa. Não são fatos, ou muito menos paixões, são referências em nossa vida. O valor é um alvo norteador que mostra por onde se deve seguir. Esse processo de vivência a partir de valores seria gradual, pois nunca se alcança em plenitude. Um valor jamais se esgota em si mesmo. Mas, ao passar dos anos, ele torna uma pessoa mais valiosa.

Seguindo o pensamento de Yus (2002), numa perspectiva da formação integral, somos todos educadores, cidadãos e pais de inúmeros movimentos e procedências, que manifestam

---

<sup>13</sup> PCNs - Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são a referência básica para a elaboração das matrizes de referência. Os PCNs foram elaborados para difundir os princípios da reforma curricular e orientar os professores na busca de novas abordagens e metodologias. Eles traçam um novo perfil para o currículo, apoiado em competências básicas para a inserção dos jovens na vida adulta; orientam os professores quanto ao significado do conhecimento escolar quando contextualizado e quanto à interdisciplinaridade, incentivando o raciocínio e a capacidade de aprender (BRASIL, 1997).

um interesse comum pelo futuro da humanidade, por isso a educação pode ser esse espaço de superação, de construção de vínculos, de conexões, de integralidade e inteireza. Acredita-se que estamos enraizados em um universo integrado e todas as forças estão interligadas, numa unicidade que supera a fragmentação social e escolar.

### **3 AÇÕES METODOLÓGICAS**

Apresentamos os objetivos na parte introdutória das ações metodológicas dessa pesquisa, com a pretensão de retomar o foco que norteou todo processo de pesquisa desenvolvido e aqui apresentado.

#### **3.1 Objetivo geral**

Compreender como um colégio confessional católico da cidade de Porto Alegre contribui para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos, que cursaram todo o Ensino Fundamental nessa Instituição de Ensino, com previsão de conclusão do Ensino Médio no ano de 2016.

#### **3.2 Objetivos Específicos**

- a) Analisar o conceito de Espiritualidade existente nos documentos do Colégio pesquisado, para o desenvolvimento de uma inteligência espiritual de seus alunos.
- b) Identificar nos documentos do Colégio pesquisado ações propiciadas para que seus alunos vivenciem e desenvolvam sua espiritualidade.
- c) Avaliar, pelas experiências vividas, como os alunos investigados colocam em prática valores desenvolvidos, em seu cotidiano escolar e fora dele, que dão sentido às suas vidas.
- d) Identificar outras fontes que os alunos buscam para fomentar e desenvolver sua espiritualidade, além do oferecido no ambiente escolar.

Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma abordagem metodológica qualitativa. Teve seu respaldo na teoria de Flick, que afirmou: “a pesquisa qualitativa é orientada para análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e

atividades das pessoas em seus contextos locais”. (FLICK, 2009, p. 28). O pesquisador, nessa proposta metodológica, se torna um investigador em contato direto com a investigação, acreditando que os dados da pesquisa precisam ser coletados, no ambiente em que se situa a pesquisa, no foco natural de interesse científico. Existe uma correlação direta entre pesquisa e pesquisador para que o trabalho possa vir a ter êxito frente aos objetivos propostos e siga uma lógica estruturada a partir de um foco, quando se define e adota a pesquisa qualitativa como opção metodológica para um trabalho de pesquisa. Todavia faz-se necessário compreender que:

Uma das grandes postulações da pesquisa qualitativa é a de sua atenção preferencial pelos pressupostos que servem de fundamento à vida das pessoas. No positivismo, eles foram considerados como óbvios ou não investigáveis. O enfoque fenomenológico privilegiou esta análise porque considerou que os significados que os sujeitos davam aos fenômenos dependiam essencialmente dos pressupostos culturais próprios do meio que alimentavam sua existência (TRIVIÑOS, 1987, p.130).

Segundo FLICK (2009), para se realizar uma pesquisa qualitativa, é preciso ficar focado em critérios centrais, que consistem em determinar se as descobertas são embasadas em material empírico, se os métodos estão adequadamente selecionados e aplicados ao objeto em estudo. Sendo assim, na pesquisa qualitativa, o pesquisador desempenha um papel de fundamental importância, exercendo suas competências comunicativas, que fazem parte do instrumento de coleta de dados e de cognição. Por isso, não será possível adotar um papel de neutralidade, no campo pesquisado, tendo contato com as pessoas a serem entrevistadas ou observadas. Nessa perspectiva, observa-se que:

A tradição de investigação qualitativa, em ciências sociais, consiste essencialmente em estudar e em interagir com as pessoas no seu terreno, através da sua linguagem, sem recorrer a um distanciamento que levaria ao não emprego de formas simbólicas estranhas ao seu meio (GAUTHIER, 1987 *apud* LESSARD-HÉBERT; GOYETTE; BOUTIN, 1990, p. 47).

A partir dessa abordagem qualitativa, o método de pesquisa foi inicialmente fenomenológico. Partindo da realidade, do fenômeno, fazendo uso da atitude de compreensão, desentranhar o fenômeno, colocando-o a descoberto. Assim se pretendeu ir além da aparência, por isso o uso da fenomenologia, considerando ser necessário avançar para além da primeira apreensão. Somente desse ponto se partiu para a interpretação. A próxima etapa deu-se por meio da fenomenologia hermenêutica que é dialética, quando não reduz os objetos, mas os considera na sua complexidade. A realidade dos fenômenos não se esgota no que se apresenta e nem tampouco nas suas interpretações. O aprender sobre e com é contínuo, nunca se esgota.

Confirma esse posicionamento Gadotti (2004, p. 148), quando assim se expressa: “ora, a fenomenologia hermenêutica me oferecia a metodologia necessária para isso, como técnica de desconstrução, de destruição, de suspeita da realidade”.

Segundo Japiassu e Marcondes (1996 *apud* Turato, 2003, p. 101-102), o termo fenomenologia foi criado por Lambert no século XVIII para designar o estudo descritivo do fenômeno como se apresenta à nossa experiência e tornou-se uma corrente filosófica do que podemos chamar “volta às coisas mesmas” ou daquilo que aparece à consciência, isto é, à consciência de alguma coisa. Assim é possível compreender que a fenomenologia pretende:

Ser a lógica dos fenômenos subjectivos (Herman, 1983, p.53). Ela é “investigação sistemática da subjetividade” (Bullington e Karlson, in Tesch, 1988, p.1), isto é, dos conteúdos da consciência. Numa abordagem deste tipo são privilegiados os dados experimentais, pois são eles que fornecem as informações mais completas relativamente aos significados próprios ao indivíduo” (Bachelor e Joshi, 1986, p.15). De Husserl (1907) a Gusdorf (1960), de Merleau-Ponty (1961) a Berger (1963), a corrente fenomenológica constitui uma reacção antimaterialista em sociologia e antbehaviorista nas ciências do comportamento (LESSARD-HÉBERT; GOYETTE, BOUTIN, 1990, p. 47).

Ainda parafraseando Japiassu e Marcondes (1996, *apud* Turato p. 133,2003), a fenomenologia é um método de análise que coleta os conteúdos do pensamento, as ideias em sua essência contrapondo a ideia do natural que considera que tais imagens seriam representações do mundo externo. Ainda pode ser considerado um método de análise que busca colher os conteúdos do pensamento, ou seja, as ideias em sua essência, procurando libertar-se do senso comum. No entanto, para Heidegger, “o método fenomenológico não nos deve levar a caracterizar a essência de uma coisa ou conjunto das condições que determinam um ser particular, mas, sim, o seu modo, como eles o são” (*apud* TURATO, 2003, p. 205).

Para discutir a técnica de Interpretação, chamada de hermenêutica, fez-se uso da teoria de Hans-Georg Gadamer (2007), pai da hermenêutica moderna, que busca na filosofia clássica, precisamente no livro a *Ética a Nicômaco*, no qual Aristóteles trabalha as virtudes necessárias à felicidade do homem e Gadamer retira a virtude prática da Phrónesis<sup>14</sup>, como necessária para a interpretação do mundo moderno. Na sua obra *Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica* (2007), o autor recupera e propõe a Hermenêutica como ferramenta necessária para discussão dos desafios modernos. Gadamer

---

<sup>14</sup>*Phronesis*. Termo grego que pode ser traduzido por “senso prático”, “senso comum”, ou até mesmo “prudência”. Na *Ética a Nicômaco* (VI, 5), Aristóteles define *phronesis* como sabedoria prática, uma das virtudes intelectuais, aquilo que faz com que o homem seja capaz de deliberar corretamente sobre o que é bom ou mau para si. (JAPIASSU e MARCONDE, 2008)

apresenta a hermenêutica como uma possibilidade, um modo, uma atitude filosófica para encontrar as formas de verdade para as quais o método científico é inadequado ou ineficiente. Essa atitude prática, não pode ser aprendida por um método, uma técnica, mas ela vem da prática, da inserção do intérprete nesse mundo. Nesse contexto, apresenta ainda a caracterização de um sujeito que exerce o ato de compreender e argumenta: “[...] o homem que compreende não sabe e nem julga a partir de um simples estar postado frente ao outro sem ser afetado, mas a partir de uma pertença específica que o une com o outro, de modo que é afetado com ele e pensa com ele” (GADAMER, 2007, p. 425). Assim, a compreensão só alcançaria sua verdadeira possibilidade quando as opiniões prévias com as quais iniciamos não forem arbitrarias (GADAMER, 2007). Observa-se que a questão central apresentada por Gadamer gira em torno da possibilidade expressa na pergunta: é possível compreender? Isso numa dimensão filosófica. Para ele, essa pergunta antecede o próprio ato de compreender e ainda todo o comportamento metodológico das ciências.

O principal instrumento de coleta de dados é o próprio investigador, que lida com as mais variadas realidades, sendo capaz de reconhecer e classificar o que emerge da pesquisa. Com isso, a análise dos dados deu-se a partir do que é definido no argumento:

Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões de investigação não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objetivo de investigar os fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural” (BOGDAN E BIKLEN, 1994 apud BOAVENTURA, 2007, p. 56-57).

Essa pesquisa em sua proposta de investigação sucedeu-se em um colégio<sup>15</sup> confessional católico na cidade de Porto Alegre, no qual a pesquisadora leciona. Atualmente, trabalha com alunos no 5º ano do Ensino Fundamental, não atuando, portanto, diretamente com o público alvo da pesquisa. A pesquisa foi realizada com um grupo de seis alunos, considerando terem seis turmas de 3º ano do Ensino Médio. Os alunos foram escolhidos por sorteio, aleatoriamente, sendo um concluinte por turma, tendo como critérios para participar do sorteio terem feito todo o ensino fundamental nesse colégio, com previsão de conclusão do

---

<sup>15</sup> “Colégio situado em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, pertencente à Província do Brasil Meridional (BRM), tem como mantenedora a Associação Antônio Vieira (ASAV) e oferece Ensino de Educação Infantil até o Ensino Médio aos seus três mil alunos aproximadamente (2015); é dos maiores representantes da educação católica no Estado. O Colégio tem como proposta a formação de cidadãos para a sociedade e para o mundo, isto é, homens conscientes do sentido e significado da formação para a sociedade, comprometidos com sua proposta e afirmando valores universais contidos no seu carisma e espiritualidade” (SCHNEIDER, 2013, p.55).



Ensino Médio também nele no ano de 2016. Os alunos sorteados estavam com as idades entre 16 e 17 anos, e houve igualdade de gênero entre os participantes.

A coleta de informações foi realizada por entrevistas semiestruturadas com os alunos selecionados e por meio da análise de documentos próprios do Colégio, entre eles, o Plano Político Pedagógico (PPP), Pedagogia Inaciana (PI) e o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação (PEC).

Cumpramos ressaltar que se trata, entretanto, de uma pesquisa de campo que não se restringe apenas à utilização de documentos, mas também se utiliza de sujeitos, alunos do colégio. Os documentos analisados foram “utilizados como fontes de informações, indicações e esclarecimentos que trazem seu conteúdo, para elucidar determinadas questões e servir de provas para outras, de acordo com o interesse da pesquisa” (FIGUEIREDO, 2007, p. 5).

Importante aqui trazer a definição de documento entendida como “qualquer suporte que contenha informações registradas, firmando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova” (APPOLINÁRIO, 2009, p. 67). Considerando tais observações, ciente de que todo conhecimento pressupõe, em sua análise, etapas de abordagem, é importante destacar que foram seguidos os princípios da análise documental escolhida (SEVERINO, 2000). Tendo como objetivo explorar o simbólico das mensagens nele trazidas, no que se refere ao tema pesquisado, não sendo a proposta chegar à etapa de construção de categorias.

Complementam essa ideia Lüdke e André (1986), quando referem-se à análise documental como uma busca para identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse do pesquisador.

A coleta de dados aconteceu, portanto, por meio da análise dos documentos do colégio anteriormente citados, seguindo os princípios do método de leitura analítica<sup>16</sup>, segundo Severino (2000). Esse autor apresenta diretrizes norteadoras para a realização desse processo a partir de algumas etapas significativas. O passo inicial é a delimitação da unidade de leitura, volta-se a uma parte que componha uma determinada unidade de sentido a ser trabalhada sobre a mesma. “Dessa maneira, determinam-se os limites no interior dos quais se processará a disciplina do trabalho de leitura e estudo em busca da compreensão da mensagem” (SEVERINO, 2000, p.51). Conforme essa orientação teórica, para fins de estudo, a leitura de um texto é realizada em etapas. Somente se passará para análise da unidade seguinte, após o

---

<sup>16</sup> “A leitura analítica é um método de estudo que tem como objetivos: favorecer a compreensão global do significado do texto; treinar para a compreensão e interpretação crítica dos textos; auxiliar no desenvolvimento do raciocínio lógico; fornecer instrumentos para o trabalho intelectual desenvolvido nos seminários, no estudo dirigido, no estudo pessoal e em grupos, na confecção de resumos, resenhas, relatórios etc.” (SEVERINO, 2000, p. 59).

término da unidade atual. Com esse intuito, o leitor terá condições de perceber uma visão geral do documento analisado.

Após delimitação das unidades de leitura, passa-se para a análise textual. Essa compreende a seguinte estrutura prática:

Procede-se inicialmente a uma leitura seguida e completa da unidade do texto em estudo. Trata-se de uma leitura atenta, mas ainda corrida, sem buscar esgotar toda compreensão do texto. A finalidade da primeira leitura é uma tomada de contato com toda unidade, buscando uma visão panorâmica, uma visão de conjunto do raciocínio do autor. Além disso, o contato geral permite ao leitor sentir o estilo e método do texto (SEVERINO, 2000, p. 51-52).

Durante esse primeiro contato, fez-se um levantamento de todos os elementos que seriam básicos para uma precisa compreensão do texto em estudo. É relevante assinalar possíveis dúvidas que surgiram durante a leitura, além de elencar os conceitos que fundamentam o texto. “A análise textual pode ser encerrada com uma esquematização do texto, cuja finalidade é apresentar uma visão de conjunto da unidade” (SEVERINO, 2000, p. 53).

O passo seguinte foi a análise temática. Nessa etapa procurou-se saber do que fala o texto, qual o tema, o assunto da unidade em estudo. Qual a problematização que o tema apresentado pelo autor evidencia e, ainda, quais as proposições e abordagens defendidas. “A análise temática procura ouvir o autor, compreender, sem intervir nele, o conteúdo de sua mensagem. [...] trata-se de fazer ao texto uma série de perguntas, cujas respostas fornecem o conteúdo da mensagem” (SEVERINO, 2000, p. 53-54).

A terceira abordagem é a análise interpretativa, consiste em situar o texto, abrangendo o contexto, o qual é apresentado em uma perspectiva cultural, histórica e filosófica que justifique o fundamento teórico apresentado em seu decorrer. Consequentemente, produz-se um juízo crítico, considerando alguns critérios:

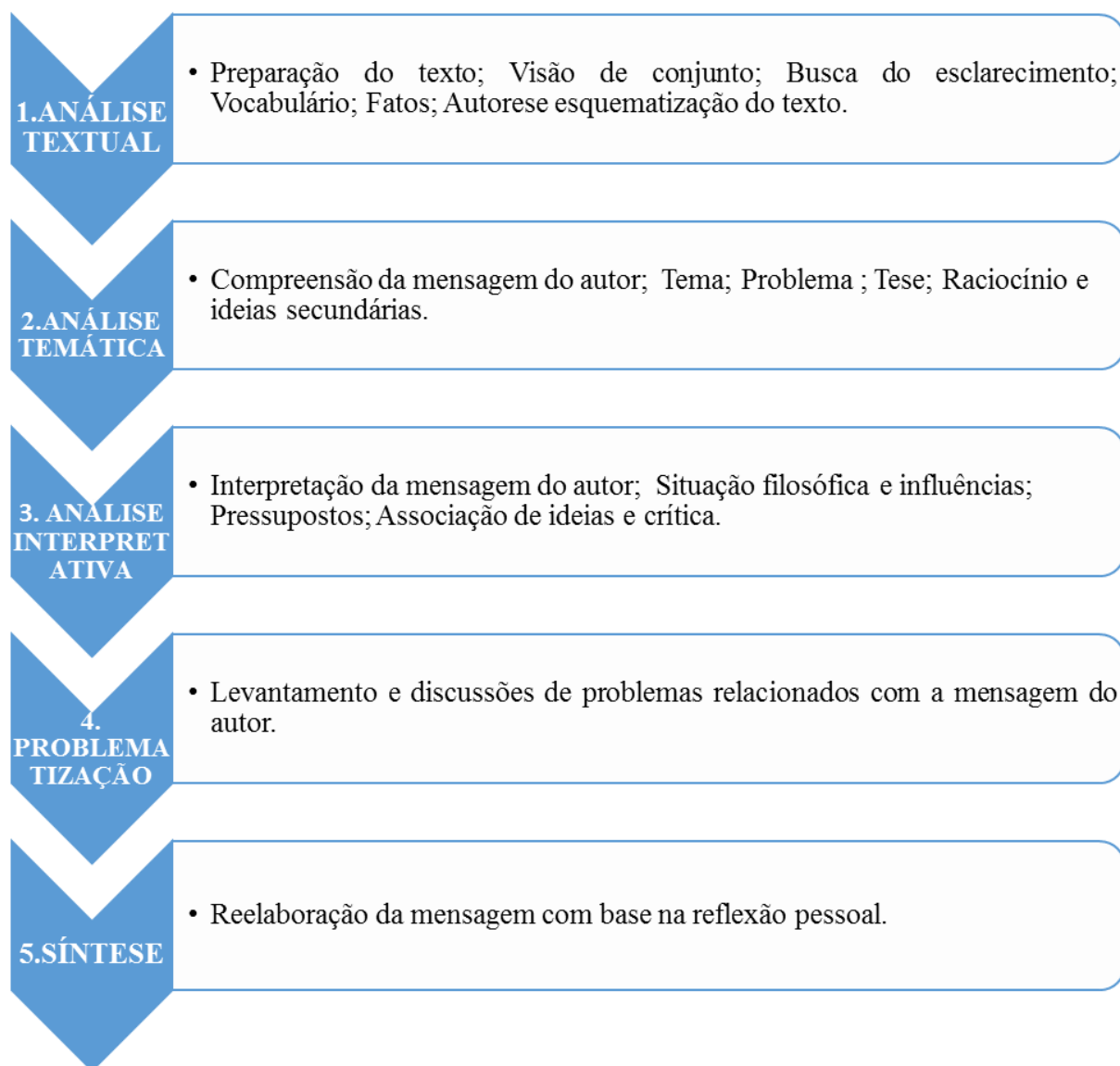
“coerência interna da argumentação; validade dos argumentos; validade dos argumentos empregados; originalidade do tratamento dado ao problema; profundidade de análise ao tema; alcance de suas conclusões e consequências; apreciação e juízo pessoal das ideias defendidas” (SEVERINO, 2000, p. 60).

A problematização é a quarta abordagem: trabalha-se com o levantamento de questões afins, apresentadas implícita ou explicitamente no texto. O autor ressalta que, nessa fase, retoma-se todo texto, tendo em vista a elaboração de problemas significativos para reflexão tanto pessoal quanto em grupo.

Realizado o processo de problematização, encaminhou-se para elaboração de uma síntese pessoal a partir de todo processo percorrido até aqui. Severino (2000) destaca que, nessa etapa, elabora-se uma mensagem, retomando o texto e produzindo um novo via reflexões e discussões pessoais.

Segue a figura 1 sobre o método de leitura analítica apresentada por Severino, aplicado nesta pesquisa:

Figura 1 – Método de Leitura



Fonte: SEVERINO (2000, p. 61)

A análise dos dados das entrevistas foi textual discursiva, a partir da teoria de Moraes e Galiuzzi (2014, p. 13). “A análise textual discursiva opera com significados construídos a partir de um conjunto de textos. Os materiais textuais constituem significantes a que o analista precisa atribuir sentidos e significados”. Outra dimensão importante que merece ser destacada

em relação às leituras de textos, segundo os autores, “é o exercício de uma atitude fenomenológica” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 14), anteriormente referida, atitude que implica “colocar entre parêntese as próprias ideias e teorias e exercitar uma leitura a partir da perspectiva do outro” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 14-15). Complementam os autores que, embora todo o esforço para colocar entre parêntese as ideias e teorias, “qualquer leitura implica ou exige algum tipo de teoria para poder concretizar-se” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 15).

Segundo os autores Moraes e Galiazzi (2014), utilizar a ATD “implica assumir uma atitude fenomenológica, ou seja, deixar que os fenômenos se manifestem, sem impor-lhes direcionamentos. É ficar atento às perspectivas dos participantes” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 30). Nessa abordagem:

A análise textual propõe-se a descrever e interpretar alguns dos sentidos que a leitura de um conjunto de textos pode suscitar. Sempre parte do pressuposto de que toda leitura já é uma interpretação e que não existe uma leitura única e objetiva. [...] “O ciclo da análise aqui focalizado é um exercício de produzir e expressar sentidos. Os textos são assumidos como significantes em relação aos quais é possível exprimir sentidos. Pretende-se, assim, construir compreensões a partir de um conjunto de textos, analisando-o e expressando a partir dessa investigação alguns dos sentidos e significados que possibilita ler. Os resultados obtidos dependem tanto dos autores dos textos quanto do pesquisador. (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 14).

Para os autores, “a análise textual discursiva pode ser entendida como o processo de desconstrução, seguido de reconstrução, de um conjunto de materiais linguísticos e discursivos, produzindo-se, a partir disso, novos entendimentos sobre os fenômenos e discursos investigados” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 112). Esse processo envolverá a identificação e o isolamento de enunciados, a partir dos materiais que serão submetidos à análise em função de uma posterior categorização, tendo como foco a produção de textos, integrando descrição<sup>17</sup> e interpretação<sup>18</sup> a partir do sistema de categorias construído. Segundo

---

<sup>17</sup> Segundo o dicionário de Filosofia, descrição é um discurso que conduz à coisa através de suas marcas. Isso estabelece a diferença entre descrição e definição, pois enquanto esta declara a essência, que é universal, a descrição conduz à coisa singular, faz referência à individualidade da coisa, àquilo que a distingue das outras. [...] A descrição compõe-se de acidentes, de caracteres próprios e acidentais, como, por exemplo: o homem é capaz de rir, anda ereto e tem unhas largas. [...]. Dessa doutrina tradicional, a lógica contemporânea aceita só o significado geral, isto é o reconhecimento do caráter individualizante da descrição. Mas choca-se com a dificuldade representada pelo fato de a descrição ser constituída por proposições que têm *sentido*, conotação, mas não *significado*, denotação que consiste na referência a um objeto existente. [...] Nesses termos, o problema da descrição tem conexões estreitas com o da natureza do significado (ABBAGNANO, 2000, p.241-242).

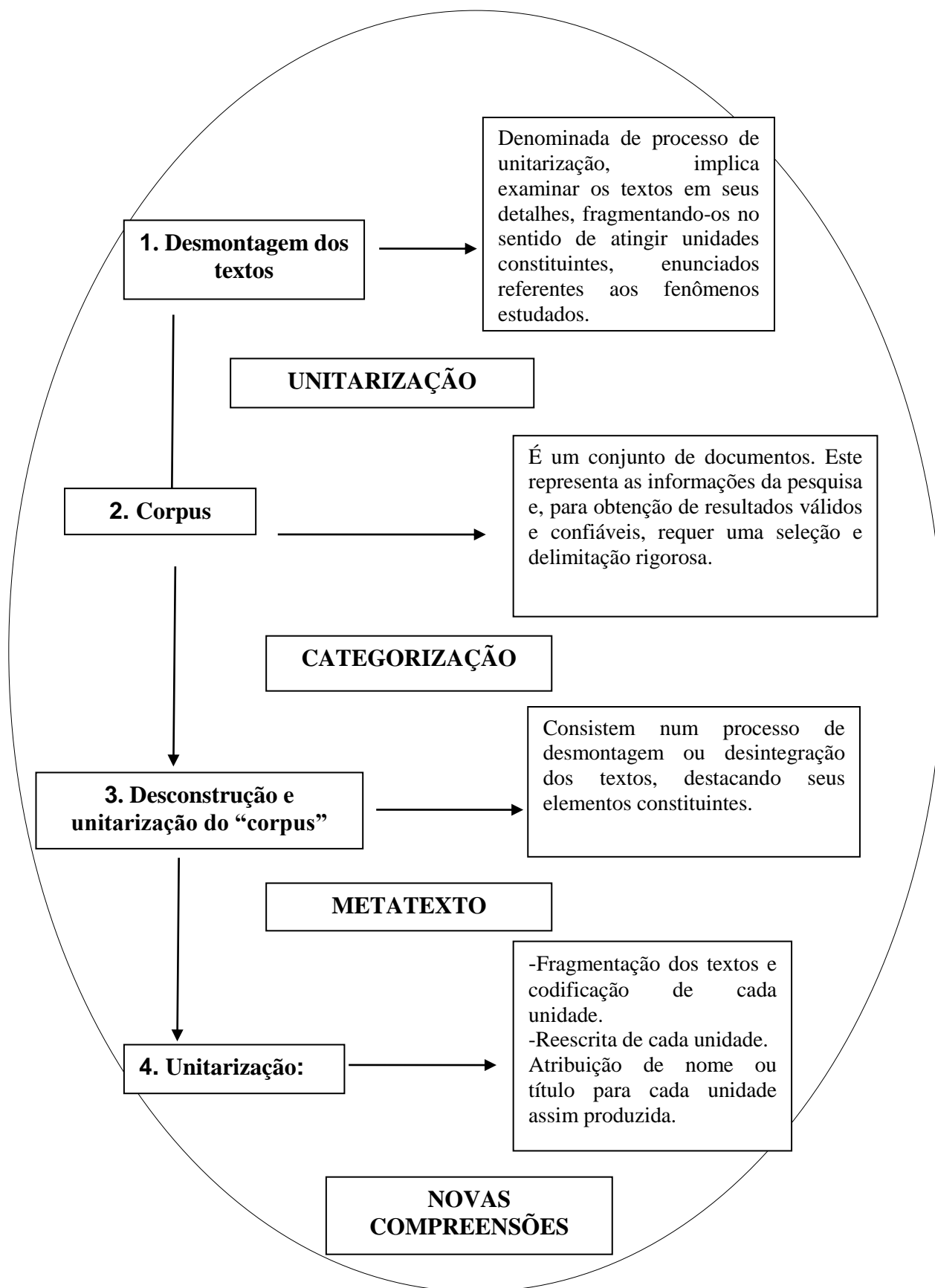
<sup>18</sup> Interpretação segundo a mesma fonte. Em geral refere-se à possibilidade de referência de um signo ao que ela designa, também operação através da qual o sujeito (intérprete) estabelece a referência de um signo ao seu objeto (designado). [...] Para Boécio, [...] qualquer termo que significa alguma coisa por si mesmo, incluindo entre as interpretações os substantivos, os verbos e as proposições, excluindo as conjunções, as preposições e em geral os termos gramaticais que não significam nada por si mesmos. Para ele, referência do signo ao que ele designa era o essencial na interpretação. [...] Nessa concepção, a interpretação é a referência dos signos verbais aos conceitos –

os autores supracitados, as análises textuais discursivas conjugam análise e síntese. Num primeiro momento, os textos são fragmentados e, posteriormente, os elementos semelhantes seguem organizados em categorias e, a partir dessas, surgem novos textos, reunindo os aspectos essenciais dos materiais de análise que foram investigados. Esse processo compõe etapas de descrição e interpretação, em relação aos fenômenos investigados. Pesquisar e teorizar objetivamente a construção significativa da compreensão, por meio de um processo recursivo de explicitação de inter-relações recíprocas entre categorias, viabiliza a superação da causalidade linear e possibilita aproximação de entendimentos mais complexos. Entendimentos possíveis de serem atingidos “por meio de movimentos hermenêuticos em espiral, em que a cada retomada do fenômeno é possibilitada uma compreensão mais radical e aprofundada” (MORAES e GALIAZZI, 2014, p. 31).

---

as feições da mente – e dos conceitos às coisas. [...] Heidegger definiu-a como desenvolvimento; ‘A interpretação não é tomar o conhecimento de que se compreendeu, mas a elaboração das possibilidades projetadas na compreensão’ (ABBAGNANO, 2000, p. 579-580).

Figura 2 - ROTEIRO – ATD



Fonte: MORAES e GALIAZZI (2014), adaptado pela pesquisadora desse projeto.

Após a coleta de dados por meio de entrevistas<sup>19</sup> com os alunos e análise e consulta aos documentos<sup>20</sup> estudados, realizou-se a análise e interpretação dos dados qualitativos. As entrevistas foram feitas pela pesquisadora desse estudo, bem como as transcrições das mesmas. Segundo Lessard-Hebert, Goyette e Boutin (1990), o material compilado na pesquisa de campo não é, em si mesmo, um conjunto de dados, entretanto, se trata de uma fonte de dados. O trabalho de interpretação foi uma operação intelectual, fundamentada em aportes teóricos, num espírito de investigação e análise, para propiciar uma interação entre dados e teorias. Schele e Groeben (1988 *apud* Flick, 2009), em seu método para a reconstrução de teorias subjetivas, sugerem uma elaboração específica da entrevista semiestruturada. O termo “teoria subjetiva” seria uma referência, indicando que o entrevistado possuiria uma espécie de reserva acerca do conhecimento em questão tido como tópico em estudo. Esse conhecimento pode incluir suposições tanto imediatas quanto explícitas, as quais podem espontaneamente ser expressas ao responder a uma pergunta aberta.

Os responsáveis por essa pesquisa asseguram que os alunos e o colégio não foram identificados. Os mesmos receberam nomes fictícios para preservar suas identidades. Assim, manter-se-á o anonimato dos dados e possíveis citações referentes a documentos específicos da Instituição pesquisada, em respeito aos aspectos éticos da Resolução nº 510/16, que regula a ética na pesquisa em ciências humanas e sociais. O representante da Instituição pesquisada recebeu uma carta de autorização escolar; os responsáveis pelos alunos assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e os alunos participantes dessa pesquisa, assinaram um Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Esses documentos estão nos apêndices A e B.

Sabe-se que todo Projeto de Pesquisa, de qualquer natureza, que envolva o estudo com seres humanos no Brasil deverá ser submetido à aprovação por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), com o objetivo de cumprir a Resolução n.466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Todavia, esse projeto de pesquisa não foi encaminhado a um CEP, pelo fato de estar amparado na resolução nº 510/16. Julga-se que esta pesquisa se enquadra na categoria pesquisa de opinião pública, que preserva a identidade dos participantes, deixando-os no

---

<sup>19</sup> As entrevistas semiestruturadas, em particular, têm atraído interesse, sendo amplamente utilizadas. Tal interesse está vinculado à expectativa de que é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento relativamente aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário. (FLICK, 2009, p.89).

<sup>20</sup> Documentos: um conjunto de materiais que orientam e definem a identidade do colégio: Plano político, pedagógico (ppp); marco doutrinal da instituição; regimento escolar; Plano do SOREP (serviço de orientação religiosa, espiritual e de pastoral). (COLÉGIO ANCHIETA, 2016).

anonimato. Trata-se de alunos que não se encontram em situação de vulnerabilidade. As entrevistas aconteceram no próprio espaço escolar e foi previsto o registro de todas as autorizações possíveis com os consentimentos da escola e dos adultos responsáveis por esses alunos que foram entrevistados.

Em geral o instrumento se mostrou adequado aos objetivos dessa pesquisa. Primeiro fizemos um projeto piloto com o roteiro das entrevistas. Entrevistamos inicialmente um aluno, depois foram transcritos os dados, analisamos se as perguntas estavam acessíveis, de acordo com os objetivos propostos. Diante das observações, fizemos duas alterações: as perguntas estavam elaboradas com o pronome você, e trocamos para o tu, uma vez que esse pronome de tratamento faz parte da cultura gaúcha, aproximando mais os alunos da pesquisadora. Essa observação foi considerada importante, porque nos ajudou a compreender melhor os dados coletados. A segunda alteração aconteceu na questão 7; a mesma continha um texto muito extenso contextualizando a questão. O conteúdo do texto foi explícito com outras palavras, para facilitar a compreensão da temática em foco.

As categorias emergiram das unidades de significado encontradas nas questões das entrevistas, ficando assim denominadas: Vivência de valores no espaço escolar (questões 1, 2 e 3); Ações educativas significativas (questões 4 e 6) e Religião, Fé e espiritualidade (questões 5 e 7). Podemos conferir as questões em anexo.



#### 4 ANÁLISE DOCUMENTAL

Toda instituição de ensino possui documentos próprios que orientam e fundamentam sua proposta prática educativa. Todavia, ter um respaldo teórico como guia propicia linhas comuns a serem seguidas a partir de opções feitas por uma determinada Instituição. Mesmo tendo particularidades, é necessário respeitar as leis nacionais que regem o sistema de educação de um país, no caso do Brasil, a LDBEN<sup>21</sup> - Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, responsável pela organização do sistema educacional brasileiro.

Dentre os documentos que orientam a vida escolar do colégio em pesquisa, escolhemos três, eleitos como os principais a partir de contato com pessoas referências nessa Instituição. Esses documentos foram analisados, tendo como orientação os dois objetivos específicos dessa proposta de pesquisa, que pretendiam analisar o conceito de Espiritualidade existente nos documentos do Colégio pesquisado, para o desenvolvimento de uma inteligência espiritual de seus alunos e identificar nos referidos documentos do Colégio ações propiciadas para que seus alunos vivenciem e desenvolvam sua espiritualidade.

Os documentos analisados foram: Pedagogia Inaciana: uma proposta prática, que apresenta como deve ser uma proposta educativa nos colégios da Companhia de Jesus a partir dos ensinamentos de Inácio de Loyola. O segundo é o Projeto político pedagógico (PPP), que expõe a estrutura e as grades curriculares dos níveis de ensino oferecidas à comunidade escolar, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio. Traz também de forma sistematizada os projetos que são desenvolvidos em todas as modalidades de ensino. O terceiro documento é o PEC (Projeto Educativo Comum), o mais novo documento da Rede Jesuíta de Educação. O mesmo organiza-se em forma de um plano com metas a serem implementadas em todos os colégios jesuítas até 2020, a partir de objetivos que promovam e qualifiquem os colégios da Companhia de Jesus, despertando um espírito de unidade no trabalho realizado nas diferentes regiões do Brasil.

Segue a análise de cada documento salientando excertos que evidenciam a presença da espiritualidade.

---

<sup>21</sup>A Lei de Diretrizes e Bases (Lei 9394/96) - LDB - é a lei orgânica e geral da educação brasileira. Como o próprio nome diz, dita as diretrizes e as bases da organização do sistema educacional. Segundo o ex-ministro Paulo Renato Souza – que ao lado do então presidente Fernando Henrique Cardoso sancionou a LDB que vigora até hoje. – Lei de Diretrizes e Base da Educação <http://provabrasil.inep.gov.br/parametros-curriculares-nacionais> Acesso em 20/11/2016.

#### 4.1 Pedagogia Inaciana: uma proposta prática

Documento escrito pelo Conselho Internacional de Educação Jesuíta (ICAJE), A primeira edição foi em 1986, com tradução em treze idiomas, sendo que essa é a sua 5ª edição, organizada em cinco etapas: contexto, experiência, reflexão, ação e avaliação. Situa claramente o Paradigma da tradição espiritual e educativa da Companhia de Jesus. “... *passo importante rumo à consecução do nosso ideal de educadores: formar homens e mulheres que se distingam pela competência, integridade e espírito de serviço*”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p.11). Esse documento surge como resposta às inúmeras solicitações referentes à formulação de uma pedagogia prática, que fosse coerente e eficaz, capaz de apresentar uma visão do mundo e os valores inacianos nele propostos. O mesmo deriva de uma das partes das “Características da Educação da Companhia de Jesus”<sup>22</sup>.

O documento trata unicamente de determinados aspectos da Pedagogia Inaciana. Antes de prosseguir, é possível compreender o conceito “Inaciana” como alvo de identificação desta Pedagogia, visto que se refere a Inácio de Loyola não como documento de sua autoria, mas como fonte de inspiração, a partir da sua experiência de vida, da sua visão e dos seus escritos, os Exercícios Espirituais e as Constituições da Ordem Religiosa dos jesuítas. “O termo ‘Pedagogia Inaciana’ parece provir da alocução do então Superior Geral, P. Pedro Arrupe, Nossos colégios hoje e amanhã’, em 1980, quando mostrava a necessidade de dotar a educação jesuíta de certa ‘inacianidade’<sup>23</sup>” (KLEIN, 2014, p. 69).

Pretende-se que esse documento sirva de introdução por tratar-se de uma estratégia prática no que se refere aos processos de ensino e aprendizagem. Busca a unificação e concretude de princípios enunciados nas “Características da Educação da Companhia de Jesus” e pretende, ainda: “dispor de uma pedagogia sistematicamente organizada, cuja

<sup>22</sup> Um documento que descreve as características da educação da Companhia, não é uma nova *Ratio Studiorum*. Todavia, do mesmo modo que a *Ratio*, nascida nos fins do século XVI e como continuação da tradição que então começou, este documento pode dar-nos a todos uma visão comum e um comum sentido de nossa finalidade; pode ser também um modelo com o qual nos confrontemos a nós mesmos. Este documento destina-se a todos os jesuítas e a todos os leigos e membros de outras instituições religiosas que colaboram em nosso apostolado, especialmente em nossas instituições educativas. (Carta do Pe. Geral a todos os superiores maiores da Companhia de Jesus, Roma 1986) Livro: Características da Educação da Companhia de Jesus, p. 5).

<sup>23</sup> O Centro de Ensino Médio da Companhia deve ser facilmente identificável como tal. Muitos aspectos assemelhar-se-ão a outros centros não confessionais ou confessionais e inclusive de religiosos. Mas, se é verdadeiramente da Companhia, isto é, se nele atuamos movidos pelas linhas de força próprias de nosso carisma, com o acento próprio de nossas características essenciais, com nossas opções, a educação que recebem os nossos alunos os dotará de certa ‘inacianidade’, se me permitis o termo. Não se trata de atitudes esnobistas ou arrogantes, nem mesmo de complexo de superioridade. É lógica consequência do fato de que vivemos e atuamos em virtude deste carisma e de que em nossos centros devemos prestar aquele serviço que Deus e a Igreja requerem a nós jesuítas como tais (In: Pedro Arrupe. Nossos colégios hoje e amanhã, S. Paulo, Ed. Loyola, 1981, n.10).

substância e métodos implementem a visão explícita da missão educativa contemporânea dos jesuítas”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 17).

Recebe a nomenclatura de “Pedagogia Inaciana” pelo fato de não se destinar apenas à educação formal realizada em colégios e universidades, mas também a outras obras educativas que estejam inspiradas na experiência de Santo Inácio de Loyola. A grande inspiração da Pedagogia Inaciana é a fé. Não obstante àqueles que não comungam esta fé, podem igualmente descobrir expectativas válidas, uma vez que essa proposta de pedagogia é universal e humana, independe da profissão em credos.

Desde o começo, a pedagogia inaciana foi eclética na seleção de metodologia de ensino e aprendizagem. O próprio Inácio de Loyola adotou o “modus parisienses,” sistema pedagógico usado na Universidade de Paris em sua época. Este método foi enriquecido com um conjunto de princípios pedagógicos previamente desenvolvidos por ele ao dar os exercícios espirituais. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, p. 19)

Com o decorrer dos anos, outros métodos específicos foram desenvolvidos cientificamente e integrados à pedagogia da Companhia de Jesus, com o objetivo de colaborar diretamente com formação integral dos alunos, envolvendo as dimensões do intelectual, social, moral e religiosa.

Esse documento está organizado em 163 parágrafos com uma numeração específica, apresentando a estrutura da Pedagogia Inaciana e finalizando com três apêndices. A parte introdutória contém uma carta do superior geral dos Jesuítas, Pe. Peter Hans Kolvenbach, escrita em Roma em 31 de julho de 1993 aos superiores provinciais, tendo seu prólogo escrito pelo secretário de Educação da Companhia na época, Pe. Vicent J. Duminuco, SJ. As notas introdutórias ocupam os números de 1 a 10. A partir dos números 11 até o nº 95, segue a estrutura da proposta da Pedagogia Inaciana. Os três apêndices estão escritos nos números 96 a 163.

A estrutura dessa Pedagogia em estudo é apresentada de forma sistemática a partir do seguinte roteiro: objetivos da Educação da Companhia de Jesus; para uma pedagogia pela fé e a justiça; a pedagogia dos exercícios espirituais; relação professor-discípulo; o paradigma inaciano; dinâmica do paradigma; um processo contínuo; traços predominantes da Pedagogia Inaciana; objeções à prática; programa para entender o paradigma; convite à cooperação; alguns apoios concretos para entender o paradigma. Os apêndices trazem alguns princípios pedagógicos importantes; anotações inacianas, contexto: o humanismo cristão hoje; resposta da Companhia a este contexto; diretrizes pedagógicas; o papel do professor é crucial;

métodos; exemplos de métodos para ajudar os professores no uso do paradigma pedagógico inaciano.

Nesse documento em estudo, uma pedagogia é apresentada com um caminho no qual os professores acompanham o desenvolvimento dos seus alunos frente a um objetivo macro, que norteia todo trabalho educativo desenvolvido nas instituições de ensino da Companhia de Jesus: “[...]o objetivo supremo da educação jesuíta é, antes, o desenvolvimento global da pessoa, que conduz à ação, ação inspirada pelo Espírito e a presença de Jesus Cristo, Filho de Deus e “homens para os outros”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n.12, p. 23).

Tal objetivo requer investimento numa formação integral da pessoa, que aborde todas as dimensões no processo educativo. Nessa dinâmica, os professores dos Colégios da Companhia de Jesus devem expor os temas acadêmicos sempre numa perspectiva humana, com ênfase na descoberta e análise das estruturas, fatos, problemas e soluções, promovendo implicações pertinentes em cada disciplina que concretamente iluminam o sentido de ser pessoa.

A partir dessa premissa, explicitamos a missão da Companhia de Jesus como “Ordem Religiosa dentro da Igreja católica” que reafirma alguns valores essenciais nesse processo educativo quando reza:

Missão arraigada na crença de um novo mundo de justiça, amor e paz; precisa de gente formada e competência profissional, responsabilidade e compaixão; homens e mulheres que estejam preparados para acolher e promover tudo o que for realmente humano, comprometido no trabalho em favor da liberdade e dignidade de todos os povos, e decididos a agir assim, em cooperação com outros igualmente empenhados em modificar a sociedade e suas estruturas. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n.17, p. 27).

Na estrutura de apresentação da Pedagogia Inaciana, fala-se também da pedagogia dos “Exercícios Espirituais<sup>24</sup>”. Não seria outra pedagogia, e sim uma atividade, um convite especial direcionado aos professores dos colégios e obras educativas, a refletirem por meio da oração sobre sua experiência humana, aguçando seu discernimento sobre seu modo de proceder como professor inaciano, que não exerce apenas a função de informar, mas ajuda o estudante em seu progresso pessoal “rumo à verdade”.

---

<sup>24</sup>Os Exercícios Espirituais de Santo Inácio são um livrinho que nunca foi concebido para ser lido como qualquer outro livro. A sua intenção era antes expor um modo de proceder na direção de outras pessoas em suas experiências de oração, nas quais elas poderiam encontrar o Deus vivo e converter-se a Ele, para chegarem a confrontar-se honestamente com seus autênticos valores e crenças, e assim poderem tomar decisões livres e conscientes acerca do futuro de suas vidas. Os Exercícios Espirituais, cuidadosamente estruturados e descritos no manualzinho de Santo Inácio, não são concebidos como objetos de atividades meramente cognitivas ou práticas de devoção. Pelo contrário, são exercícios rigorosos do espírito, que comprometem totalmente o corpo, a mente, o coração e a alma da pessoa humana. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n. 24. p. 33).

Na relação professor-aluno na educação da Companhia, o professor deverá ocupar a função de mediador do conhecimento. O aluno é chamado de discípulo e levará em conta um permanente relacionamento ancorado em três conceitos básicos assim denominados: experiência, reflexão e ação, que compõem o “Paradigma Inaciano”. Esse paradigma educativo é considerado no documento em estudo, algo novo e ao mesmo tempo familiar, no sentido de orientar o modo de proceder que todos os colaboradores da Rede Jesuíta de Educação são convidados a adotarem – isso principalmente na tarefa de colaborar diretamente na formação de alunos, reconhecidos na sociedade como pessoas autênticas, competentes, conscientes e sensíveis à compaixão.

A dinâmica desse Paradigma fundamenta-se nos três principais conceitos citados acima. No decorrer do processo, outros conceitos foram agregados na composição do paradigma, são eles: contexto e avaliação. O documento apresenta uma definição objetiva de cada um dos conceitos:

**Contexto:** real da vida dos alunos que abrange sua família, as situações sociais, a própria instituição educativa, a política, a econômica, o clima cultural, a situação eclesial, os meios de comunicação, a música e outras realidades. (nº 38, p. 47).

**Experiência:** significa para Inácio “saborear as coisas internamente”. Isto requer, em primeiro lugar, ter conhecimento de fatos, conceitos, e princípios. Exige do indivíduo que seja sensível às conotações e matizes das palavras e aos acontecimentos, que analise e avalie, que raciocine. (n. 42, p. 49).

**Reflexão:** com o termo reflexão, queremos significar a reconsideração séria e ponderada de um tema determinado, experiência, ideia, propósito ou reação espontânea usando captar o seu sentido mais profundo. Portanto, a reflexão é o processo pelo qual se traz à tona o sentido da experiência. (n. 47, p. 55).

**Ação:** refere-se aqui ao crescimento humano interior baseado na experiência na qual se refletiu, bem como à sua manifestação externa. (n. 62, p. 60-61).

**Avaliação:** Todos os professores sabem da importância de avaliar de vez em quando o progresso de cada aluno nos estudos. É essencial a avaliação periódica do seu progresso nas atitudes, prioridades, modo de proceder de acordo com os objetivos de ser “pessoas para os outros”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n. 63, p. 62 - 63).

Alguns traços são elencados como predominantes no Paradigma Inaciano, começando pela adaptação a todos os planos de estudos, sendo fundamental no processo de aprendizagem, além das disciplinas teóricas, contribuindo diretamente para o aprimoramento dos professores. Destaca a personalização do ensino. “Induz o aluno a refletir sobre o conteúdo e significado do que estão estudando”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n. 74, p. 69).

O último item do documento “Da teoria à prática”, a questão abordada refere-se à necessidade de se investir na formação de professores que atuam nos colégios, universidades e outros centros educativos em geral da Companhia de Jesus, para que o Paradigma Inaciano seja realmente efetivado no exercício da docência.

Os três apêndices desse documento em estudo apresentam uma compreensão da origem da Pedagogia Inaciana, por meio dos escritos do próprio Inácio de Loyola.

**Apêndice I:** “Alguns Princípios Pedagógicos Importantes: Adaptação das notas introdutórias de Santo Inácio para quem dá os Exercícios Espirituais a outra pessoa. Apontam-se as implicações pedagógicas mais explícitas”. (nº 96, p. 82).

**Apêndice II:** “A Pedagogia Inaciana Hoje. Discurso do Pe. Peter-Hans Kolvenbach, SJ aos participantes do grupo de trabalho sobre: Pedagogia Inaciana: Um proposta Prática. Villa Cavalleti, 29 de abril de 1993. (nº 97, p. 82).

**Apêndice III:** “Breve lista de métodos e processo adequados para cada uma das etapas do *Paradigma Pedagógico Inaciano*. Os métodos aqui selecionados provêm da tradição educativa da Companhia (*Santo Inácio, Ratio Studiorum, etc.*) ou de métodos pedagógicos desenvolvidos mais recentemente em outros círculos, que sejam coerentes com a *Pedagogia Inaciana*”. (PEDAGOGIA INACIANA 1993, n. 98, p. 82-83).

Esse documento Pedagogia Inaciana: uma proposta prática traz presente repetidas vezes a dimensão da espiritualidade, sinalizando indicadores inseridos no campo da educação, envolvendo os processos de ensino e de aprendizagem, e a relação direta entre professor e aluno. O texto diz que a “Pedagogia Inaciana” inspira-se na fé. Existe uma sequência de números de (nº 15-22) parágrafos, que retratam essa realidade, a partir da temática específica: “Para uma Pedagogia pela Fé e a Justiça”. Ao abordar os objetivos da Educação da Companhia de Jesus, reforça os indicadores da espiritualidade apontando uma pedagogia própria.

Todo documento é calcado nesses valores, que servem de sustentação para outras vivências. Segundo a etimologia, a palavra fé tem sua origem no Grego e no Latim. Primeiramente "*pistia*", que indica a noção de acreditar, e no Latim "*fides*" remete a uma atitude de fidelidade. Segundo a tradição cristã, a fé é mais que um “valor humano”, é uma das três virtudes teológicas<sup>25</sup> que orientam a vida de um cristão em sua relação com seu “Criador”. Referindo-se à fé, agora em outra perspectiva, segundo Catanante (2000), que apresenta a fé como algo inteiramente pessoal que pode ser traduzido por “ter confiança de que nada de mal acontecerá, é administrar eficientemente os medos, é ter fé em si mesmo e na vida. A fé cura e materializa tudo o que se quer porque é expressão mais aproximada da energia do amor”(CATANANTE, 2000, p. 82).

<sup>25</sup> “As virtudes humanas se fundam nas virtudes teológicas que adaptam as faculdades do homem para que possa participar da natureza divina, pois as virtudes teológicas se referem diretamente a Deus. Dispõem os cristãos a viver em relação com a Santíssima Trindade e têm a Deus Uno e Trino por origem, motivo e objeto. As virtudes teológicas fundamentam, animam e caracterizam o agir moral do cristão. Informam e vivificam todas as virtudes morais. São infundidas por Deus na alma dos fiéis para torná-los capazes de agir como seus filhos e merecer a vida eterna. São o penhor da presença e da ação do Espírito Santo nas faculdades do ser humano. Há três virtudes teológicas: a fé, a esperança e a caridade.” (CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, 1993).

Segundo Torralba (2013), a espiritualidade tem estreita relação com fé e pode ou não estar relacionada com um determinado credo religioso, pois é mais ampla, universal e humana, porque todo o ser humano é espiritual por natureza e essência. Atualmente existem inúmeros resultados de pesquisas que comprovam a importância da fé, da oração, da espiritualidade e meditação na qualidade e saúde das pessoas. Podemos conferir no exemplo que segue:

[...] Nos Estados Unidos, cientistas avaliaram o efeito da meditação transcendental em 50 adolescentes afro-americanos, e sua relação com a pressão arterial. Os estudantes eram orientados a fecharem os olhos e ouvirem um mantra a ser recitado em voz baixa, por 15 minutos, duas vezes por semana. Após quatro meses, os cientistas concluíram que a pressão arterial baixou 5 pontos, o que não ocorreu com um grupo semelhante de estudantes que não executavam tal tarefa. (DURGANTE 2008, p. 29)

Concomitante à fé, o documento traz presente o valor da justiça, que pode ser identificado como um dos valores orientadores da espiritualidade que dá sentido às questões existenciais do ser humano. Aristóteles, em seu Livro V da *Ética a Nicômaco*, trata da justiça (*dikayosyne*), dizendo que nas pessoas existe uma “disposição da alma graças à qual elas dispõem a fazer o que é justo, a agir justamente e a desejar o que é justo, de maneira idêntica”. (ARISTÓTELES, 1996, p. 193). Esse filósofo ressalta a relevância da justiça como forma perfeita no que se refere à prática da excelência moral. “Ela é perfeita porque as pessoas que possuem o sentimento de justiça podem praticá-la não somente a si mesmas como também em relação ao próximo.” (ARISTÓTELES, 1996, p. 195).

O conceito de espiritualidade é apresentado inicialmente com um viés cristão. O aluno é chamado de discípulo<sup>26</sup>. Na época de Jesus, os discípulos seguiam seu mestre, aprendiam com seus ensinamentos e exemplos. O documento apresenta o aluno como discípulo e o professor como mestre. Segundo esse escrito, esses dois conceitos são complementares. Nesta abordagem, segundo o documento em análise, o professor assume o papel de mestre, ele propicia a aprendizagem do aluno, serve de exemplo, pela sua inteireza, pela sua formação integral, sendo para os alunos uma referência, um modelo de vida que os motiva a segui-lo.

Na medida em que o aluno é entendido como discípulo, como seguidor, isso nos remete para a importância da formação do professor na sua integralidade, para que ele possa servir de exemplo de vida por aquilo que ele é. Um escritor jesuíta nos ajuda a compreender essa abordagem quando escreve sobre a o papel o papel do professor:

---

<sup>26</sup>A palavra "discípulo" é usada para descrever os seguidores de Jesus com muito mais frequência do que "cristão" ou "crente". Um discípulo é uma "pessoa que segue os ensinamentos de um mestre". (DICIONÁRIO DA BÍBLIA ALMEIDA, 2005, p.96).

[...] o professor ajuda o aluno a aprender com independência e a levar adiante a própria educação”. Cria as condições para o estudo; lança seus fundamentos, proporciona as oportunidades de inter-relacionamento entre experiência; reflexão e ação; guia os alunos na assimilação das novas experiências e informações; assedia-os com perguntas; ativa-lhes a memória, a imaginação e os sentimentos para captarem o significado do que estudam; estimula sua vontade para o bem; aconselha-os pessoalmente sobre o progresso acadêmico e as atitudes de *“pessoas para os outros”*. “Mediante a avaliação o professor poderá parabenizar e animar os alunos, motivar revisões oportunas, abrir-lhes novas perspectivas, fornecer outras informações, sugerir outros modos de ver as coisas. (KLEIN, 1997, p. 19).

Biesta (2013) reafirma essa abordagem referente ao papel do professor na educação, ao ressaltar que é válido para todas as etapas de ensino, desde a educação com crianças até com adultos: “é afinal sempre uma intervenção na vida de alguém; uma intervenção motivada pela ideia de que tornará essa vida, de certo modo, melhor: mais completa, mais harmoniosa, mas perfeita – e talvez até mais humana”. (BIESTA, 2013, p. 16).

Com uma primeira impressão, parece existir uma aparente contradição entre as expressões: aluno-discípulo e professor-facilitador. Essa percepção pode ser sustentada com base na argumentação de BIESTA (2013), quando explicita a existência de uma possível relação de dependência entre aluno e professor no processo de educar. Afirma o seguinte:

[...] Há uma contracorrente importante no pensamento e práticas educacionais, em que a educação é vista como serva do indivíduo. Aqui a tarefa e a finalidade da educação não são compreendidas em termos de disciplina, socialização ou treinamento moral, isto é, em termos de inserção e adaptação, mas são focadas no cultivo da pessoa humana ou, em outras palavras, no cultivo da humanidade do indivíduo. (BIESTA, 2013, p. 16).

O texto do documento em análise relata que é preciso compreender o contexto do humanismo cristão hoje. Ressalta que o objetivo maior da educação jesuíta é sempre inspirado na presença de Jesus Cristo. Numa perspectiva cristã, o modelo de vida humana apresentado é Jesus Cristo. “Ele nos ensina com sua palavra e exemplo que, em última análise, a realização da nossa capacidade humana em plenitude consegue-se graças à nossa união com Deus, união que se procura e alcança no relacionamento amoroso”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n. 16, p.26). A expressão legítima desse relacionamento com Deus encontra-se na realidade cotidiana, por meio do respeito ao próximo, buscando desenvolver uma atitude solidária e compassiva com os mais necessitados. Existe uma percepção de caráter profundamente humano, a partir do sentimento de reconhecer-se como “povo de Deus”. “É um amor que dá testemunho de fé e se exprime pela atuação em prol de uma comunidade de justiça, amor e paz”. (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n.16, p. 27).



No decorrer do documento, a dimensão da espiritualidade vai sendo ampliada, compondo uma abordagem mais universal que não se restringe apenas a um determinado credo, a uma religião específica. “Precisamos de pessoas educadas na fé e na justiça, que tenham a convicção possante e sempre crescente de que podem chegar a serem defensores eficazes, agentes e modelos da justiça, do amor e da paz de Deus” (PEDAGOGIA..., 1993, nº 17, p. 27). A vivência da espiritualidade é apresentada como algo que faz parte da vida de uma pessoa, seja nas circunstâncias habituais da vida, seja no trabalho cotidiano. Assim, como consequência primeira de uma pessoa que foi educada a partir de uma educação ancorada na fé e na justiça, inicia-se pelo respeito à liberdade. Mesmo sendo uma Instituição católica, não se excluem outros credos que possam comungar dos mesmos valores que compõem os princípios orientadores da espiritualidade desenvolvida nesse colégio pesquisado. É preservado o direito e a capacidade dos indivíduos, incentivando que diversos grupos humanos promovam para si mesmos e para muitos uma vida diferente, que tem sentido e significado. O destaque nos grupos citados é justamente para o público-alvo dessa pesquisa, os jovens. “Isto significa ajudar os jovens a se comprometerem no serviço e na alegria de partilhar suas vidas com outros” (PEDAGOGIA INACIANA, 1993, n. 18, p. 28). Enfatiza-se a importância da colaboração efetiva na formação dos jovens, ajudando-os a descobrir o que realmente devem contribuir ou oferecer à sociedade, que seriam valores imateriais que fazem parte da sua essência existencial, muito mais do que bens materiais, transitórios, que passam com o tempo.

Na estrutura do documento como um todo, alguns valores são apresentados como parte do processo educativo. A espiritualidade se faz presente na explicitação dos valores essenciais presentes no processo educativo da Companhia de Jesus: justiça, amor, paz, responsabilidade, compaixão, discernimento, verdade, comprometimento em favor da liberdade e da dignidade de todos, para escolher e promover tudo o que for realmente humano. Espiritualidade se desvela portanto, “enquanto postura ético-comportamental, inerente a um caráter íntegro, de elevados sentimentos altruístas de solidariedade humana, livre de preconceitos de qualquer natureza” (SALGUEIRO e GOLDIM, 2007, p. 91).

Por vezes, a dimensão espiritual, ao apontar o objetivo supremo da educação jesuíta, o “desenvolvimento global da pessoa”, conduzindo-a a uma ação inspirada no Espírito e presença de Jesus, salienta a perspectiva humana na exposição dos temas acadêmicos para que consequentemente iluminem o sentido do Ser pessoa inspirada no espírito. Segundo Salgueiro e Goldim:

Toda pessoa é espiritual, enquanto dotada de espírito. A espiritualidade não implica necessariamente a fé em uma divindade específica. A palavra espírito não se refere especificamente à divindade, mas à capacidade de autoconsciência, de fazer uma reflexão sobre si mesmo. O ser humano é um ser intrinsecamente espiritual, pois demonstra esta capacidade de refletir e autotranscender-se. (SALGUEIRO e GOLDIM, 2007, p. 15).

No que se refere às ações oferecidas aos alunos para que desenvolvam sua espiritualidade, no documento não existe uma parte específica citando ações. O texto é uma fundamentação teórica com indicativos para uma pedagogia prática no ofício dos professores que trabalham nos colégios da Companhia de Jesus.

### **4.3 Projeto Político Pedagógico (PPP)**

O projeto político pedagógico (PPP) do Colégio pesquisado é o documento norteador de todo processo educativo que acontece nessa Instituição de ensino. Está estruturado em oito partes, incluindo: identificação do estabelecimento, introdução, fundamento doutrinal, fundamentos conceituais, programação, referências e anexos.

Logo na introdução, é apresentada uma definição objetiva para o PPP:

É o instrumento que define o ‘ser’ da escola, a sua identidade, o modelo pedagógico que é aplicado, os objetivos, a metodologia do ensino, o perfil do aluno que deseja formar, o perfil dos educadores e as estratégias de avaliação dos processos de ensino e aprendizagem em um determinado contexto educacional. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 4).

A identificação explicita o endereço do Colégio, a entidade mantenedora e os números das portarias que autorizaram a natureza do ato legal relativo ao estabelecimento de ensino. Cita os cursos que são oferecidos: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Na introdução o enfoque principal volta-se para a definição do Projeto Político Pedagógico (PPP), como já citado anteriormente, concebido como um processo que se dá em permanente construção. Nesse documento é apresentada a proposta filosófica e pedagógica do Colégio, bem como os fundamentos e princípios que primam pela identidade que essa instituição de ensino almeja consolidar em sua prática pedagógica.

O fundamento contextual está organizado em duas subpartes: Identidade: A Companhia de Jesus e o Colégio Anchieta e a Dimensão Contextual: tendências globais atuais. A primeira parte apresenta um breve histórico da ordem religiosa que fundou o Colégio Anchieta, a Companhia de Jesus, fundada por Inácio de Loyola e mais seis companheiros em 1540, com aprovação do Papa Paulo III na Itália. Além de investir na

formação de sacerdotes, Inácio de Loyola “encontrou na educação o meio de dialogar com a cultura da época e servir melhor a Deus”. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 5).

As instituições de ensino da Companhia de Jesus presentes em mais de sessenta países do mundo constituem-se a partir de uma identidade própria, fundamentada em um projeto original chamado <sup>27</sup>*Ratio Studiorum*, primeiro documento pedagógico oficial da Ordem, 1599.

O Colégio Anchieta, inicialmente chamado “Colégio dos Padres”, foi fundado em 13 de janeiro de 1890 e estava situado à rua que hoje é denominada Duque de Caxias, em Porto Alegre-RS. Em sua origem, a educação nessa Instituição de ensino era destinada apenas a meninos. Com a evolução da sociedade local, o Colégio dos Padres necessitava de mais espaço. Logo em 1967, foi inaugurada uma nova sede que recebeu o título oficial de “Colégio Anchieta”, fazendo uma homenagem ao Apóstolo do Brasil, Beato José de Anchieta, hoje canonizado santo pelo Papa Francisco. Atualmente, é o maior colégio da capital gaúcha, com aproximadamente 3000 (três mil) alunos, atendendo os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Na Dimensão Contextual: tendências globais atuais, o destaque é para as mudanças, transformações e avanços pedagógicos que aconteceram, decorrentes do contexto social dentro e fora da escola. A realidade social é caracterizada como um “tempo de complexidade”, que passa por constantes mudanças em todos os setores, econômico, social, político, cultural e religioso.

O mundo se tornou globalizado, mas as oportunidades não, pois a globalização é um processo determinado pelo funcionamento dos mercados e da economia que repercute na cultura e nos costumes dos povos. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p.7).

O indivíduo é caracterizado como um sujeito submetido à cultura do consumo; perde-se a identidade pessoal em função da demanda de um grupo que impõe regras. Nesse

---

<sup>27</sup> *Ratio Studiorum* é considerada a bíblia pedagógica dos jesuítas e o segredo de seu extraordinário sucesso no plano da formação. É um documento absolutamente incontornável da história da educação e ainda hoje, apesar das atualizações a que foi sujeita em relação a sua versão original de 1599, continua a ser uma fonte de inspiração pragmática sempre revisitada por todos os que se interessam pela educação e se dedicam a essa nobre atividade. A riqueza da *Ratio* pode ser de muita inspiração para o trabalho educativo nos tempos atuais. Em primeiro lugar, devido ao seu próprio objetivo: dotar o espírito do trabalho educativo de um corpo que lhe assegure identidade, consistência, articulação e continuidade. O conjunto de normas e prescrições da *Ratio* visava à excelência educativa, por isso era necessário prevenir-se de improvisação, do espontaneísmo, da superficialidade. A *Ratio* ainda é proveitosa pelo ideal personalizador que leva o educador a considerar o aluno como merecedor do maior respeito e ajuda para a plenificação de todas as suas potencialidades. Em terceiro lugar, a riqueza da *Ratio* transparece ao considerar o trabalho educativo fundamentalmente como construção pessoal do primeiro interessado, o aluno, que o realiza, ajudado por mediações diversas, definidas, adaptadas à sua capacidade e estágio de desenvolvimento. (MIRANDA, Margarida. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio studiorum da companhia de Jesus**. Campo Grande: Esfera do Caos, 2009).

contexto, o aluno é compreendido como membro de uma geração que possui diversos referenciais e modelos de pessoas e sociedade que eterniza a juventude, como um sonho realizável.

A sociedade, por sua vez, é identificada e caracterizada pela perda de significado, que vive uma profunda crise de ética. Privilegia-se o individualismo, o imediato e o descartável. Esse documento menciona que, em contrapartida a tal cenário, há um novo paradigma tecnológico de informação em rede, que motiva a inovação, a criatividade e o empreendedorismo.

O texto destaca ainda a importância do conjunto de sociedades privadas ou associações do terceiro setor que atuam no país sem fins lucrativos, prestando serviço aos mais carentes, face aos atendimentos precários do setor público. Após caracterizar os tempos atuais, o documento destaca que o cenário atual conseguiu inibir ações coletivas em prol da construção de novos tempos e para as maiorias.

A dimensão referente ao fundamento doutrinal está organizada em quatro subtópicos: Fundamentos Institucionais da Identidade; Paradigma Pedagógico Inaciano; Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina (PEC) e o Projeto Educativo.

Os Fundamentos Institucionais da Identidade estão ancorados em uma cultura que trabalha a partir de uma perspectiva de valores universais, direcionada a todo e qualquer ser humano. Evidencia-se, no entanto, a concepção do gênero humano criado à imagem e semelhança de Deus, por isso suas ações devem protagonizar relações solidárias constituídas em um princípio e fundamento de comunhão em favor de uma ação educativa que promova a justiça. Com isso a identidade postula seu desafio expressando que:

O desafio está em evitar todo e qualquer reducionismo, possibilitando que o homem se desenvolva em todas as suas dimensões, bem como em discernir o que verdadeiramente o dignifica e o engrandece em função de sua existência histórica e transcendental. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 13).

O Paradigma Pedagógico Inaciano é apresentado como um dos pilares, que se expressa em um currículo que “visa à formação integral do ser humano em todas as suas dimensões” (p.13). Esse paradigma específico surgiu a partir das experiências do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola. O Colégio pesquisado, sendo herdeiro de quase cinco séculos de tradição, traz em seu contexto educacional a base desse paradigma inaciano, expresso em cinco etapas simultâneas e sucessivas: “Contextualização inaciana: situar-se na vida; Experiência: integração do cognitivo com o afetivo; Reflexão: imersão na verdade, na

objetividade e nos valores; Ação: o agir com os demais; Avaliação: processo contínuo”. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 15).

O Projeto Educativo Comum da Companhia de Jesus na América Latina (PEC) mencionado nesse documento, com sua apresentação no ano de 2005, está em sua 7ª edição em 2006. O referido documento já recebeu uma análise específica em capítulos, a partir desses objetivos, fundamentos, pressupostos e planos de meta, por isso, não iremos nos deter em pormenores.

Na dimensão do Projeto Educativo do Colégio presente no quarto subtópico do fundamento doutrinal, o PPP apresenta o objetivo geral da Instituição de ensino em pesquisa: “a formação de pessoas críticas por meio da leitura constante da realidade histórica em todas as suas dimensões” (COLÉGIO ANCHIETA, 2014<sup>a</sup>, p. 17). O mesmo destaca, ainda, que a educação desenvolvida deve motivar a vivência e o ensinamento de valores éticos e morais, sempre fundamentados na Pedagogia Inaciana e na fé em Jesus Cristo, reconhecido como protótipo, no processo educativo desenvolvido nessa Instituição. Como escola jesuíta, esse Colégio se caracteriza como um centro de humanização presente em um mundo carente de fé e justiça.

Os Fundamentos Conceituais revelam a concepção de conhecimento que embasa os processos cognitivos expressos nas práticas educativas que compõem a configuração curricular desse Colégio em estudo. O conhecimento é definido não como algo pronto e acabado, mas como uma permanente produção, construção do saber. Essa concepção de conhecimento implica ao sujeito condição de liberdade de pensar, “pensar o futuro”, de refletir e buscar soluções frente aos dilemas e conquistas da ciência na contemporaneidade.

Além de ensinar o conhecimento científico, esse documento apresenta outras características que definem a educação escolar desenvolvida nessa instituição de ensino, como: preparar pessoas ao exercício da cidadania; ensinar para autonomia intelectual e da práxis como agentes de transformação, sujeitos com formação política tendo em vista práticas solidárias para auxiliar a reverter o quadro de desigualdade social na atual conjuntura. O Currículo almeja, ainda, trabalhar temas relacionados aos projetos de vida e sonhos pessoais de seus alunos, que os tornem protagonistas nas questões de ordem individual e coletiva em benefício do bem comum.

O documento faz menção a uma de suas principais metas educacionais que se organiza a partir do desenvolvimento de habilidades em seus alunos, envolvendo a capacidade de aprender, buscar, problematizar, criar, inovar e empreender. Para tanto, o colégio em estudo tem como foco da aprendizagem:

A busca da informação significativa, da pesquisa, do desenvolvimento de projetos interdisciplinares, de um trabalho em rede de significações e não apenas, ou predominantemente, a transmissão de conteúdos específicos. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 21).

Nesse contexto, a avaliação é definida como parte constituinte do processo de ensino e aprendizagem, prevalecendo o aspecto qualitativo sobre o quantitativo, traduzindo-se em uma constante interação entre professor e aluno. O processo de avaliação considera a amplitude dos objetivos trabalhados nas diferentes áreas do conhecimento.

Pensando na harmonia entre as relações construídas no ambiente escolar, o projeto político pedagógico dessa Instituição de Ensino apresenta oito princípios de convivência escolar: autonomia pessoal e coletiva; discernimento, respeito às diferenças, solidariedade, alteridade, responsabilidade, cooperação e cordialidade.

Referindo-se à educação inclusiva, o Colégio Anchieta elaborou um programa de adequação para atender os alunos com necessidades educacionais especiais, que ainda não foi efetivado. A proposta de educação de turno integral a ser implantada nessa instituição vai além da permanência do aluno por mais tempo na escola. Ao incluir a Educação em Tempo Integral, busca-se oportunizar a promoção e a “implantação de metodologias de ensino que privilegiem a transdisciplinaridade, a criatividade, a reflexão e experiências diversificadas.” (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p.27).

Na sequência, o projeto político-pedagógico descreve a missão e a visão do Colégio em pesquisa:

Missão – oferecer educação inovadora, fundamentada na tradição jesuíta, que promova a excelência humana e acadêmica e o desenvolvimento de uma sociedade sustentável. Visão: ser um centro educacional de referência inovadora em suas propostas e práticas pedagógicas e na formação de cidadãos críticos, conscientes e empreendedores. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 27).

Frente a isso e com metas bem definidas, a proposta de educação do Colégio Anchieta volta-se para a formação na perspectiva de uma excelência humana e acadêmica, a partir de valores. Seguem os objetivos dos níveis e modalidades de ensino oferecido desde a educação infantil até o ensino médio, juntamente com a organização curricular que foi construída a partir de planos de estudo. É destacada ainda a importância da avaliação institucional como fermenta de gestão que pode contribuir com os processos educativos que acontecem na comunidade escolar.

A parte final do documento é composta por cinco anexos, explicando a estrutura curricular e os projetos desenvolvidos desde a educação infantil até o ensino médio. O anexo

A apresenta um “Programa de adequação do colégio para atender os alunos com necessidades especiais educacionais”. Já o anexo B traz presente as “Bases Curriculares” para todos os níveis de ensino, com a carga horária semanal e anual de cada segmento. Respeitam-se sempre as orientações vindas da Base Nacional Comum, investindo o Colégio em uma parte diversificada. O anexo C contempla todos os projetos pedagógicos desenvolvidos na Instituição nos diferentes segmentos, envolvendo diversas formas de aprender por meio de temáticas como: meio ambiente, culturas, convivência, leitura, comunicação, viagens de estudos estaduais e interestaduais com focos específicos, gestos concretos, tecnologia, arte e formação humana. O anexo D apresenta dezoito projetos desenvolvidos pelos SOREP (Serviço de Orientação Religiosa e de Pastoral). Poderemos conferir na íntegra todos os projetos disponibilizados em anexo nessa dissertação. O último anexo aborda três linhas prioritárias do Colégio: 1- Formação, Identidade e Missão; 2- Projeto de Comunicação; 3- Sistema integrado de gestão.

O PPP sendo um documento orientador de todo o processo educativo do colégio, nele também está inserida a presença de conceitos de espiritualidade notadamente no capítulo V, no item 5.1, no qual apresenta oito princípios norteadores da Convivência Escolar. Esse Colégio pesquisado acredita que os princípios adotados podem contribuir diretamente na formação humana e integral do aluno. Essa busca se expressa mediante a observação e a vivência dos seguintes princípios:

**Autonomia Pessoal e Coletiva** - Entendida como o fundamento básico para o comportamento moral e para o uso responsável da liberdade, expressando-se na capacidade de estabelecer normas para si mesmo e para o grupo, mantendo o senso crítico e um posicionamento independente frente às mensagens e pressões externas.

**Discernimento** - Compreende a consciência da conjuntura para a tomada de decisão mais adequada ao momento, diferenciando o certo do errado, dependendo do nível de maturidade, do equilíbrio e dos valores da pessoa.

**Respeito às diferenças** - Aceitação e compreensão da diversidade humana, percebendo que as diferenças individuais contribuem para o desenvolvimento das relações e que a possibilidade do diálogo com o diferente passa necessariamente pelo autoconhecimento, promovendo o bem comum.

**Solidariedade** - Entendida, aqui, como um princípio que direciona a compartilhar com o outro, colocando-se numa busca incessante da pluralidade relacional, atendendo as necessidades coletivas e desenvolvendo uma cultura de ajuda, através do envolvimento afetivo com a causa do outro, a fim de promover mudanças pessoais e sociais.

**Alteridade** - Princípio que orienta a maneira de a pessoa manifestar-se em sua autenticidade, colocando-se no lugar do outro, garantindo a reciprocidade que possibilita a superação do individualismo e o desenvolvimento do grupo.

**Responsabilidade** - Capacidade de assumir livremente a autoria de seus atos, levando em consideração o senso de limites sociais e o respeito às diferenças, que devem caracterizar o compromisso do indivíduo para consigo mesmo e com o grupo.

**Cooperação** - Capacidade de estabelecer relações de ação conjunta, consciente e comprometida para atingir objetivos comuns sem perder de vista a individualidade,

desenvolvendo as competências que formam pessoas aptas a enfrentar situações diversas e trabalhar em equipe com receptividade, disponibilidade e disposição.

**Cordialidade** - Exige saber conviver, aceitar as normas que regem as relações de um grupo com afetividade, aceitação plena do outro, compromisso e diálogo com vistas a um projeto comum. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 26-27).

PORTAL (2004) nos ajuda a compreender o sentido da espiritualidade como uma dimensão relacionada diretamente ao significado da nossa existência no convívio com os demais. “Espiritualidade é um sentido mais amplo da Vida, e o sentido mais amplo da Vida é a própria Vida. O significado da Vida não é a busca para uma outra vida, nem tampouco a luta sem sentido pela sobrevivência”(PORTAL, 2004, p.70). Assim, a espiritualidade estaria intrinsecamente ligada ao sentido da vida, revelando-se na relação com outros. Aprofundando essa perspectiva, KOENIG (2012) corrobora afirmando que a espiritualidade é baseada na busca de cada pessoa em propósitos que orientam sua vida. A convivência seria pautada por valores que apresentam tanto o contato com o sagrado como com o humano, “[...] incluindo relação com uma figura divina ou com a transcendência, relações com os outros, bem como a espiritualidade encontrada na natureza, na arte, no pensamento racional”. (PUCHALSKI *apud* KOENIG, 2012, p. 13).

No que se refere às ações propiciadas aos alunos para que desenvolvam sua espiritualidade desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, reconhecemos o anexo “D” como resposta a esse objetivo no documento. O mesmo apresenta dezessete projetos exclusivos que são desenvolvidos pelo SOREP (Serviço de Orientação Religiosa, Pastoral e Espiritual), oportunizando aos alunos momentos intensos relacionados à espiritualidade. Os projetos apresentam objetivos próprios que retratam a dimensão *espiritual*, como podemos conferir alguns nos excertos abaixo:

- Favorecer a oportunidade da vivência de uma *espiritualidade* comunitária.
- Oportunizar momentos de integração, vivência e oração entre os alunos.
- Despertar para a solidariedade através do conhecimento das diferentes realidades socioeconômicas.
- Celebrar e valorizar o bem maior que é a vida. Celebrar a vida como uma dádiva sagrada que recebemos do Criador.
- Perceber que através da oração nos comunicamos com o Transcendente.
- Favorecer oportunidade da vivência de uma *espiritualidade* comunitária.
- Promover a solidariedade e o envolvimento com os que mais necessitam.
- Oportunizar a decodificação e interiorização dos princípios de convivência escolar.
- Oportunizar momentos de sensibilização, planejamento e execução de atividades que proporcionem o contato com o outro e a percepção de suas necessidades, apontando para a importância da vivência solidária.
- Oportunizar um clima de acolhimento, amizade, reflexão, oração e integração entre os alunos (COLÉGIO ANCHIETA, 2014<sup>a</sup> ).



As ações identificadas como destaque no desenvolvimento da espiritualidade dos alunos podem ser respaldadas na teoria de PORTAL (2004), quando se refere à compreensão de ser humano como ser inacabado, incompleto, que vive e em um constante vir-a-ser. “Ser de inteireza, constituído de múltiplas dimensões (física, mental, social e espiritual) que, buscadas em permanente objetivo de equilíbrio, propiciam sua plenitude e, conseqüentemente, sua saúde” (PORTAL 2004, p. 111)

### 4.3 PEC - Projeto Educativo Comum - PEC

PEC - Projeto Educativo Comum, 7ª versão editada e finalizada em março de 2016, é o mais atual documento da Rede Jesuíta de Educação no Brasil, definindo as linhas comuns a serem seguidas pelos colégios jesuítas do Brasil. Como o colégio sob pesquisa integra essa Rede de Educação, acredita-se ser relevante investigar se nesse documento, com previsão de vigência por quatro anos, de 2016 a 2020, há indicadores referentes ao foco dessa pesquisa - uma Educação voltada para a espiritualidade.

O documento apresenta-se como um plano de metas, organizado sistematicamente em 118 tópicos, enumerados em forma de três capítulos: o primeiro apresenta os pressupostos que sustentam as opções feitas, que são as seguintes:

(1) a garantia de que todas as mediações serão avaliadas em vista não apenas da qualidade do que fazem, mas também do grau de alcance de sua finalidade apostólica; (2) a necessidade de aprofundar as bases que norteiam o trabalho realizado nessas instituições de maneira rigorosa e qualificada; (3) o cuidado para que as instituições que trabalham com jovens sejam espaços de formação de lideranças capazes de irradiação nas diferentes instâncias sociais; (4) a garantia de que a colaboração com pessoas e grupos não jesuítas seja parte do que define e identifica o modo de atuar da Companhia de Jesus, e não apenas uma complementação contingencial; (5) a abertura de espaço e possibilidades de aprendizagem com e dos jovens com quem trabalhamos; e (6) a participação em fóruns de debate e de definição de políticas públicas que afetem as juventudes e suas famílias.(PEC n. 7, 2016).

Nas opções apostólicas, evidencia-se um destaque para o trabalho desenvolvido com jovens, referindo-se às juventudes<sup>28</sup>. Nessa perspectiva, a abordagem engloba formação de lideranças, abertura de possibilidades e espaços para múltiplas aprendizagens e a participação em atividades relacionadas às políticas públicas para esse público.

O segundo capítulo especifica as dimensões do processo educativo, identidade conceitual, mediações e aplicações na vida escolar. O terceiro está dedicado a

---

<sup>28</sup> Juventudes: o uso atual do termo exige que o mesmo seja utilizado no plural, “organizam-se em pequenos grupos, distintos pelas suas relações sociais, econômicas, midiáticas, culturais. [...] Reúnem-se de acordo com seus gostos, costumes, ideologia”. (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2012)

encaminhamentos e cronogramas de implementação do que está proposto nos capítulos anteriores.

O PEC inspira-se no Documento de Aparecida<sup>29</sup> (DA) e no texto sobre Educação “Vão e ensinem” (VE), publicados, respectivamente, em 2007 e 2011 pelo Conselho Episcopal Latinoamericano (CELAM<sup>30</sup>). Esses documentos apresentam a visão eclesial em relação à educação como um direito do cidadão e não como um produto de mercado. Apresentam como foco principal a formação integral como elemento imprescindível à educação católica.

A Companhia de Jesus, por sua vez, em sintonia com a igreja universal e latino-americana, busca a revitalização da tradição educativa até agora construída. Isso foi oficializado com o início da discussão e socialização de experiências para a elaboração do PEC, ação que se deu por meio de dois acontecimentos significativos: “o Colóquio Internacional sobre Educação Básica Jesuíta (ICSJE) em Boston (EEUU) em 2012 e o Seminário sobre Pedagogia e Espiritualidade Inaciana (SIPEI), na Espanha em 2014. A partir desses dois acontecimentos fica definido “um mínimo comum que caracteriza o trabalho apostólico dos jesuítas na área da educação básica”, levando em consideração as distintas realidades.

Pensando em garantir a fidelidade no trabalho realizado nas diferentes unidades, foi constituída em dezembro de 2014 a RJE (Rede Jesuíta de Educação), tendo como missão: “promover um trabalho integrado entre as unidades que a compõem, a partir de uma mesma identidade e de sentido de corpo apostólico, com mútua responsabilidade pelos desafios comuns” (PEZ n. 8, 2016).

O Estatuto da RJE-BRA em seus artigos 4º e 5º reafirmam que a Companhia de Jesus no Brasil, ao instituir-se como presença apostólica que trabalha em rede envolvendo as unidades educativas entre si, bem como as demais presenças apostólicas das respectivas plataformas, almeja que o trabalho educativo desenvolvido nos colégios seja sempre mais aberto e orientado pela unidade e pelo discernimento.

O artigo 5º do Estatuto da Rede Jesuíta de Educação define a “missão” dos colégios da Companhia de Jesus como um lugar de transformação por meio da formação de homens e mulheres que sejam conscientes, competentes, compassivos e comprometidos:

---

<sup>29</sup> O Documento de Aparecida é o texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e Caribenho, ocorrida na cidade de Aparecida de 13 a 31 de maio de 2007, ocasião na qual veio ao Brasil o Papa Bento XVI. CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM), 2007.

<sup>30</sup> CELAM - Conferência Episcopal da América Latina reúne diversos países; são 22 conferências episcopais nacionais que compõem a América Latina e Caribe. O CELAM presta serviços de contato, comunhão e formação às conferências nacionais visando a uma pastoral de conjunto, isto é, maior integração e conexão em seus trabalhos. Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH-Maringá (PR), v.1, n.3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>.

Competentes, profissionalmente falando, têm uma formação acadêmica que lhes permite conhecer com rigor os avanços da tecnologia e da ciência. Conscientes, além de conhecerem-se a si mesmos, graças ao desenvolvimento de sua capacidade de interiorização e ao cultivo da vida espiritual, têm um consistente conhecimento e experiência da sociedade e de seus desequilíbrios. Compassivos, são capazes de abrir seu coração para serem solidários e assumirem o sofrimento que outros vivem. Comprometidos, sendo compassivos, empenham-se honestamente e desde a fé, e com meios específicos, na transformação social e política de seus países e das estruturas sociais para alcançar a justiça. (Nicolás, Medelín, 2013 apud PROJETO..., n. 14, 2016).

Todavia, o trabalho desenvolvido nos colégios da RJE, não é uma ação isolada, fragmentada, organiza-se mediante as orientações das leis que regem a educação no Brasil: LDBEN, 1996; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional; das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (2013); Plano Nacional de Educação; Base Nacional Comum, além das orientações próprias dos órgãos legisladores de cada região do país. Com todo esse arcabouço teórico, o objetivo do PEC - Projeto Comum da RJE - é: “delinear ações para melhor colaborar na seara do apostolado educativo em comunhão com a Igreja e a serviço do nosso país”. (PEC, n. 11, 2016).

O eixo central apresentado pelo sistema de gestão da Qualidade escolar – SGQUE, da Federação Latino-americana de Colégios da Companhia de Jesus - FLACSI, constantes no PEC é a formação integral dos estudantes. Os pressupostos que sustentam as opções feitas estão presentes no seu primeiro capítulo, quando reza a preocupação em articular fé e justiça no espaço escolar, bem como a inserção de outros temas atuais como: “gênero, diversidade sexual e religiosa, novos modelos de família, questões étnico-raciais, elementos referentes à cultura africana no Brasil e a todos os temas similares relacionados a categorias ou grupos sociais que sofrem discriminação, violência e injustiça” (PEC nº 22, 2016).

A partir dessa premissa, a qualidade da educação expressa no PEC vai além dos resultados presentes em avaliações padronizadas de grande escala, apresentando como finalidade considerar as demandas por um mundo mais sustentável. Com esse foco, a proposta pedagógica das escolas jesuítas está centrada:

[...] na formação da pessoa toda e para toda a vida, trabalhamos para realizar uma aprendizagem integral que leve o aluno a participar e intervir, autonomamente, na sociedade: uma educação capaz de formar homens e mulheres comprometidos, compassivos, competentes e críticos (PEC, n. 25, 2016).

O segundo capítulo do PEC especifica as dimensões do processo educativo seguindo a lógica do Sistema de Qualidade da FLACSI, a partir das seguintes dimensões: Curricular,

Organização, Estrutura e Recursos; Clima Institucional e Relação com a família e com a comunidade.

Na dimensão curricular, “a aprendizagem se dá na perspectiva do desenvolvimento pleno do sujeito” (PEC, n. 29, 2016). São apresentadas diretrizes para aperfeiçoar os processos educativos desenvolvidos nos colégios da RJE, para que se garanta o ideal de uma educação integral da Companhia de Jesus.

O currículo contempla aspectos da formação integral para que haja aprendizagem integral. Nesse processo, o professor é “mais do que um mediador”; seu trabalho fundamenta-se em valores: “educamos na justiça, no respeito, na solidariedade, na compaixão”. (PEC, n. 33, 2016). O ato de educar converge para a formação da pessoa toda, envolvendo e garantindo as dimensões cognitiva, afetiva, ética, espiritual, comunicativa, estética, corporal e sociopolítica.

A RJE, pensando no aperfeiçoamento de seus projetos e tendo como meta uma educação de qualidade, estabelece algumas diretrizes práticas. São elas:

- (1) definir, nos programas de capacitação continuada, temas relacionados à educação inclusiva e às necessidades educacionais especiais;
- (2) considerar que aprender a viver juntos é um dos pilares da educação contemporânea, já que supõe participar e cooperar com os demais;
- (3) garantir acessibilidade física;
- (4) desenvolver campanhas de sensibilização para a promoção de acessibilidade pedagógica e atitudinal;
- (5) implantar atendimento educacional especializado, em espaços e tempos distintos, como meio de suporte ao processo de ensino e de aprendizagem;
- (6) definir, a partir das orientações legais, os procedimentos internos para atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais. (PEC, n. 52, 2016).

Na dimensão da organização, estrutura e recursos, o modelo de gestão é apresentado como sinônimo de serviço. Um poder que é compartilhado na missão com atos de responsabilidade no universo das relações.

O direcionamento estratégico nos Colégios da RJE organiza-se a partir de uma máxima: “o discernimento espiritual e a busca daquilo que se apresenta como vontade de Deus para a instituição”. (PEC, n 59, 2016). As decisões tomadas pelas equipes diretivas devem ser sempre pautadas no discernimento.

Na dimensão clima institucional, o destaque é para o cuidado pessoal com os membros da comunidade, na perspectiva de investir em uma formação específica para criar e despertar o espírito de pertença, compreendendo e assimilando a missão do colégio.

O documento discorre sobre o modo de proceder de seus profissionais fundamentado na excelência e no desempenho das atividades. “Não importando nível de responsabilidade,

serviço e autoridade, todos precisam estar cientes das próprias atribuições e bem motivados a realizar o trabalho sob o signo do *Magis*<sup>31</sup>.” (PEC, n. 97, 2016).

Na dimensão família e comunidade local, o enfoque é para o tipo de espiritualidade que é oferecido: “Especial atenção e cuidado pastoral são dados à oferta da espiritualidade Inaciana às famílias e ao acompanhamento espiritual, considerando a variedade que integram à tradição da Companhia de Jesus e o perfil dos integrantes da comunidade educativa” (PEC, n. 103, 2016).

Com a organização da Província única dos jesuítas no Brasil, a missão apostólica da Companhia de Jesus, os colégios integram uma plataforma apostólica com características específicas. O trabalho em rede oportuniza maior integração entre as plataformas, sendo possível pensar e organizar num processo que vise a um “compartilhar pessoas, infraestrutura, recursos e ações, promovendo vínculos afetivos e institucionais” (PEC, n. 108, 2016).

Encaminhamentos e cronograma de implementação estão descritos no terceiro capítulo desse Documento em duas etapas: a primeira, que deverá ser realizada neste ano de 2016, para estudo das orientações desse documento com as equipes diretivas, professores e demais colaboradores de cada unidade escolar e a segunda, que se refere à prática do plano de ações de cada unidade de 2017 a 2019. Está prevista para o ano de 2020 a avaliação do PEC em sua efetividade nos colégios da RJE.

O conceito de espiritualidade presente nesse documento possui um viés direcionado à proposta da Companhia de Jesus, não aparecendo de forma explícita em todos os capítulos. Entretanto, no segundo capítulo encontramos passagens que fazem referência às práticas relacionadas ao conceito de espiritualidade. Quando se evidencia o desafio de articulação entre fé e justiça, são consideradas diversas temáticas atuais, que estão relacionadas com escolhas pessoais que diferenciam os indivíduos entre si, no contexto existencial, envolvendo questões sexuais, religiosas, sociais, sexo, culturas e outros. O documento afirma: “*são realidades que, iluminadas pela fé e na comunhão com a Igreja, precisam fazer parte, de forma transversal, de um ‘currículo evangelizador’ (VE,30) voltado para uma aprendizagem integral*”. (PEC, n. 22, 2016).

Na dimensão curricular, quando refere às seis diretrizes para aperfeiçoar os processos educativos na Rede Jesuíta de Educação, na segunda diretriz assim está lavrado: “*promovam a atualização ou transformação de seus currículos para que expressem a identidade inaciana,*

---

<sup>31</sup> Magis é um termo em latim que quer dizer o mais, o maior, o melhor. Palavra muito utilizada por Santo Inácio de Loyola, quer dizer que sempre podemos experimentar um avanço em relação àquilo que já fazemos ou vivemos. (CABARRÚS, 2004).

*sejam significativos e flexíveis e contemplem as diferentes dimensões da formação da pessoa*". (PROJETO..., nº 29, 2016). Um conceito de espiritualidade está contemplado quando se reporta à identidade inaciana, ao trazer presente o fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, da ordem que administra o Colégio em pesquisa.

Ainda na dimensão curricular, encontramos características típicas de uma espiritualidade. “[...] a educação jesuíta é instrumento efetivo de formação, fundamentado na fé, na prática da justiça, no diálogo e no cuidado com o ambiente”. (PEC, n. 33, 2016).

Na dimensão clima institucional, o documento cita que os profissionais da Rede Jesuíta de Educação são convidados a fazerem a experiência dos “Exercícios Espirituais”<sup>32</sup>. A formação institucional contempla, ainda, “[...] a forma de agir e proceder dos profissionais, seu compromisso com a qualidade e com a excelência, bem como o comprometimento com os valores<sup>33</sup> que orientam a missão do Colégio”. (PEC, n. 82, 2016).

O conceito de espiritualidade aparece direcionado aos diversos públicos dos colégios da Rede Jesuíta de Educação, começando pelos alunos, com a fundamentação na configuração do currículo escolar. Na sequência, aos profissionais da educação, incluindo professores e funcionários em geral. Depois o destaque vem para a comunidade local, na representação das famílias que compõem os colégios jesuítas.

Especial atenção e cuidado pastoral são dados à oferta da Espiritualidade Inaciana às famílias e ao acompanhamento espiritual, considerando a variedade de modalidades que integram a tradição da Companhia de Jesus e o perfil dos integrantes da comunidade educativa (PEC, n. 103, 2016).

Como esse documento estrutura-se em forma de um plano de metas a serem implementadas nos Colégios da RJE-BRA, não são especificadas ações para o desenvolvimento da espiritualidade dos alunos. No entanto, a proposta pedagógica, na dimensão curricular, apresenta em sua essência elementos que suscitam o desenvolvimento de uma espiritualidade, como referido anteriormente.

Após análise dos três documentos do Colégio pesquisado, percebemos que esta Instituição de Ensino contempla a dimensão espiritual em seus aportes teóricos, e

<sup>32</sup> Por esta expressão Exercícios Espirituais, entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente, entre outras atividades espirituais. Os exercícios espirituais, segundo Santo Inácio de Loyola, apresentam uma síntese, ao longo de quatro semanas, o mistério da História da Salvação, a ação salvífica de Cristo na História. (LOYOLA, p. 11-14, 1985).

<sup>33</sup> Valores do Colégio Anchieta: a) Autonomia pessoal e coletiva; b) Discernimento; c) Respeito às diferenças; d) Solidariedade; e) Alteridade; f) Responsabilidade; g) Cooperação; h) Cordialidade; i) Fé e Justiça; j) Diálogo intercultural e religioso; l) Cuidado com a criação. Fonte: <http://www.colegioanchieta.g12.br/missao-visao-e-valores>.

principalmente em planos de ação direcionados à comunidade escolar de modo geral, incluindo pais, alunos, funcionários administrativos e professores.

Nos três documentos destacamos como ponto comum, no que se refere aos princípios espirituais, a identidade do Colégio em si. Esta Instituição de Ensino pauta sua espiritualidade na fé católica, o que não significa que a espiritualidade esteja restrita ao catolicismo. Tendo sua identidade ancorada nesta religião, trabalha aquilo que a espiritualidade pede para ser trabalhado amplamente, que são justamente os valores. Os grandes valores comuns aos documentos: fé e justiça depois são desmembrados em outros conforme já foi destacado anteriormente. Diante dessa constatação, evidenciam-se como grande ponto comum nos documentos os valores espirituais inspirados na vida e obra de Inácio de Loyola.

Como esfera de caráter específica, foi comprovado que o documento II (PPP), apresenta um setor responsável pela dimensão espiritual. Mesmo constatando que os valores espirituais compõem uma tessitura que perpassa toda a proposta pedagógica do colégio pesquisado, identificamos um setor específico que assume a missão de dinamizar o aspecto da dimensão da espiritualidade. Esse setor chama-se “SOREP” e tem como objetivo:

O Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e de Pastoral (SOREP), de acordo com os princípios do Marco Doutrinal do Colégio, visa despertar, orientar, dinamizar e acompanhar a vivência de fé na comunidade educativa de maneira gradual e buscando criar um clima humano-cristão que envolva todas as atividades do Colégio, favorecendo, assim, o diálogo inter-religioso, atitudes e ações solidárias e sustentáveis, a consciência ética a partir do Evangelho e o compromisso com o Magis, naquilo que cada pessoa pode ser ou vir a ser para a Maior Glória de Deus. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 2).

Segundo o plano do SOREP esse serviço assume a tarefa de evangelizar de acordo com a tradição da Igreja e da Companhia de Jesus. “Todas as ações deste, em diálogo transversal com todos os outros serviços, buscam efetivar os valores evangélicos no dia a dia da nossa prática pedagógica” (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 2). A partir dessa tarefa, o documento explicita que esse serviço (SOREP) busca, em suas ações, tornar o Colégio um espaço de evangelização<sup>34</sup>, sendo assim esta a função mais importante desse “serviço”. Essa tarefa vem sendo realizada em acordo com os Parâmetros Curriculares, o Regimento Escolar e a Tradição da Igreja e da Companhia de Jesus. “O SOREP assume a função de fomentar estes valores por meio de estratégias que envolvem os alunos, pais, professores e toda a comunidade educativa” (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 6).

---

<sup>34</sup> Evangelização é a ação e o efeito de evangelizar. Este verbo, resultante do latim *evangelizāre*, refere-se ao ato de pregar as virtudes cristãs e a fé de Jesus Cristo. §852- (CATECISMO DA IRGREJA CATÓLICA, 1993).

Percebe-se que existe um investimento significativo por parte do Colégio para que seja garantida a dimensão espiritual. Comprovamos isso conhecendo o Plano do SOREP. O mesmo cita a quantidade de pessoas que trabalham diretamente nesse “Serviço”. São onze pessoas destinadas a esse trabalho, representando todos os níveis de Ensino, da Educação Fundamental ao Ensino Médio, num universo de quase 3.000 mil alunos. No entanto, esses profissionais não trabalham exclusivamente no SOREP, eles ocupam outras funções/setores. Verificou-se que mais ou menos 47% têm dedicação exclusiva; os demais, parcial.

Verificamos ainda que existe uma pretensão por parte do colégio pesquisado, para que o mesmo se torne uma escola em pastoral. “Com isso a responsabilidade pela evangelização não fica restrita ao “pessoal do SOREP”, mas é assumida por toda a Escola”. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 4). A dimensão da espiritualidade seria responsabilidade e compromisso de todos, e não apenas de um “serviço” específico.

A partir do Regimento Interno do Colégio (2000), o Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e Pastoral (SOREP) assume três diferentes funções que fazem parte da organização escolar: Função Pastoral, Educativa e Pedagógica. O objetivo da primeira função está direcionado em ser uma presença efetiva e afetiva no setor pedagógico, a partir do testemunho e anúncio da mensagem cristã. Pressupõe o exercício de diálogo com a equipe de série<sup>35</sup>, professores e alunos, nas suas interrogações de cunho religioso. Além disso, cabe-lhe ainda proporcionar vivências de fraternidade que possibilitem transcender os limites meramente humanos, com uma atitude positiva diante da vida e de amor vivencial no serviço aos demais. “Buscar junto ao SOREP Geral subsídios e assessoramento para uma ação educativa eficaz; Ser para o aluno, e seus familiares, sinal de esperança como expressão de contínua busca do *‘ser para os demais’* e conviver”. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 12). O outro enfoque nessa função é a atividade da oração junto à comunidade educativa em diversas necessidades. Exerce-se uma atitude orante, por meio de uma escuta atenta.

A segunda função configura-se diretamente ao ato de educar propriamente dito, pelo fato de chamar-se de “Função Educativa”. “Conhecer os diferentes estágios da fé<sup>36</sup> no

---

<sup>35</sup> Equipe de série – um grupo formado por quatro setores do Colégio: SOCE - Serviço e Orientação e Assistência Educacional; SOE - Serviço de Orientação Educacional; SOP - Serviço de Orientação Pedagógica e SOREP - Serviço de Orientação Religiosa, Espiritual e Pastoral. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a).

<sup>36</sup> Segundo FOWER (1992), os estágios da fé estão organizados em sete: Pré-estágio da fé indiferenciada (0 a 2 anos) Depende da maturação biológica do organismo e envolve a confiança emocional que constitui a base para o desenvolvimento da fé. Fé intuitivo-projetiva (2 aos 6 anos). É a fé chamada de germinal, a primeira incorporação de alguns tabus, em um mundo onde o bem e o mal são arbitrários e o contexto é de magia. Fé mítico-(literalismo) (7 aos 12 anos). Na infância e na adolescência questiona a própria fé da primeira infância com base nos ensinamentos da pessoa de referência., aprende a distinguir fantasia de realidade. Fé sintético-convencional (12 aos 18 anos). Surge na adolescência e amplia a experiência de mundo para além da família. É um estágio conformista, no qual a pessoa não possui percepção segura da nova identidade. Esta é uma fase em que muitas pessoas



desenvolvimento do aluno, considerando-os em seu trabalho educativo”. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 11). Procurando ser uma presença viva que testemunha a vivência dos valores humano-cristãos, na convivência escolar. Também compete ao SOREP buscar junto às equipes de série subsubsídios e assessoramento para uma ação educativa eficaz.

A terceira função contempla alguns aspectos, direcionados ao conceito de espiritualidade que o Colégio acredita e desenvolve com seus alunos. O enfoque é pedagógico e assim se expressa: “Função Pedagógica: organizar situações de vivência de forma a valorizar espaços sagrados e objetos sagrados, momentos celebrativos, possibilitando o desenvolvimento de hábitos e atitudes cristãs”; (COLÉGIO ANCHIETA, 2014b, p. 12). Isso acontece por meio de uma busca constante de subsídios atualizados para promover situações de aprendizagens e de ensino através de vínculos fraternos na comunidade escolar, sempre a partir dos valores cristãos anunciados nessa Instituição de ensino.

Compete ainda ao SOREP avaliar o processo de evangelização desenvolvido nesse colégio pesquisado, com o objetivo de melhor qualificar as ações pastorais que abrangem teoria e prática, unindo fé e vida como expressão da espiritualidade desenvolvida em todo processo educativo, desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

Segue a apresentação das três categorias emergentes, que surgiram a partir das análises das entrevistas seguindo os passos da ATD, conforme roteiro exposto na metodologia dessa pesquisa. As categorias foram a posteriori, assim definidas: Vivência de valores no espaço escolar; Ações educativas significativas e Religião, fé e espiritualidade.

---

permanecem por toda a vida. Fé individual-reflexiva (18 aos 25 anos). A pessoa começa assumir a responsabilidade, compromissos, estilos de vida, crenças, bem como conhece a complexidade da vida. A capacidade de refletir sobre a própria identidade e a capacidade de compreender os significados da pessoa ou de seu grupo é a força emergente deste estágio. Fé conjuntiva (após os 25 anos) O crente entende a dúvida como parte da sabedoria, e as fronteiras rígidas do egocentrismo tornam-se permeáveis. A pessoa retoma as experiências vividas e adquire consciência crítica de si mesma. Fé universalizante é atribuída à maturidade, sem idade específica. A característica básica é o engajamento em uma comunidade humana e o compromisso com a transformação da realidade, visando os valores transcendentais. As pessoas raramente atingem esse estágio. Ex. Gandhi, Luther King, Madre Tereza de Calcutá...

## 5 VIVÊNCIA DE VALORES NO ESPAÇO ESCOLAR (QUESTÕES 1, 2 E 3)

Para Martinelli (1999), valores humanos independentes de raça, sexo ou cultura estão presentes em todas as religiões e filosofias. Fazem parte da condição humana, dignificam a conduta humana de uma pessoa e ampliam sua capacidade de percepção do ser, a partir de sua própria consciência. Possibilitam ainda a libertação do individualismo e pequenez e dissolvem preconceitos e diferenças. Os valores humanos são fundamentos éticos e espirituais que constituem a consciência humana. Quando os alunos foram indagados a descreverem o que haviam aprendido de mais importante e significativo durante os anos da vida escolar vividos no colégio pesquisado, os relatos apresentaram-se em forma de vivências fundamentadas a partir de valores. Os principais valores destacados em unanimidade pelos alunos foram: amizade, respeito e solidariedade.

O primeiro valor citado pelos os alunos foi a amizade. O colégio foi nomeado com um lugar propício para se fazer amigos. *“Eu aprendi, aqui no colégio, o significado verdadeiro de uma amizade. Fiz vários amigos que eu vou levar para o resto da minha vida”*. (Entrevista 3). A questão da amizade ultrapassa a relação de gênero: *“Eu me dou bem com toda a minha turma, considero todos eles meus amigos, tanto os meninos quanto as meninas”*. (Entrevista 2). O dicionário de filosofia apresenta um conceito com a percepção de Aristóteles, referindo-se a amizade como algo necessário à vida humana:

Amizade: em geral, a comunidade de duas ou pessoas ligadas por atitudes concordantes e por afetos positivos. Os antigos tiveram da amizade um conceito muito mais amplo do que o admitido e usado hoje em dia, como se infere da análise que Aristóteles fez dela, nos livros VIII E XIX Ética a Nicômaco. Segundo Aristóteles, a amizade é uma virtude ou está estreitamente unida à virtude: De qualquer forma, é o que há de mais necessário à vida, já que os bens que a vida oferece, como riqueza, poder, etc não podem ser conversados, nem usados sem os amigos. (VIII, 1, 1.155 a1.ABBAGNANO, 2000, p. 37).

A trajetória dos alunos entrevistados é resultado de treze anos vividos nesse colégio. *“O Anchieta me ensinou muitas coisas, mas o que ficou mais marcante é que eu aprendi a valorizar as minhas amizades aqui dentro”*. (Entrevista4). A relação com o outro, o aspecto da convivência ficou exposto quando os alunos se referiam às amizades construídas da infância até o momento presente.

*“Uma coisa muito importante que eu aprendi aqui foi fazer amigos. Quando eu cheguei do primeiro ano, vim sozinho da minha creche. E eu não conhecia ninguém e a partir daí comecei a fazer amigos”*. (Entrevista 6). A amizade reconhecida como valor recebe um conceito peculiar na visão dos alunos sujeitos dessa pesquisa: *“Amizade é tudo; quando*

*alguém precisa de alguma coisa, eu estou ali tentando ajudar o máximo a pessoa. Eu valorizo todos os dias os meus amigos”. (Entrevista 2).*

Além de ter amizade como um valor significativo, que dá sentido à vida, desenvolvido no espaço escolar, os alunos também relataram que conseguem ultrapassar, que transcendem a realidade do colégio. Os amigos não só fazem parte da vida escolar, mas também constituem um grupo social: *“Tudo o que faço no final de semana é com os amigos e eu já estou muito tempo junto com eles, e tem uns amigos que estão comigo desde que eu entrei aqui no colégio”. (Entrevista 1).* Ter amigos, segundo o discurso dos alunos entrevistados, faz com que se tenha mais sentido em vir ao colégio. *“A amizade proporciona uma boa convivência, como tu gostar de vir ao colégio, tu querer acordar de manhã e vir estudar”. (Entrevista 5).* Para PINHEIRO (2015), a amizade traduz uma profunda relação de reciprocidade envolvendo o apreço e confiança entre pessoas unidas pelo vínculo do espírito e da moral. *“Tento manter fora do colégio, sair, se divertir com os amigos, porque na verdade a maioria dos meus amigos são do colégio e as minhas melhores amigas são minhas colegas da sala de aula”. (Entrevista 3).*

São os valores que dão sentido à nossa vida, conseguimos constatar com grande evidência nos discursos dos alunos entrevistados, quando destacaram o significado da amizade como valor, algo que fazia a diferença. MARTINELLI (1996) discorre sobre essa questão:

A vivência dos valores alicerça o caráter e reflete-se na conduta como uma conquista espiritual da personalidade. No dinamismo histórico, os valores permaneceram inalteráveis como herança divina em cada um de nós, apontando, sempre, na direção da evolução pelo autoconhecimento. (MARTINELLI 1996, p. 15).

O segundo valor mais citado pelos alunos foi o respeito. Os entrevistados afirmaram que amizade e respeito se complementam e, para se ter uma boa amizade, precisamos cultivar o respeito. *“E houve muita aceitação, respeito, porque eu vim de outra turma e, desde lá, eu fiz muitas amizades”. (Entrevista 4).* *“Aprendi a respeitar os outros, respeitar e acolher as diferenças, as pessoas com opiniões diferentes das minhas. Isso é muito importante para a vida”. (Entrevista 1).* É importante ressaltar que os alunos reconhecem quando começaram a aprender a respeitar no colégio. As repostas inferiram para um mesmo ponto: iniciaram no primeiro ano do Ensino Fundamental e continuaram até agora, o terceiro ano do Ensino Médio. *“Acho que tudo que aprendi é um valor”. (Entrevista 2).*

A palavra respeito provém do latim “*respectus*” e significa atenção ou consideração. PINHEIRO (2015) corrobora a compreensão desse conceito, afirmando que o ser humano

precisa ter primeiro essas atitudes consigo mesmo e depois com o outro, mesmo frente à diversidade da vida, que engloba cultura, nível socioeconômico, comportamentos, tradições, etc. ressalta, ainda, que é preciso reconhecer os direitos e princípios de outrem e compreender o universo em sua multiplicidade incluindo todos os seres vivos. A partir dessa premissa, o respeito é considerado o reconhecimento do valor próprio dos direitos dos indivíduos e da sociedade em si. *“Tu precisas respeitar o outro. Isso vem da forma como a pessoa foi educada em casa. O respeito acontece no dia a dia, é um verbo, uma ação que acontece no dia a dia”*. (Entrevista 5).

Esta definição de respeito citada acima foi a única que emergiu dos discursos dos alunos. As demais expressões revelaram exemplos práticos de respeito relacionado à vida dos entrevistados incluindo três subcategorias: espaço escolar, convívio familiar e a sociedade de modo geral:

*Acho que é muito importante estabelecer um nível de respeito entre aluno professor. Acho que no momento é o professor que precisa ser respeitado, mas no futuro, pode ter a relação entre funcionário e chefe. Eu aprendi bastante a respeitar a pessoa porque ela está fazendo o trabalho dela ali. Ela está tentando exercer a profissão dela.* (Entrevista 5).

Neste relato evidencia-se a relação do respeito no espaço escolar, com um nível de consciência, numa perspectiva de construção de possíveis relações com profissionais no futuro. Essa abordagem destaca o respeito, direcionado a um profissional que exerce um determinado ofício. De certo modo, contrapondo essa questão, ZYLBERBAUM (1979) defende que respeitar alguém não é necessariamente categorizá-lo, e muito menos defini-lo. *“O respeito implica na certeza de que cada pessoa é uma unidade independente e centro de um universo”*. (ZYLBERBAUM, 1979. p. 70). O fato de não respeitar a outra pessoa estaria relacionado à percepção de conceber o outro como apêndice de si mesmo, ou como sua própria extensão.

A parceria entre família e escola ficou explícita quando os alunos fizeram alusão aos valores ensinados em casa pelos pais, refletidos na escola. *“Por ex: se em casa não é ensinado que é para respeitar os professores, logo ele não vai respeitar os professores, os pais, os tios, os avós. Então em casa é o local para aplicar a questão do respeito principalmente tratando a pessoa com o devido respeito que ela merece”*. (Entrevista 2). Na Exortação Apostólica *Amoris Lætitia* do atual Papa Francisco (2016) referindo a uma definição de família, o Pontífice menciona que, para além dos problemas atuais e das necessidades urgentes que são observadas nos diferentes contextos sociais, a família continua

sendo um centro, no qual deve reinar a lei do respeito e da comunhão, capaz de resistir aos ataques da manipulação e da dominação dos grandes centros de poder. Reforça a importância do papel da família assegurando que:

A tarefa dos pais inclui uma educação da vontade e um desenvolvimento de hábitos bons e tendências afetivas para o bem. Isto implica que se apresentem como desejáveis os comportamentos a aprender e as tendências a fazer maturar. Mas trata-se sempre de um processo que vai da imperfeição para uma plenitude maior. (PAPA FRANCISCO, 2016, p. 208).

Constatou-se o reconhecimento que os alunos entrevistados atribuíram às famílias, considerando-as como referência, base que alicerça – isso, mesmo independente da sua configuração e estrutura. *“Passo os finais de semana normalmente com meu pai, moro com minha mãe e minha avó”* (Entrevista 2). A família é identificada como um espaço ímpar, em que se vivenciam experiências, repletas de sentimentos e aprendizagens diárias. *“Em casa, por exemplo, acontece o respeito, mas eu tenho outro exemplo: tu vais em uma palestra de um médico ou dessa natureza, e eu percebi que é uma falta de respeito tu estar falando durante essa palestra”*. (Entrevista 5). O Santo Padre Papa Francisco nos ajuda a compreender quando escreve: *“O que interessa acima de tudo é gerar no filho processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia”* (PAPA FRANCISCO, 2016, p.206). A educação que os pais propiciam a seus filhos precisa estar fundamentada em uma formação ética, incluindo uma noção de realismo frente à situação na qual estamos inseridos.

Perante as expressões dos alunos entrevistados, o respeito ultrapassa limites e nos acompanha em qualquer lugar onde estivermos, conduzindo-nos a termos atitudes éticas: *“O respeito é quando, por exemplo, tem discussões ou quando tu vês algum problema na rua, alguém sendo desrespeitado, vou lá ajudar, defender a pessoa para mostrar para o outro que não é bem assim para agir”*. (Entrevista 6).

O terceiro valor que recebeu grande relevância pelos entrevistados foi a solidariedade. Em diversas expressões, foi declarado que as ações oferecidas pelo colégio fizeram a diferença na vida dos alunos, desde os anos iniciais até agora, na conclusão do Ensino Médio. *“O colégio tem vários projetos de voluntariado que ajudam os que têm menos condições”* (Entrevista 3). Segundo o Dicionário de Filosofia (2000), a palavra solidariedade é um termo de origem jurídica definido a partir de duas abordagens:

Solidariedade, na linguagem comum e na filosófica, significa: 1º inter-relação ou interdependência; 2º assistência recíproca entre os membros de um mesmo grupo.

Neste sentido, fala-se de *solidarismo* para indicar a doutrina moral e jurídica fundamentada na solidariedade. (ABBAGNANO, 2000, p. 918).

Os sujeitos dessa pesquisa relataram algumas ações que os tornaram solidários, principalmente a partir do contato com outras realidades sociais diferentes das que estavam acostumados a frequentar. *“A gente ia em creches, visitava pessoas bem pobres, também íamos em asilos. Essas coisas foram as coisas que me marcaram pelo fato de irmos em lugares diferentes que eu não estava acostumado a conviver.”* (Entrevista 1.) Diante das falas dos alunos, percebeu-se que o colégio pesquisado oportunizou momentos de sensibilização, de conhecimento de outras realidades sociais. Podemos dizer, a partir do referencial teórico citado no capítulo sobre inteligência espiritual, que essas ações podem conduzir para o desenvolvimento dessa inteligência, encontrando mais sentido e significado para sua existência. *“Quando tu vais para outros lugares, tu começa a pensar mais na vida. Sabendo da vida dos outros, tu começa a pensar mais na tua. A partir daí, tu começa a dar mais valor para tua própria vida”.* (Entrevista 6).

Nos relatos, houve um destaque especial para uma atividade específica do Colégio, que oportunizou ações direcionadas para o exercício de solidariedade, no espaço interno do colégio e também além. Possibilitando encontros com outras pessoas, que, todavia, estando no mesmo espaço escolar, pertencem a classes sociais diferentes. *“Quando eu estava no 6º ano, participei do grupo de amigos/GA, aqui no colégio, e lá a gente fazia várias atividades. A gente saía, entrevistava umas pessoas, até os seguranças, conheci um pouco da vida deles, foi muito importante.”* (Entrevista 3). O GA (Grupo de Amigos) era uma atividade pastoral que funcionou no Colégio até o ano de 2015, oferecida aos alunos de 5º e 6º ano após terem feito a *“Eucaristia”*. O GA era um espaço de cultivo e valorização das virtudes cristãs.

Nesta etapa do desenvolvimento humano o adolescente vai aos poucos definindo e individuando sua personalidade e seu caráter. A atividade do Grupo de Amigos quer junto com outras atividades em nível de formação humana e espiritual oferecidas pelo Colégio oferecer um espaço para o cultivo de relações humanas sadias, fundamentado nos valores e práticas do Evangelho e da Espiritualidade Inaciana. (COLÉGIO ANCHIETA, 2015, p. 2).

Segundo o documento Características da Educação da Companhia de Jesus (CARACTERÍSTICAS DA COMPANHIA DE JESUS 1997), a educação jesuíta acentua um investimento nos valores comunitários, tais como a igualdade de oportunidade para todos; prima, no entanto pelos princípios de justiça social e concebe o serviço aos demais como uma realização própria mais valiosa que o sucesso ou prosperidade individual. Os alunos reafirmam essa premissa quando assim se expressam: *“Sempre estou disposta a ajudar os*

*outros, ajudar o máximo, fazer o meu melhor. Por exemplo: meu colega falta a aula, ajudo emprestando o material". (Entrevista 1).* Nesse mesmo sentido, outro aluno reafirma esse aprendizado, lembrando o reconhecimento entre escola e família. *"Eu tenho mais solidariedade com as pessoas. Reconheço que eu aprendi isso aqui no colégio, mas a minha família ajudou isso também". (Entrevista 2).* Em outro discurso, essa ideia é reafirmada: *"É uma experiência que a gente não consegue explicar, muito marcante em minha vida". (Entrevista 1).*

Os valores assimilados no espaço escolar também são vivenciados fora do colégio, segundo o que relataram os alunos: *"Estou no ônibus; se estou sentado, tem um senhor mais velho de pé, eu saio e dou o lugar para ele, eu já fiz isso várias vezes." (Entrevista 6).* Para MARTINELLI (1999), os valores não podem ser concebidos como algo abstrato e muito menos como uma norma imposta de fora para dentro; ao contrário, precisam ter ressonância na vida cotidiana. Todavia, uma educação pautada em valores deverá favorecer aos alunos a capacidade de discernimento, conscientizando-os da importância de suas escolhas. *"Tem que fazer o que é certo, e isso é o principal que tenho, porque aprendi no Anchieta". (Entrevista 3).* Essa mesma afirmação recebe eco em outra fala: *"Com o tempo, é natural, é automático, é uma coisa que tem que estar na consciência para orientar nossa vida". (Entrevista 5).* Os valores, segundo as experiências dos entrevistados, integram o conhecimento adquirido na família, na escola e se expressam na sociedade, conduzindo-os a terem atitudes éticas, diante das diversas circunstâncias da vida.

Nesse contexto, faz sentido salientar o sentimento de pertença que os alunos atribuíram ao colégio pesquisado, como um espaço de convivência, de experiências significativas, de trocas com seus pares. *"Aqui no Anchieta o ambiente é bom, muito agradável e tu gosta de vir ao colégio". (Entrevista 2).* E ainda: *"Tenho orgulho em ser anchietano, meus filhos estudarão aqui". (Entrevista 4).* Percebeu-se que a vivência a partir de valores torna a vida com mais sentido, definindo princípios e propósitos valiosos que poderão nortear a nossa vida na sociedade. Martinelli corrobora, atribuindo uma definição a valores humanos: *"São uma energia que pulsa em todos os seres humanos. Estão vivos e presentes no pensamento humano a todo momento e determinam o comportamento e orientam a inteligência e a criatividade"* (MARTINELLI, 1999, p. 21).

Outros valores não menos importantes foram mencionados pelos alunos: dedicação, honestidade, responsabilidade, autonomia e sustentabilidade. Nas diversas indagações referentes às vivências a partir de valores, evidenciou-se nos relatos a busca por uma coerência entre o que se vivia no espaço escolar e em outras realidades fora do colégio.

*A sustentabilidade é para a vida inteira, atitude de poupar, tentar ser menos consumista. Na minha casa, temos a regra de que o banho não pode demorar mais que 15 minutos, que já é bastante. O lixo é separado, orgânico e seco, luz sempre desligadas; a gente só liga no cômodo que estiver e de preferência todo mundo no mesmo cômodo, a gente aproveita e fica todo mundo junto. No colégio também consigo colocar em prática, primeiro tento manter a qualidade do local, não sujar, não riscar, também com a separação do lixo orgânico e seco, eu colaboro sempre na separação do lixo. (Entrevista 1).*

Nessa categoria referente à vivência de valores no contexto escolar e sua aplicabilidade, os alunos citaram a amizade com o grande valor vivido na escola. As relações com pares ocuparam o espaço principal na vida dos entrevistados. Esse sentimento de bem-querer faz com que o espaço escolar seja prazeroso, conforme relatos já citados. Os vínculos construídos na escola ultrapassam a realidade do espaço físico e dão mais sentido à vida, conduzindo-os a práticas éticas na sociedade. Os valores amizade, respeito e solidariedade formam um tripé muito importante vivido no colégio pesquisado. Para Martinelli (1996), os valores oferecem possibilidades à sobrevivência da espécie humana, numa perspectiva de cumprimento da missão do ser humano em relação à criação. “Vivemos tempos críticos, violentos e desesperados; isso acontece devido ao fato de grande parte da humanidade ter esquecido seus valores e tê-los considerado até ultrapassados e desinteressantes” (MARTINELLI, 1996, p. 15).



## 6 AÇÕES EDUCATIVAS SIGNIFICATIVAS (QUESTÕES 4 E 6)

A segunda categoria que emergiu no processo de análise textual discursiva refere-se às ações educativas que contribuíram com a formação humana dos entrevistados no espaço escolar. Paralelamente foram mencionadas outras experiências que fora do colégio também contribuíram nesse período de formação dos alunos. Esse resultado surgiu a partir das questões quatro e seis que fizeram parte do questionário orientador da entrevista: No colégio que ações destacadas como importantes que ajudaram em tua formação enquanto ser humano? Fora do colégio possui outras experiências que ajudaram em tua formação enquanto ser humano?

Algumas ações oferecidas pelo colégio pesquisado foram reconhecidas pelos alunos entrevistados como as mais significativas, que causaram um impacto positivo em suas vidas. As ações foram: apadrinhamento, campanhas solidárias, voluntariado, viagens de estudos, outras viagens de formação e a semana anchietana. Compreendendo o que seria a ação do apadrinhamento, eis o relato dado pelos entrevistados:

O projeto do Apadrinhamento tem como objetivo sensibilizar a comunidade escolar para as várias realidades sociais, desafiando-a a conviver com as diferenças de forma harmoniosa. O que era feito de forma assistencial transformou-se em um projeto existencial, favorecendo o encontro, privilegiando as relações, o contato, o carinho e a atenção, assim formando vínculos e compartilhando ensinamentos com crianças das instituições assistidas pelo Colégio. (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 8).

A ação do apadrinhamento, nomeado pelo colégio como um projeto, envolve educadores, famílias, alunos, afilhados. A proposta desse projeto objetiva habilitar esses sujeitos a exercitarem sua capacidade de ser solidário. *“Cada aluno tinha um afilhado, e a gente ia numa escolinha – creche comunitária – e a gente ficava o dia cuidando deles, e em datas comemorativas levávamos lembranças. Íamos também em asilos e ajudávamos de acordo com as necessidades deles”*. (Entrevista 2). Desse modo, o colégio intervém de forma proativa em parceria com uma série de entidades carentes, gerando benefícios não somente às Instituições, mas também a toda comunidade escolar que participa diretamente dessa ação.

Aos responsáveis pelo projeto, cabe-lhes o comprometimento na busca pela promoção da justiça social. Em favor de uma sociedade justa e igualitária, valor expresso nos documentos que fundamentam a prática pedagógica dessa instituição de ensino pesquisada, como já citado no capítulo da análise documental no PEC, especificamente.

*Tinha aquela atividade que a gente adotava meio que uma criança, passava uma tarde com elas, em uma atividade chamada “apadrinhamento”; com isso eu me*

*tornei uma pessoa um pouco mais humilde. A criança precisa muito de carinho, a gente olhava aquelas crianças tri pilhadas para jogar bola, brincar de boneca. Tu davas um papel e uma caneta para eles e elas iam fazer tudo. E daí tipo, eu fiquei muito humilde. (Entrevista 1).*

Segundo o documento que descreve o projeto do apadrinhamento (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a) no colégio pesquisado, essa ação visa contribuir diretamente com a formação de bons cidadãos. Pessoas que contribuam positivamente na sociedade, frente a diferentes realidades e desigualdades sociais, sendo pessoas compassivas, conscientes, competentes e compreensivas. “É preciso mobilizar corações e mentes, a fim de que cada aluno possa solidarizar-se conhecendo a realidade através da experiência, apoiados pela escola, e assim lutar para minimizar as causas de sofrimento.” (COLÉGIO ANCHIETA, 2014a, p. 9). A partir dessa concepção, esse projeto do apadrinhamento configurou-se como espaço de sensibilização, planejamento e execução de ações que possibilitam a vivência solidária.

Através do projeto é possível que cada criança/aluno amplie o seu mundo e sua compreensão da humanidade. É um convite para sair da sua realidade e ir à realidade do outro, esse espaço que é diferente do seu. Trata-se, então, de uma sensibilização para que o aluno se sinta convidado e provocado a ser agente transformador na sociedade em que vive. (Colégio Anchieta, 2014a, p. 10).

Além de projetos solidários durante o ano letivo, o colégio promove algumas campanhas institucionais, em prol de realidades carentes. “Teve a Campanha do Agasalho: ganhávamos uma sacola para colocar as roupas e eu sempre contribuía com isso. Na verdade, essa é uma experiência muito boa e significativa para mim”. (Entrevista 5). Os alunos percebem sentido nas campanhas solidárias oferecidas pelo colégio, sempre para atender uma necessidade social carente. “Agora há bem pouco tempo o colégio fez uma campanha para arrecadar celulares para os refugiados. Esse foi legal, pois me abrigou a pesquisar a situações dos refugiados, como eles chegaram e como viviam. (Entrevista 2). A partir dessa motivação, foi possível olhar e perceber outros contextos. Esse sujeito entrevistado, por exemplo, relata que descobriu que a empregada de uma amiga sua é haitiana e está refugiada aqui em Porto Alegre e no momento precisa de roupas.

O apadrinhamento se inicia principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental e possui um destaque especial no 4º ano. “Aquele realidade me deixou muito emocionado. As crianças também vieram para cá. Era como se a gente fosse tipo um pai adotivo das crianças, e a gente brincava com elas. E isso começou na quarta série”. (Entrevista 1). No Ensino fundamental II e Ensino médio, essa atividade configura-se com um projeto mais amplo e semanal, que se chama voluntariado. No Brasil existe uma lei que regulamenta as

ações de voluntariado. O parágrafo único dessa lei reza que o serviço voluntário não gera vínculo empregatício, e muito menos obrigação de natureza trabalhista previdenciária. Essa premissa é reafirmada no artigo primeiro quando assim prescreve:

Art. 1º Considera-se serviço voluntário, para os fins desta Lei, a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza ou a instituição privada de fins não lucrativos que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoa. ([http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm))

No colégio, como os alunos são menores de idade, os pais assinam um termo autorizando a participação em atividades referentes ao voluntariado. *“Com certeza a ação que me foi mais marcante foi o voluntariado. Tudo me marcou muito, de poder usar isso na minha vida; a partir daí eu dou mais valor nas coisas que eu tenho”*. (Entrevista 1). As entidades sociais visitadas, a partir dos relatos, sempre estavam inseridas em situação muito carente. No entanto, fazer experiências dessa natureza despertou nos alunos um senso de gratidão ímpar pela vida, principalmente no que confere a questão de às vezes ficar reclamando por coisas insignificantes, que não agregam.

*O voluntariado me ajudou a enxergar que existem, que tem pessoas que têm muito menos do que a gente e realmente precisam de ajuda. Com isso, eu percebi que as pessoas reclamam da vida deles sem enxergar ao seu redor e ver que tem pessoas com vida muito piores, passando por situações difíceis. Como, por exemplo, lá no voluntariado tinha crianças que não tinham pais, elas foram abandonadas e moravam na creche.* (Entrevista 2)

Segundo Marques (2015), valores podem ser considerados como referenciais internos, saberes que justificam nosso modo de proceder em sociedade. Seriam como práticas que nos humanizam, uma vez que nos distanciam do senso comum e nos aproximam do bom senso. *“Tu saia daquela tua bolha, porque aqui no colégio todo mundo é bem de vida que vive na mesma cidade, e daí tu chega e vê que não é com todo mundo.* (Entrevista 5). Os alunos reconhecem que podem realizar ações solidárias em prol de pessoas carentes. *“Na realidade eu tento o máximo ajudar os outros”*. (Entrevista 4). A ênfase destacada nos discursos volta-se para a valorização daquilo que se tem no presente consequentemente ajuda a pensar no outro, a ter mais solidariedade, e a não enxergar apenas o seu próprio mundo. Faz-se *“necessário perceber que existem pessoas além de ti que às vezes precisam muito mais do que tu tens. Porque, na verdade, sobra tanto para mim e falta para os outros. Eu me considero uma pessoa consciente”*. (Entrevista 5).

Constatou-se que existe uma parceria significativa entre família e escola, no que confere à vivência de valores humanos: *“Minha mãe me incentiva essas práticas solidárias”*. (Entrevista 4). Quando as famílias reforçam positivamente as aprendizagens vividas no Colégio, os alunos respondem de modo proativo às propostas apresentadas na escola com mais significado. Acompanhemos o relato que segue:

*A minha mãe ajuda num grupo que é do Câncer infantil; ela vai fazer uma ação lá agora de contar histórias e eu vou junto com ela. Para visitar o espaço e ajudar. Minha mãe tem uma empresa de eventos e sempre sobra coisa dos eventos, e ela vai começar a doar. Existe também uma ação junto com a um amigo dela que é escritor, ele vai levar uns livros para doar para crianças carentes. (Entrevista 2).*

Diante desse panorama que expressa experiências mais significativas que marcaram positivamente os alunos entrevistados, o destaque foi para as viagens realizadas pelo Colégio. As mais citadas foram: Missões, São Paulo, Vila Oliva, Morro do Sabiá. Além das temáticas de estudo abordadas nas viagens, na percepção dos alunos, foram consideradas como um instrumento de aprendizagens múltiplas para a vida de modo geral. *“Entre as viagens cito o Morro do Sabiá e as Missões, foi exatamente na quarta série, quando entrei nessa turma, e a gente se uniu bastante. Eu não conhecia muito as pessoas, mas foi muito legal”*. (Entrevista 4). União e maior conhecimento e integração com os colegas de aula, segundo esse entrevistado, foi resultado da convivência proporcionada pelas viagens. Essa modalidade de aprendizagem recebe respaldo no Plano Político Pedagógico da Instituição pesquisada (PPP/2014), quando reza que as práticas educativas desenvolvidas pelo Colégio levam em consideração a priorização de aprendizagens significativas. Esse documento defende ainda que as práticas de atividades escolares são organizadas em torno de objetivos que transcendam os limites e os objetos dos diversos componentes escolares.

Contextualizaremos dois dos lugares que foram citados significativamente pelos sujeitos dessa pesquisa: *“Vila Oliva e Morro do Sabiá”*. São duas propriedades dos Padres Jesuítas. Vila Oliva é uma região que pertence ao município de Caxias do Sul. Nessa região, desde de 1946, os padres jesuítas construíram uma casa para formação humana. O local oferece uma variedade de possibilidades de lazer, contato com uma natureza exuberante, além de passeios pelos Campos de Cima da Serra.

*“Vila Oliva”, como é popularmente conhecido, é também um espaço que se destina a projetos pedagógicos. Durante o ano, os alunos participam do Projeto Vila Oliva, onde eles têm um contato íntimo com a natureza, realizando tarefas e desenvolvendo estratégias relacionadas aos Planos de Estudo do Colégio. São atividades multidisciplinares. (COLÉGIO ANCHIETA, 2017a)*

Quatro anos depois da fundação propriedade em Vila Oliva, os padres Jesuítas adquiriram uma área na zona sul de Porto Alegre, em Ipanema. Para ser usufruído por alunos, familiares e professores nos fins de semana, e por turmas de alunos do Colégio Anchieta durante o letivo. O local possui uma infraestrutura semelhante à da Vila Oliva. A diferença é a construção de uma capela, onde se encontra um quadro de Nossa Senhora, feito pelo célebre pintor italiano Aldo Locatelli.

As atividades no Morro do Sabiá envolvem a integração entre os alunos desde a Educação Infantil até a 3ª Série do Ensino Médio. Além disso, o espaço também serve para atividades extracurriculares de disciplinas como Ciências e Biologia. (COLÉGIO ANCHIETA, 2017b)

Nessa linha de pensamento, retomando ao significado das aprendizagens que os alunos identificaram nas viagens, encontramos outra fala que expressa outro viés de aprendizagens:

*Uma das coisas que aprendi nessas viagens foi dormir longe da minha mãe e também tive que controlar bastante o meu dinheiro, porque eu gastava muito antes. Assim eu me tornei uma pessoa mais responsável. Também aprendi arrumar a mala, porque eu nunca havia arrumado uma mala na minha vida. Também aprendi a acordar sem a minha mãe. Com isso, tinha que acordar cedo e colocar o relógio para despertar e tomar o café da manhã. Com essa experiência, eu me tornei mais autônomo. (Entrevista 4).*

Na simplicidade das palavras, percebemos a intencionalidade das ideias relatadas pelos alunos, como aprendizados que ultrapassam a realidade do espaço físico do Colégio e os tornam pessoas mais autônomas e responsáveis. “*Essas viagens ajudam muito tu te formar como pessoa. Me fizeram ter mais responsabilidade, e aí me formo como pessoa, a pessoa que sou hoje*” (Entrevista 1). Pelas falas expressas nas mensagens dos entrevistados, podemos inferir algumas características que retratam o contexto social e familiar do grupo pesquisado: “*Na Vila Oliva, por exemplo: eu me sirvo, lavo a minha louça, isso me marcou muito.*” “*A gente ia todo ano pra Vila Oliva, podíamos escolher as idas, de acordo com a proposta.*” (Entrevista 3).

Todas essas práticas educativas estão fundamentadas no PPP (2014) do Colégio pesquisado, levando em consideração aspectos que são fundamentais nesse processo de aprendizagem: “Respeito ao processo de desenvolvimento do aluno, garantindo experiências de aprendizagens pessoais e/ou coletivas presentes nas ações do Colégio”. (COLÉGIO ANCHIETA 2014a, p. 32). Na tentativa de elucidarmos o processo da formação integral proposto pelo Colégio, acompanhemos um relato de experiência que revela a dimensão espiritual na formação humana destacada pelos entrevistados. A atividade aconteceu no morro

do sabiá, durante um retiro espiritual para os alunos que iriam fazer o Crisma. Para a Igreja católica, Crisma é o sacramento do Espírito Santo que confirma as promessas feitas no sacramento do batismo, pelos pais e padrinhos no momento de tal celebração. Os alunos fizeram a experiência de colaborar como monitores no retiro: *“Tu passas do momento de ser responsável por ti mesma, para agora tu ser responsável por outros alunos. Passa da experiência de teu momento com Deus e colabora na organização das fases que tem o retiro, é muito legal. O retiro a gente se sente com Deus.” (Entrevista. 1).*

Como o foco central dessa pesquisa é inteligência espiritual, faz sentido citarmos Portal (2007) que corrobora nessa questão da espiritualidade citada pelos alunos, quando escreve sobre a importância da inteligência espiritual, como uma dimensão complementar:

O termo Inteligência Espiritual é caracterizado pela reflexão inicial de conceituação de Inteligência e de Espiritualidade, não como dimensões antagônicas, mas complementares e enriquecedoras, passando a estudos que apontem a necessidade do investimento nesta inteligência. (PORTAL, 2007, p. 290).

De acordo com a definição de inteligência espiritual descrita no referencial teórico dessa pesquisa, percebemos que ficou evidente que os alunos entrevistados compreenderam a que se refere o conceito de inteligência espiritual: *“Quando a gente viajava, a gente percebia o sentido por que estávamos fazendo determinada viagem e não ia só por ir. Assim eu acho que tenho um pouco essa inteligência desenvolvida”.* (Entrevista 4)

O PPP (2014) do colégio pesquisado salienta a importância de se investir em ações pedagógicas que deem conta da diversidade sociocultural. Nesse cenário, queremos citar mais uma ação promovida pelo Colégio, que foi destacada pelos entrevistados como significativa. A atividade chama-se “Semana Anchieta”. Configura-se com um evento tradicional do Colégio, acontece anualmente no mês de outubro e proporciona uma semana de jogos, atividades culturais e integração entre as turmas. As turmas são identificadas com camisetas próprias com layouts construídos pelos próprios alunos. Os anchieta tornam essa semana inesquecível, com participação efetiva e ao mesmo tempo afetividade em todas as atividades vivenciadas.

*Eu me considero um cara consciente. Gostaria de destacar algo muito significativo no colégio para minha vida: é a semana anchieta, reúne todas as turmas, se reúnem para competir com as outras de forma amigável, todo mundo se junta, se une, brinca, ri, compartilha, joga, ganha e perde. Acho que isso é uma das melhores coisas que tem no colégio. E por que não dizer que é a melhor coisa que tem no colégio? (Entrevista 4).*

Ao relacionar o processo da formação acadêmica à aquisição de aprendizagens significativas, os sujeitos da pesquisa foram indagados a pensar em quais outras experiências fora do Colégio haviam contribuído em sua formação enquanto pessoa. Os relatos afirmaram que 90% das experiências fora do colégio que contribuíram na formação estavam relacionadas diretamente a uma prática de esportes. Entre eles, os mais citados foram: futebol, ginástica rítmica, judô, balé, basquete e tênis. *“Para mim, uma experiência que me ajudou fora do colégio foi o esporte; sempre fui um cara esportivo, os esportes me ajudaram a amadurecer, inclusive o judô, que me ajudou muito”*. (Entrevista 4). Outro entrevistado confirma essa mesma ideia quando relata: *“Todo tipo de experiência com esporte me faz ter mais autonomia e responsabilidade, daí responsabilidade e consciência, e tu começa a pensar na vida dos outros”*. (Entrevista 1). Esses relatos só reafirmam a importância da prática de esportes na vida dos alunos como um aprendizado para a vida inteira. *“Com o futebol eu aprendo a perder, a competir, me divertir com meus amigos. Esporte é sempre bom para a saúde”*. (Entrevista 3).

Diferente desse pensamento supracitado, que destaca a prática de esportes como prioridade, uma pequena porcentagem dos sujeitos entrevistados mencionou outro tipo de atividade realizada fora do ambiente escolar, que também serve como espaço de aprendizagens. Averiguamos que 10% dos alunos não praticavam nenhum esporte fora do Colégio, e a atividade mais significativa realizada fora do colégio referiu-se à participação frequente em um curso de idiomas. *“Não realizo nenhum outro tipo de atividade fora do colégio. Ah, eu lembrei, faço aula de inglês uma vez por semana, essas aulas me ajudam a conviver com outras pessoas, pessoas que são diferentes, de outros colégios”*. (Entrevista 6). É salutar identificar que os aprendizados mencionados sempre revelaram a adesão a valores que norteavam a prática e a vivências na relação com o outro. TORRALBA (2013) defende que, na vida de todo ser humano, existe um universo fundamentado em valores éticos, estéticos e religiosos que ele vislumbra e ilumina por meio de sua inteligência, isso tudo além dos fatos e necessidades e também de instintos de sobrevivência. Um relato ilustra muito bem essa ideia aqui exposta: *“Mesmo não levando esse time para o resto da minha vida, essa experiência é muito legal. Irei lembrar das experiências, eu peguei uma humildade, meu Deus do céu, isso é incrível... quanta experiência tem ao meu redor”*. (Entrevista 2). Assim como nesse relato, os valores foram citados explicitamente: *“Tudo isso me ensinou a ter um certo respeito, principalmente com as pessoas mais velhas, principalmente na minha geração e provavelmente nas próximas”*. (Entrevista 2).

Nesse contexto de reconhecimento da importância da vivência ancorado em valores, Maturana (2003) explica:

Pensamos que a tarefa da educação é formar seres humanos para o presente, para qualquer presente, seres nos quais qualquer outro ser humano possa confiar e respeitar, seres capazes de pensar tudo e de fazer tudo o que é preciso como um ato responsável a partir de sua consciência social. (MATURANA, 2003, p. 10).

Essa terceira categoria Ações Educativas significativas, está intrinsicamente relacionada as duas primeiras. As ações revelaram aspectos importantes e presentes na formação dos envolvidos na pesquisa. Refletindo sobre essa questão, podemos constatar que o voluntariado praticado no Colégio pesquisado procura não ser uma ação assistencialista. É uma atividade que acontece de forma permanente, a qual visa ao atendimento do grupo visitado. Os alunos conhecem a realidade assistida, desenvolvem o senso de solidariedade e, quiçá, justiça social para orientar suas práticas na sociedade de modo geral. *“Quando tu fazes outra coisa que gostas, isso é muito bom para tua alma, tu vais te sentir melhor e fazer coisas para ajudar os outros e tu também está feliz, porque quem está infeliz não está disposto a ajudar os outros porque tu estás pensando em si só. (Entrevista 5).*

Os valores assimilados dentro do espaço escolar, em sua maioria, recebem o reforço da família, e conseqüente as atividades realizadas fora do Colégio ampliam a concepção de mundo, principalmente no que se refere à formação humana. Os alunos encontram sentido e significado para suas ações: *“Tudo ajuda a ter responsabilidade e a ter mais consciência.” (Entrevista 2).*



## 7 RELIGIÃO, FÉ E ESPIRITUALIDADE (QUESTÕES 5 E 7)

A terceira categoria contemplou as questões referentes à adesão a um credo religioso e posteriormente à indagação se o colégio pesquisado contribuiu para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos entrevistados.

Mesmo que os conceitos religião e espiritualidade, na maioria das vezes, sejam reconhecidos como sinônimos, eles apresentam significados distintos. Segundo o dicionário etimológico (2015), o termo religião procede do latim *religio*, que significa “louvor e reverência aos deuses”. Ou ainda *ligare*, que significa “unir” ou “atar”, religar. Já a palavra espiritualidade, conforme Holanda (2002), é definida como sendo qualidade ou caráter de espiritual; Doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual. Holanda (2002) define espírito como a parte imaterial do ser humano; transcende à matéria e é sinônimo de alma.

Na entrevista com os alunos, referindo-se à profissão de uma confissão religiosa, 40% dos alunos entrevistados se declararam católicos. “*Eu tenho uma religião, católica*” (Entrevista 1). Outro aluno declara: “*Eu me considero católico*” (Entrevista 2). Os demais afirmaram não possuir nenhuma religião, declaram-se indecisos e cristãos não praticantes. Mesmo nesse contexto, constatou-se que todos os alunos entrevistados foram batizados na Igreja Católica. 50% receberam o sacramento da Eucaristia no Colégio: “*meus pais queriam que eu fizesse a primeira comunhão, e como tinha um grupo aqui no Colégio, então eu fiz.*” (Entrevista 3). 10% dos entrevistados participaram do sacramento da crisma.

Constata-se que a adesão a um credo religioso foi sempre por decisão das famílias, influência da escola e colegas. “*Quando fiz a primeira comunhão fiz porque meus colegas de turma foram fazer e eu fui junto. Foi aqui no colégio, quando eu estava na quarta série.*” (Entrevista 4). Os alunos que cursaram a catequese da comunhão no colégio em nenhum momento mencionaram esse fato como relacionado à fé ou a uma religião propriamente dita. Esse ato, segundo o depoimento dos estudantes já mencionados caracteriza-se por um ato social, uma atividade extra, realizada entre os colegas de sala de aula, da mesma idade. Em relação à adesão a um credo religioso, os estudantes destacaram em primeiro lugar, influência da família e, em segundo lugar, citaram o colégio.

*Eu tenho uma religião, católica. Não é que seja muito definida, é mais pelo colégio. A minha mãe é espírita, mas ela nunca me influenciou a seguir o espiritismo. Dentre as religiões, eu me identifico mais com a católica. É isso devido a minha educação que foi sempre aqui no colégio. Fui acostumada a ir à missa, a conviver com padres. (Entrevista 2).*

Boff (2001) apresenta uma conceituação objetiva da distinção de religião e espiritualidade. Não desvaloriza nenhuma das duas, mas localiza o lugar de cada uma delas ocupado na vida do ser humano: “As religiões constituem uma das construções de maior excelência do ser humano. Todas elas trabalham com o divino, com o sagrado, com o espiritual. Mas elas não são o espiritual. Espiritualidade é outra coisa” (BOFF, 2001, p.28). Para esse autor, espiritualidade seria uma das fontes inspiradoras, repleta de esperança, capaz de conduzir o ser humano à autotranscendência. Uma dimensão profunda do humano, que faz germinar “pleno de nossa individuação e como espaço de paz no meio dos conflitos e das desolações sociais e existenciais” (BOFF, 2001, p.66). A religião estaria relacionada diretamente a uma doutrina, dogmas, celebrações, ritos e rituais exercidos por seus adeptos/fiéis aderindo à participação em uma instituição oficializada. Segundo esse autor, ter uma religião não significa necessariamente ter uma espiritualidade, mas a religião pode ser um caminho capaz de ajudar na vivência e descoberta da espiritualidade.

Os entrevistados, mesmo citando que a primeira influência para escolha de uma religião venha da família, destacam que existe o fator da liberdade: eles não são obrigados a seguirem a religião de seus pais ou de familiares próximos. “*Meus pais não me obrigam a seguir uma religião, mas às vezes me convidam, vamos ao máximo uma vez ao mês às missas*”. (Entrevista 1) – Relato de um aluno que se declarou como católico não muito praticante, numa linguagem de senso comum. Segue o discurso de outro entrevistado que realça, a liberdade oferecida pelas famílias a seus filhos em relação à escolha de credo religioso:

*Minha vó é da Umbanda. Eu já fui com ela nas festas, nas reuniões, no fundo eu acabo tendo mais afinidade com a Umbanda. Mas tenho admiração pelo Espiritismo, que é parte do meu pai. Eu tenho muita curiosidade para conhecer, por isso leio muitos livros nessa área, mas, para definir, não tenho nenhuma religião”.*  
(Entrevista 4)

Wilber (2006) defende que as religiões não são apenas instrumentos de devoção individual, mas são princípios que exercem grande influência, referindo-se à percepção de mundo e comportamento de um indivíduo, além de ser uma potência condutora no desenvolvimento pessoal. Direcionando-se à dimensão espiritual, destaca-se com uma teoria inovadora, apresentando a espiritualidade a partir de uma visão integral, que engloba os princípios culturais e científicos dos tempos atuais, mas sem deixar de incorporar os legados essenciais que foram deixados pelas grandes tradições religiosas. A questão central

apresentada por esse autor é um paradigma voltado para um fator integrador entre a religião e a espiritualidade.

Pensando na religião como um fator que pode contribuir e auxiliar na formação enquanto pessoa, a partir de valores que são ensinados em um determinado credo religioso, os alunos entrevistados destacaram qual seria o significado da Religião em si. “[...] *todas as religiões no real sempre estão dispostas a ajudar o próximo... aqui tem o certo e o errado. Penso que uma religião contribui na vida de uma pessoa pelos valores.*” (Entrevista 2). Em outra perspectiva, outro aluno assim se expressa: “*Independente da religião, os valores são sempre os mesmos.*” (Entrevista 5). Os conceitos de religião apresentados pelos alunos entrevistados possuem uma dimensão ampla, que engloba elementos da espiritualidade.

*As religiões, na verdade, todas elas passam a mesma mensagem. só que com personagens diferentes, mas com o mesmo objetivo. Como, por exemplo, amar o próximo, respeitar, procurar entender a vida, que todos têm uma missão na terra, e uma missão positiva, é claro, para buscar algo mais do que estar só aqui de corpo presente, não só de corpo, mas de alma.(Entrevista 5).*

Solomon (2003) corrobora, quando explica que existe realmente uma definição para religião mesclada com a espiritualidade. Para o autor, espiritualidade e religião têm, entre si, momentos de profunda intimidade e, em outros, uma oposição. Na prática, ambos estão vinculados a crenças. A primeira mais voltada às experiências de vivenciar o mundo, interagir e socializar com outras pessoas, independente de crenças. Envolve, assim, práticas e rituais, não precisamente como acontece em uma religião, a partir de cultos, preces, meditação prescrita. O processo acontece de diversas formas, individuais ou em grupos, por meio da revelação dos sentidos: falar, ouvir, enxergar, tocar, agir e sentir. Já a segunda é fundamentada em uma crença específica, mediante uma determinada doutrina. A religião revela-se por intermédio de um ritual próprio, existindo uma identidade, uma filiação específica, que a difere das demais.

50% dos entrevistados reconheceram e destacaram a importância da religião na vida de uma pessoa. Mencionaram que muitos dos valores vividos em diferentes realidades são herdados de uma religião. A religião seria algo além “*da essência da pessoa*”. Poderíamos dizer que, nesse sentido, a espiritualidade aparece novamente como um conceito que se mescla com a religião. Por meio de uma religião, pode-se viver uma espiritualidade. Nesse cenário, os pais são mencionados.

Koenig (2012) nos ajuda a compreender essa relação entre religião e espiritualidade quando afirma que a definição de espiritualidade está interligada inexoravelmente às

experiências do sujeito; suas vivências provêm de suas sensibilidades, de suas histórias, de seu contexto. A manifestação pode acontecer instrumentalizada numa (ou por intermédio de uma) religião ou em crenças naturais eleitas como filosofias de vida do indivíduo.

Por outra perspectiva, os outros 50% dos alunos entrevistados destacaram que não percebem a religião como influência na formação da pessoa. *“Eu não acho que a religião ajude diretamente na formação das pessoas, não consigo perceber. A formação é independente de religião”*. (Entrevista 5). Nos relatos dos alunos, apareceu o não reconhecimento da religião como algo importante e significativo que pudesse fazer alguma diferença em suas vidas. *“Eu acho que a questão da religião não tem a ver com a formação da pessoa”*. (Entrevista 4).

Reiterando essa abordagem expressa nos discursos dos entrevistados, podemos citar Torralba (2013); o autor defende que a vida espiritual não se configura privilégio dos iniciados em segmentos religiosos, pois o simples existir é garantidor de uma vida espiritual, cabendo ao sujeito torná-la em ato e encontrar razões e sentidos a si e ao mundo. A espiritualidade seria uma atitude básica própria do ser humano, algo relacionado à existência em si. Um exemplo citado por um dos alunos traz presente a convicção referente à não importância da religião: *“se eu fosse uma pessoa atea, eu seria igual. Acho que religião se refere mais àquilo que tu acredita. Eu acho que religião não é tão importante na minha vida. Eu não ligo religião com a prática, mas a pessoa pode vincular se ela assim desejar”*. (Entrevista 6). Os entrevistados enfatizaram que, com o passar do tempo, independente de religião, aprenderam a valorizar o próximo, como resultado de um amadurecimento.

Solomon (2003), mesmo reconhecendo os distanciamentos entre espiritualidade e religião, assegura que a espiritualidade pode ser uma chave para se chegar às religiões. Para tanto, a “espiritualidade seria naturalizada”, ou seja, estaria presente em todo o universo numa ótica apaixonada pelo aqui e agora, e não apenas por um momento futuro. A espiritualidade envolve todo o universo, natureza, arte, laços de amor, companheirismos, toda vida humana e não humana também.

A espiritualidade que quero demonstrar é uma forma expandida do *self*, o que, enfaticamente, não significa dizer que é uma forma expandida de egoísmo. Ela é, antes, como muitos budistas afirmam há muito tempo e Hegel afirmou mais recentemente, a apaixonada sensação de autoconsciência em que a própria distinção entre egoísmo e abnegação desaparece (SOLOMON, 2003, p. 44).

Abordando a questão da religião, a temática da fé apareceu involuntariamente. Na sequência surgiu uma definição para Deus, unida à fé, sem que fosse indagada pela

pesquisadora. *“Eu acredito em Deus como energia, como força de motivação”*. (Entrevista 1). Por conseguinte, surge também proveniente dos entrevistados uma conceituação de visão pessoal em relação à oração. Todavia, percebeu-se uma necessidade por parte dos alunos, de explicitarem uma justificativa de como estava sua comunicação ou relação com Deus. *“Não rezo todos os dias, mas acredito em Deus”, e ainda: “quando eu era menor até eu rezava, hoje minha mãe e minha avó rezam, eu não mais”*. (Entrevista 2). Na concepção dos entrevistados, a oração não seria uma atitude pertencente ao cenário juvenil. Uma vez que essa prática acontecia mais durante o período da infância e depois na vida adulta e velhice. Outro sujeito da pesquisa também expõe sua relação com Deus, relatando: *“Eu rezo muito raramente, mas eu rezo principalmente quando tenho uma situação difícil, quando alguém próximo está doente e precisa de um auxílio maior”*. (Entrevista 3). A definição de oração apresentada pelos alunos possui um caráter de retribuição, relação de troca, de necessidade de um retorno.

Três conceitos apareceram em profunda sintonia nos relatos dos alunos: Deus, fé e oração. Deus ocupa uma definição “moderna”, não pertencente a nenhum credo religioso específico, como podemos constatar na definição já citada acima. Diferente dessa abordagem, segundo o dicionário Houaiss (2015), nas religiões monoteístas, Deus é denominado de ser superior reconhecido como criador do universo, o seu nome sempre é escrito com letra maiúscula. Já nas religiões politeístas, “deuses” são divindades superiores aos homens e também aos gênios, com poder especial nos destinos do universo. A fé expressa nos relatos dos entrevistados, independente de religião, revela uma atitude de confiança naquilo que consideram verdadeiro, um valor significativo em suas vidas. “Fé – latim fides, estado ou atitude de quem acredita ou tem esperança em algo. Crenças, confiança, esperança, fidelidade”. (HOUAISS, 2015).

Tendo em vista os objetivos dessa pesquisa, as questões foram se tornando mais profundas, talvez um tanto complexas. Quando fizemos uma questão referente à inteligência espiritual, os alunos não haviam escutado nada sobre essa temática. Frente a essa realidade, fizemos uma explicação do termo inteligência espiritual e sua aplicabilidade em nossa vida cotidiana, segundo os teóricos que são aportes nesse trabalho de pesquisa. Depois dessa explicação precisa sobre a definição do termo inteligência espiritual, perguntamos individualmente aos sujeitos entrevistados se o colégio pesquisado contribuiu para o desenvolvimento de sua inteligência espiritual. 90% dos alunos entrevistados disseram que sim, e 10% responderam que não.

Acompanhemos alguns relatos dos alunos que sustentam esse resultado, a partir de compreensões ligadas à Inteligência espiritual e também à espiritualidade. Foi singular perceber que, em momento algum, os entrevistados fizeram alusão a uma Religião; ficou bem evidente que Inteligência Espiritual não está relacionada a questões religiosas, próprias de um credo. Esse esclarecimento já foi feito aqui na fundamentação teórica na parte inicial.

Os alunos consideram que os valores ensinados e vividos no colégio servirão de guia para suas vidas. De fato, existe um reconhecimento dos princípios que foram ensinados durante a vida escolar nesse Colégio pesquisado por parte de todos os alunos entrevistados. *“Eu sigo o caminho que o Colégio me ensinou”*. (Entrevista 5). E ainda ampliando essa noção de referência: *“Os valores que eu aprendi ao longo da vida com a minha família e com o colégio fazem eu me guiar”*. (Entrevista 3). Além da dimensão dos valores, outro aspecto que recebeu destaque foi a forma “humana” como as pessoas são tratadas nessa instituição a partir das percepções dos alunos: *“Uma questão importante, sempre tratam as pessoas como ser humano”*. (Entrevista 4). Para Wolman (2001, p. 117), “a inteligência espiritual não requer necessariamente fazer; mas também permite simplesmente ser”.

A capacidade de desenvolver um pensamento crítico, consciente, fazer a diferença na sociedade a partir dos objetivos da Rede Jesuíta de Educação, foi uma máxima que recebeu legitimação nos relatos dos alunos:

*O colégio me ajudou a não ser uma pessoa alienada e a ter uma opinião, a argumentar, a questionar – isso acho que o colégio ajudou. Eu sou um cara consciente, eu questiono quando as coisas não estão certas, e isso o colégio é que ajudou.* (Entrevista 1)

O Colégio pesquisado configura-se na percepção dos alunos, como um espaço de construção de opiniões. Cada aluno é desafiado a ter sua própria opinião a partir da busca por um sentido existencial, que tenha significado. Os sujeitos da pesquisa confirmam essa ideia quando assim expressam: *“Eu dou sentido pras coisas que eu faço. Na verdade, tudo o que eu faço eu encontro sentido. Dou sentido pras coisas, mas não saberia explicar isso”*. (Entrevista 2). Reafirmando essa ideia, outro entrevistado também se manifestou: *“Eu acho que o colégio contribui também como diz na sua base, como era o tema, não adianta tu só existir, tem que pensar e tem que evoluir”*. (Entrevista 5). Segundo Torralba (2013), a inteligência espiritual permite inicialmente ao indivíduo duas perspectivas: a primeira seria interrogar o sentido da sua existência, e a outra, buscar respostas plausíveis às interrogações feitas.

Percebeu-se nos relatos dos alunos uma ênfase para vivências relacionadas a partir dos aspectos cognitivos, experienciais e comportamentais. Esses aspectos recebem respaldo na teoria de Koenig (2012). O autor apresenta uma definição para a espiritualidade a partir desses mesmos aspectos. Os enfoques cognitivos contemplam a busca de significado, da verdade, incluindo um propósito de vida. Os experimentais envolvem a dimensão da emoção, sentimentos diversos como: esperança, amor, paz interior e conforto. O relato que segue pode ilustrar essa definição:

*O Anchieta nos dá esse sentimento, por mais que seja um colégio grande, mas todo mundo é muito unido, é bem um 'nacionalismo anchietano'. É um sentimento de pertencimento apesar de ter mais de 3 mil alunos, e com o tempo tu te envolve nesse espírito. E eu valorizo muito o colégio. As pessoas anchietanas têm espírito: é a casa delas. (Entrevista 4).*

Os aspectos comportamentais da espiritualidade, no entanto, envolvem a maneira como uma pessoa expressa externamente as crenças espirituais individuais e o estado espiritual interno. Nos relatos dos entrevistados, podemos contemplar um exemplo específico, que congrega esses três aspectos na dimensão espiritual:

*Eu sei que, se eu não estivesse aqui, a minha vida no futuro seria pior. Eu penso muito, se eu não estivesse aqui, o que estaria fazendo hoje. Primeiro, não saberia ler, escrever, conseguir um emprego e eu iria viver de forma miseravelmente que nem um analfabeto. A gente não faz as coisas por acaso, a gente faz com uma finalidade. O colégio de alguma forma me ajudou a dar significado pra vida". (Entrevista 2).*

Para Wolman (2001), a inteligência espiritual configura-se como potencialidade humana que permite fazer perguntas fundamentais referentes ao significado da vida e conseqüentemente à ligação/conexão com o mundo em que vivemos, incluindo o todo. “*Eu acho que tenho um pouco dessa inteligência desenvolvida*”. “*Eu me considero um cara consciente, ou seja, tenho que achar uma finalidade para as coisas, um significado para as coisas que acontecem*” (Entrevista 6). Evidenciou-se também nos sujeitos dessa pesquisa o reconhecimento pela formação recebida que contribuiu diretamente na formação cultural. Essa faceta nos remete ao capítulo da formação integral, que concebe o aluno em seu todo, incluindo todas as dimensões no processo educativo. “Cada ser humano é chamado a dotar sua existência de sentido, mas o modo como o faz depende do desenvolvimento de sua inteligência, das suas interações e de sua bagagem educativa e cultural”. (Torralba, 2013 p. 68).

Os alunos, sujeitos dessa pesquisa, declararam que todo “anchietano” possui capacidade para desenvolver uma inteligência espiritual. Esse estado de consciência pode ser fundamentado na teoria de Wolman (2001), quando defende que existem boas justificativas para a noção de que a espiritualidade está arraigada na vida diária, isso porque a consciência espiritual está incorporada em nossa percepção do mundo. Dessa forma, o interesse que motiva a inteligência espiritual pode ser descrito através de muitas maneiras, em geral, no sentido de sintonia com toda criação viva, atingindo o todo, a partir de uma consciência mais ampla e conseqüentemente transcendente.

Reiterando essa abordagem, Koenig (2012) afirma que muitas pessoas encontram espiritualidade através de diferentes formas, pode ser através da religião ou de um relacionamento pessoal profundo com o divino. Outras, ainda, podem encontrar essa dimensão espiritual em contato com a natureza, com as artes, com a música e ainda por intermédio de um conjunto de princípios e valores ou por uma busca de um saber científico.

Leonardo Boff (2009), em seu artigo “Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária”, discorre sobre o significado da espiritualidade humana, desvelando uma realidade que aponta várias dimensões concebidas a partir da visão de senso comum, que foram assimiladas a esse conceito. O autor assegura que:

[...] espiritualidade vem de espírito. Para entendermos o que seja espírito, precisamos desenvolver uma concepção do ser humano que seja mais fecunda do que aquela convencional, transmitida pela cultura dominante. Esta afirma que o ser humano é composto de corpo e alma ou de matéria e espírito. [...] Perdeu-se a unidade sagrada do ser humano vivo que é a convivência dinâmica de matéria e de espírito entrelaçados e inter-retro-conectados (BOFF, Leonardo. **Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária**. 2009. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm> > Acesso em: 26 set. 2015).

Segundo Koenig (2012), hoje, o termo espiritualidade vem sendo utilizado de forma muito mais ampla do que outrora. O que era restrito às religiões, inclusive pela confusão terminológica, alcançou inserção até nas universidades, espaço privilegiado da razão, compreendendo, assim, que a espiritualidade está presente na antropologia humana.

Solomon (2003), mesmo reconhecendo a distinção entre espiritualidade e religião, assegura que a espiritualidade pode ser uma chave para se chegar às religiões. Para tanto, a “espiritualidade seria naturalizada”, ou seja, estaria presente em todo o universo numa ótica apaixonada pelo aqui e agora, e não apenas por um momento futuro, como podemos conferir na citação:



No mínimo, a espiritualidade é a percepção sutil e não facilmente especificável que envolve praticamente toda e qualquer coisa que transcenda ao nosso mesquinho interesse pessoal. Há, portanto, espiritualidade na natureza, na arte, nos laços de amor e companheirismo que mantêm uma comunidade unida, na reverência à vida (e não só a vida humana) que é a chave para grande número de filosofias, bem como de religiões. Isso não significa que a espiritualidade é uma forma de abnegação (ou de negação do ego). A espiritualidade, quero demonstrar, é uma forma expandida do *self*; o que, enfaticamente, não significa dizer que é uma forma expandida de egoísmo. Ela é, antes, como muitos budistas afirmam há muito e Hegel afirmou mais recentemente, a apaixonada sensação de autoconsciência em que a própria distinção entre egoísmo e abnegação desaparece (SOLOMON, 2003, p. 43-44).

Usualmente, reitero os termos religião e espiritualidade serem postos como sinônimos, já que a espiritualidade integrava alguma religião. Tais aspectos sempre foram relevantes na vida das pessoas e continuam até os dias atuais. Agora, percebe-se que alguns teóricos apresentam, de forma clara e evidente, o que pode aproximar ou distanciar um conceito do outro. Nos dias atuais, por exemplo, a experiência religiosa deixou de ser considerada fonte de patologia e, em certas circunstâncias, passou a ser reconhecida como provedora do reequilíbrio e saúde da personalidade (LEVIN, 1996 apud KOENIG, 2001).

Voltando-nos para os sistemas educacionais, considerando ser o campo de pesquisa dessa pesquisa um colégio, é importante ressaltar que, conforme Juliatto (2012, p. 128), “em geral, dissociaram do seu lado espiritual o aspecto material do saber. Dos dois conhecimentos necessários para a vida das pessoas preconizaram quase só o aspecto material”.

Nessa pesquisa, constatou-se a partir dos discursos dos alunos entrevistados, que o colégio investe na formação espiritual de seus alunos desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, como podemos conferir nos projetos em anexo nessa dissertação; O foco do colégio é não apenas o conhecimento material; Investe-se no conhecimento espiritual buscando despertar a interioridade das pessoas, conduzindo-as às experiências imateriais, provindas do espírito humano, tornando-as mais sensíveis às realidades da existência humana. Existe cultivo pela integração entre o material e o espiritual. A espiritualidade no ensino e na formação do caráter humano torna-se importante e necessária nesse colégio pesquisado. Notou-se que não existe confusão evidente entre religião e espiritualidade.

Percebeu-se que os alunos, em sua maioria, reconheceram que podem contribuir positivamente na sociedade, a partir da formação que receberam nesse colégio. A oferta de sacramentos religiosos próprios da religião católica não foi citada como algo que contribuiu na vida dos alunos. Eles elencaram como uma atividade social, que envolvia um grupo de colegas de uma mesma turma, ou um pedido dos pais, para seguir uma tradição familiar. Ficou uma interrogação: faz sentido continuar ofertando aos alunos adesão a sacramentos religiosos no ambiente escolar?

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa qualitativa foi desenvolvida a partir de um foco de investigação que teve como problema principal a seguinte questão: Compreender como um colégio confessional católico da cidade de Porto Alegre contribuiu para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos, que cursaram todo o Ensino Fundamental nessa Instituição de Ensino, com previsão de conclusão do Ensino Médio no ano de 2016.

A partir da análise dos três documentos observados nessa pesquisa, Pedagogia Inaciana, Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação (PEC) e o Projeto Político Pedagógico do Colégio (PPP), que sustentam a proposta pedagógica desenvolvida no colégio pesquisado, podemos averiguar que a fundamentação teórica estudada possui sustentação para garantir o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos. É mister enfatizar que os documentos apresentaram embasamento teórico não só para o desenvolvimento da inteligência espiritual dos alunos, mas, ao mesmo tempo, essa proposta estende-se a toda comunidade escolar de modo geral, incluindo professores, equipe administrativa e famílias. Nessa perspectiva de linha comum, foi possível classificar os documentos analisados em três níveis, local, nacional e internacional. Esses documentos apresentam indicativos de investimentos e prioridades na dimensão espiritual, no entanto, detectamos que inexiste a menção ao termo inteligência espiritual em qualquer dos documentos, contudo é utilizada a expressão dimensão espiritual.

O nível local engloba o Projeto Político Pedagógico do Colégio (PPP), que apresenta metas próprias somente para o colégio pesquisado. Já o nacional, identificado como o Projeto Educativo Comum da Rede Jesuíta de Educação (PEC), traz em sua estrutura um quadro de metas comuns para todos os colégios da Rede Jesuíta de Educação do Brasil. E o internacional, a Pedagogia Inaciana, carrega em seu bojo, as diretrizes inspiradas nos ensinamentos do fundador da Companhia de Jesus, Inácio de Loyola, com orientações para todos os colégios e centros educativos espalhados pelo mundo.

Os dados obtidos possibilitaram que nos aproximássemos de possíveis respostas a esse problema. Diante dessa temática, surgiram três categorias emergentes a posteriori: Vivência de valores no espaço escolar; Ações educativas significativas; Religião, Fé e Espiritualidade.

A coleta e análise dos dados deu-se mediante entrevistas presenciais a partir de um questionário previamente estruturado com sete questões, conforme roteiro postado nos apêndices. Salientamos, entretanto, que essa pesquisa não tem seu fim nessas considerações expostas aqui, no entanto seus resultados são indicativos resultantes de reflexões feitas nessa

etapa. Averiguamos, todavia, que o tema da inteligência espiritual ainda é pouco conhecido no meio acadêmico e na sociedade em geral, como foi possível comprovar nas entrevistas realizadas com os alunos sujeitos dessa pesquisa. Resultado semelhante foi constatado também com adultos de diversas áreas do conhecimento, em uma amostra exposta no capítulo da fundamentação teórica, no item sobre inteligência espiritual.

Foi salutar perceber que a primeira questão, da qual emergiu a categoria inicial não se referia a valores diretamente, no entanto, quando os alunos foram indagados sobre o que eles haviam aprendido de mais significativo durante os anos escolares vividos no colégio pesquisado, em unanimidade mencionaram valores, principalmente os seguintes: amizade, respeito e solidariedade. Nas outras duas questões que compuseram essa categoria, os entrevistados aludiram a experiências vividas a partir de valores, tanto no espaço escolar como fora dele. Para os alunos, como podemos constatar no capítulo sobre os valores, os valores para os entrevistados caracterizaram-se com uma força motriz que os unia no colégio e que mostrava qual o caminho certo a seguir em qualquer lugar onde se estivessem. Em sua maioria, essa prática recebia respaldo das famílias.

Na segunda categoria, referindo-se às ações educativas significativas que contribuíram para a formação humana dos alunos, o destaque foi para projetos solidários promovidos pelo colégio; entre eles, o apadrinhamento e o voluntariado receberam destaque. Torna-se nítida a coerência entre teoria e prática, ou seja, entre os valores que os alunos destacaram, com o que aprenderam de mais importante no colégio e com as atividades que refletem esses valores assimilados pelos entrevistados. Fora do colégio, o destaque foi para a prática de esportes, por meio de uma atividade física, da convivência com outras pessoas, nas quais citam ser possível aprofundar as relações e enriquecer a compreensão de si mesmos a partir de outra realidade.

Após as evidências nas primeiras categorias, a terceira demonstrou que não é preciso ter uma religião para se ter fé, e muito menos para se vivenciar uma espiritualidade. Constatou-se, portanto, que 90% dos alunos não têm uma Religião declarada, participam das atividades religiosas próprias da Religião católica oferecidas no Colégio, mas fora, em sua maioria, não existe continuidade. Esses mesmos alunos receberam alguns “sacramentos” no colégio, tendo como motivação apenas a pertença a um grupo ou a uma atividade extrassocial, e não uma adesão a tal credo religioso.

Deduz-se desses achados que, mesmo sendo um colégio confessional católico, raras vezes os alunos relataram experiências relacionadas à Religião como algo significativo. Por outro lado, constatou-se que o Colégio investe no desenvolvimento da inteligência espiritual de seus alunos, proporcionando-lhes muitas experiências, independente de ter ou não uma

religião, de ser ou não católico. Ficou muito evidente que inteligência espiritual não está atrelada ao conceito e à prática de uma determinada Religião. Todavia, por mais que o termo inteligência espiritual fosse desconhecido pelos alunos, os mesmos conseguiram nomear ações que revelaram a identificação dessa inteligência em suas vidas. O destaque é para o sentido e o significado de sua existência enquanto pessoa que é “formada” para fazer a diferença na sociedade, para ter uma razão consciente para viver, ancorada em princípios. Esta comprovação está alicerçada na teoria de Torralba (2013), quando argumenta que todo ser humano é chamado a conceder sentido a sua experiência, mas o modo como o faz dependerá unicamente do desenvolvimento de sua inteligência, de suas interações e de sua formação educativa cultural.

Esse percurso foi marcado por muitos desafios, inquietações, descobertas e reflexões, mostrando-se cada vez mais instigante a possibilidade de validar a urgência de termos maior investimento no reconhecimento e identificação do significado da inteligência espiritual em nossa vida. No entanto, as falas dos alunos dessa pesquisa configuraram-se em sensibilização para se pensar e perceber que os objetivos propostos nesse estudo foram alcançados. O objetivo geral recebeu desmembramento nos objetivos específicos, adentrando-nos em maiores detalhes no processo de análise de dados.

Acima de tudo a presente pesquisa teve por propósito o desenvolvimento profissional e acadêmico da pesquisadora, visto a relevância das especificidades deste conhecimento em seu exercício profissional. O conhecimento desse tema pesquisado, sustentado em aportes teóricos pertinentes, deu aprofundamento para o tema e até mesmo para o meu crescimento pessoal. A partir de então, para uma prática mais eficaz, foi possível ampliar a visão em relação à integralidade do ser, conceber o ser humano numa perspectiva do ser integral, que está inserido no universo das inteligências múltiplas. E, numa visão da inteireza do ser, a natureza humana pode ser identificada a partir das dimensões emocional, racional, social e espiritual, não supervalorizando nenhuma das dimensões, mas buscando equilíbrio entre elas, daí a necessidade de se investir no conhecimento da inteligência espiritual no meio acadêmico.

Mediante as constatações referidas acima, nas reflexões feitas, percebemos a relevância no que diz respeito ao conhecimento e à importância da inteligência espiritual; podemos pensar em possíveis sugestões, após as análises realizadas ao longo do estudo: como complemento e mesmo continuidade a essa pesquisa, poder-se-iam realizar estudos com os professores, evidenciando conhecimento da existência da inteligência espiritual e sua função, e, num futuro bem próximo, estender esse estudo aos demais membros da comunidade

escolar. Os estudos podem ser realizados longitudinalmente, para comparar o desenvolvimento dessa temática estudada em diferentes regiões do Brasil, onde existem escolas da Rede Jesuíta de Educação. Outra questão para estudos futuros seria estudar a dimensão da inteligência espiritual em um colégio da rede pública em Porto Alegre.

Registramos uma dificuldade: os entrevistados não conheciam a temática (não que precisem saber de teorias), então coube-nos interpretar. Mas é algo que vem embutido a partir da concepção dos conceitos de religião e espiritualidade como sinônimos. Coube-nos, então, interpretar pelas apreensões, sentimentos e práticas dos sujeitos dessa pesquisa e mesmo explicar o que seria inteligência espiritual a partir do aporte teórico apresentado nessa pesquisa.

Ao desenvolver essa pesquisa, vimos que a questão do conhecimento referente à Inteligência Espiritual tem ainda um longo itinerário a seguir. Constatamos que sistematizar tema novo requer esforço e dedicação a mais, uma vez que fomos moldados pelo paradigma científico da modernidade, que separa absolutamente corpo e mente, assim como aparta ser humano e natureza. Perdemos a visão da totalidade de ser humano. Tratamos desde os bancos escolares os componentes curriculares como áreas autônomas e autossuficientes.

Dada a importância da temática da Inteligência Espiritual, a partir das experiências no colégio pesquisado, fica como sugestão, a possibilidade de compartilhar esse estudo com outras escolas.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ABRAMO, Helena Wendel. **Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano**. São Paulo: Scritta, 1996.
- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). **Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Perseu Abramo, 2005.
- ALVES, Marcio Moreira. **A igreja e a política no brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- APPOLINÁRIO, Fábio. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2009.
- ARISTÓTELES. **Ética à Nicômaco**. São Paulo. Nova Cultural: 1996.
- AZZI, Riolando. **A história da educação católica no Brasil: contribuição dos irmãos maristas**. São Paulo: Simar, 1995.
- BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- BIESTA, Gert. **Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano**. Belo Horizonte: Autentica, 2013
- BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. São Paulo: Atlas, 2007.
- BOFF, Leonardo. **Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária**. 2009. Disponível em: <<http://www.leonardoboff.com/site/vista/outros/espiritualidade.htm>> Acesso em: 26 set. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Espiritualidade: caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2001.
- BOFF, Leonardo; BETTO, Frei. **Mística e espiritualidade**. 4. ed. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- BOTTOMORE, Tom; OUTHWAITE, William. **Dicionário do pensamento social do Século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência. Por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: UNESP, 2004.
- BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, **Diário Oficial da União**, Sessão 1. 5 out. 1988. p. 1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 5 dez. 2015.
- BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013a. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o

Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Sessão 1. 6 ago. 2013. p. 1. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm)> Acesso em: 19 jan. 2017.

BRASIL. Lei nº 13.297, de 16 de junho de 2016. **Diário oficial da união**, seção 1, p. 1. 16 jun. 2016. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13297.htm)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

BRASIL. Ministério da educação. **Planejando a Próxima Década: Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação**. Disponível em: <[http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne\\_conhecendo\\_20\\_metas.pdf](http://pne.mec.gov.br/images/pdf/pne_conhecendo_20_metas.pdf)>. Acesso em 6 nov. 2015.

BRASIL. Ministério Da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução 466**, de 12 de dezembro de 2012. Disponível em: <[http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html)> Acesso em: 16 ago. 2015.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Assuntos Estratégicos. **Juventude levada em conta: demografia**. Brasília, DF: SAE, 2013b. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/arquivos/juventude-levada-em-conta.pdf>>. Acesso em: 6 dez. 2015.

BRENNER, Ana Karina; CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Os sentidos da presença dos jovens no ensino médio: representações da escola em três filmes de estudantes. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 35, n. 129, out./dez. 2014, p. 1223-1240.

CABARRÚS, Carlos Rafael. O Magis Inaciano, impulso para que a humanidade viva. **Revista de Espiritualidade Inaciana**. Edição de junho/2004.

CACCIA-BAVA, Augusto. **Jovens na América Latina**. São Paulo: Escrituras, 2004.

CARACTERÍSTICAS DA EDUCAÇÃO DA COMPANHIA DE JESUS. São Paulo: Ed. Loyola, 1987.

CATANANTE, Bene. **Gestão do ser integral: como integrar alma, coração e razão no trabalho e na vida**. São Paulo: Editora Infinito, 2000.

CATEQUESE RENOVADA – ORIENTAÇÃO e CONTEUDO. Documento n. 26 da CNBB – aprovado na 21ª Assembleia Geral. 9ª Edição Paulinas. São Paulo, 1985.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. 3. ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Paulinas 1993.

CAVALIERE, Ana Maria. Educação integral: uma nova identidade para a escola brasileira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.23, n.81, p.247-270, dez. 2002.

CENTRO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPq) **Linha De Pesquisa:** Pessoa e Educação: Inteireza do Ser. Disponível em: <<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelholinha/9130989142297031132013>>. Acesso em: 17 nov. 2015.

CHOPRA, Deepak; MLODINOW, Leonard. **Ciência x espiritualidade:** dois pensadores, duas visões de mundo. Tradução Cláudio Carina. Rio de Janeiro: Sextante, 2012.

COLÉGIO ANCHIETA. **Projeto político pedagógico.** 2014a.

COLÉGIO ANCHIETA. **Regimento escolar:** plano/sorep-2014b.

COLÉGIO ANCHIETA. **Projeto do voluntariado.** 2015.

COLÉGIO ANCHIETA. **Vila Olivia.** Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/vila-oliva/>> Acesso em 2 jan. 2017a.

COLÉGIO ANCHIETA. **Morro do Sabiá.** Disponível em: <http://www.colegioanchieta.g12.br/morro-do-sabia/> acesso 2 jan. 2017b.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Campanha da Fraternidade 2013:** Manual. Brasília: Edições CNBB, 2012.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Documento nº 26:** catequese renovada: orientações e conteúdo. São Paulo: Paulinas, 1985.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). **Civilização do amor:** tarefa e esperança: Orientações para a Pastoral da Juventude Latino Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). Documento de Aparecida. In: Conferência Geral do Episcopado Latinoamericano e do Caribe, 5, **Texto Conclusivo.** Brasília, Paulinas; Paulus, 2007.

CONSELHO EPISCOPAL LATINOAMERICANO (CELAM). **Vão e Ensinem.** Identidade e Missão da escola católica na mudança de época à Luz de Aparecida. Bogotá: Publicaciones CELAM, Ediciones SM, 2011.

CONSTITUIÇÃO E DIRETÓRIO GERAL DAS IRMÃS ESCOLARES DE NOSSA SENHORA. **Vós sois enviadas.** São Paulo: 1987.

DICIONÁRIO DA BIBLIA DE ALMEIDA. 2. ed. Sociedade Bíblica do Brasil. 1999. Versão eletrônica 1999.

DICIONÁRIO ETIMOLÓGICO. **Origem da palavra religião.** Disponível em: <<http://www.dicionarioetimologico.com.br/religiao/>> Acesso em: 26 out. 2015.

DICIONÁRIO INFORMAL. **Munus.** Disponível em: <http://www.dicionarioinformal.com.br/munus/>. Acesso em 30 nov. 2015.



DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Oração**. 2008-2013. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/ora%C3%A7%C3%A3o>> Acesso em: 26 nov. 2016.

DURGANTE, Carlos Eduardo Accioly. **Ponto fé na ciência**. Porto Alegre: Dora Luzatto, 2008.

EDUCAR PARA CRESCER. **Por dentro da Lei de Diretrizes e Bases**. 2015. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/politica-publica/lei-diretrizes-bases-349321.shtml>. Acesso em: 19 jan. 2017.

FERRATER MORA, José. **Dicionário de filosofia**. Tradução António José Massano e Manuel Palmeirim. Lisboa: Dom Quixote, 1978.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. **Método e metodologia na pesquisa científica**. 2. ed. São Caetano do Sul, SP: Yendes editora, 2007.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOWLER, James W. **Estágios da Fé: a psicologia do desenvolvimento humano e a busca de sentido**. São Leopoldo: Sinodal/EST-IEPG, 1992.

FREYRE, Gilberto. **Ordem e progresso: processo de desintegração das sociedades patriarcal e semipatriarcal no Brasil sob o regime de trabalho livre: aspectos de um quase meio século de transição do trabalho escravo para o trabalho livre, e da monarquia para a república**. 3. ed, v. 2. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução Flávio Paulo Meurer e Enio Paulo Giachini. 7. Ed. Petrópolis: Editora Universitária São Francisco, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Os mestres de Rousseau**. São Paulo: Cortez, 2004

GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

GARDNER, Howard. **Inteligência: Um conceito reformado**. [S.l.]: Editora Objetiva, 2000.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX 1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita; Revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. **Dicionário da Língua Portuguesa**, CD, versão. 2002.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Ed. Objetiva, 2015.

INSTITUTO RENASCER DA CONSCIENCIA. **Aperfeiçoamento do ser**. Disponível em: <http://www.institutorenascer.org.br/index.php/artigos/172-o-que-e-holismo>. Acesso em: 27 set. 2015.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de Filosofia**. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira, adaptação Maria Vianna. São Paulo: Cortez, 2004.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Ciência e transcendência: duas lições a aprender**. Curitiba: Champagnat, 2012.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; et al. **Educação confessional no Brasil uma perspectiva ética**. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2007/anaisEvento/arquivos/CI-061-11.pdf> >. Acesso em 2 dez. 2015.

KLEIN, Luiz Fernando. A Pedagogia Inaciana e a sua força impulsionadora: os Exercícios Espirituais. Rio de Janeiro, **Centro de Espiritualidade Inaciana**, n.95, mar. 2014.

KLEIN, Luiz Fernando. A formação do professor à luz da pedagogia inaciana. In: Congresso Inaciano de Educação A pedagogia inaciana rumo ao século XXI, 1997, Indaiatuba, SP. **Painel**. Indaiatuba, SP: CONEJ, 1997.

KOENIG, Harold G. Medicina. **Religião e Saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: L& PM, 2001.

KOENIG, Harold G. **Medicina: Religião e Saúde: o encontro da ciência e da espiritualidade**. Tradução de Iuri Abreu. Porto Alegre: L& PM, 2012

LESSARD-HÉBERT, Michelle; GOYETTE, Gabriel; BOUTIN, Gérald; **Investigação qualitativa: fundamentos e práticas**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

LOYOLA, Santo Inácio de. **Exercícios Espirituais**. São Paulo: Ed. Loyola, 1985.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MARIUCCI, Sérgio Eduardo. **A formação dos gestores e a qualidade da educação nas escolas católicas da arquidiocese de Porto Alegre**. Tese. Faculdade de Educação. Porto Alegre: PUCRS, 2014.

MARQUES, Maria Helena. Educação e Valores em Alta. **Páginas Abertas**, São Paulo, n. 61, ano 40, jan./mar., 2015.

MARTINELLI, Marilu. **Aulas de Transformação: O Programa de Educação em Valores Humanos**. 5. ed.. São Paulo: Peirópolis, 1996.

MARTINELLI, Marilu. **Conversando sobre Educação em Valores Humanos**. São Paulo: Peirópolis, 1999.

MATURANA, Humberto. **Formação humana e capacitação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

MIRANDA, Margarida. **Código pedagógico dos jesuítas: Ratio studiorum da companhia de Jesus**. Campo Grande: Esfera do Caos, 2009.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise textual discursiva**. 2. ed. rev. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2000.

NOVAES, Regina Reyes. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; EUGENIO, Fernanda (Orgs.). **Culturas Jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

OLBRZYMEK, Marilda Regiane. **O despertar da inteireza, recriando o ser, saber e o fazer**. Blumenau. Editora Asselvi/ Nova Letra, 2001.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Políticas de/para/com juventudes**. Brasília: Unesco, 2004. Disponível em: < <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001359/135923por.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2017.

OBJETIVA. Daniel Goleman. Disponível em: [http://www.objetiva.com.br/autor\\_ficha.php?id=70](http://www.objetiva.com.br/autor_ficha.php?id=70). Acesso em 11 nov. 2016.

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica pós-sinodal: amoris laetitia**. 2016. Disponível em: < [http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia\\_po.pdf](http://w2.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia_po.pdf)> Acesso em: 20 jan. 2017.

PEDAGOGIA INACIANA. **Uma proposta prática**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Documenta SJ).

PINHEIRO, Lourdes. **Valores evolutivos universais: acervo transdisciplinar**. Foz do Iguaçu: Epigrafe, 2015.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. **Educação para inteireza: um (re)descobrir-se**. Porto Alegre, **Educação**, n. especial, p.285-296, out. 2007.

PORTAL, Leda Lísia Franciosi. Espiritualidade: uma dimensão essencial na experiência significativa da vida. In: TEIXEIRA, Evilázio Francisco Borges; MÜLLER, Marisa Campio; SILVA, Juliana Dors Tigre da. (Orgs.). **Espiritualidade e Qualidade de vida**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PROJETO Educativo Comum da Companhia de Jesus. Rio de Janeiro: Loyola, 2016.

Revista Brasileira de História das Religiões - ANPUH-Maringá (PR), v.1,n.3, 2009. ISSN 1983-2859. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>.

SALGUEIRO, Jennifer Braathen; GOLDIM, José Roberto. **As múltiplas interfaces da Bioética com a Religião e a Espiritualidade**. In: GOLDIM, José Roberto (Org.). **Bioética e espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

SANDRINI, Marcos. **Religiosidade e educação no contexto da pós-modernidade: da ambivalência da flutuação e da fixação à aporia do amor**. Tese (Livre docência) Faculdade de Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2007. Porto Alegre: PUC-RS, 2007.

SCHNEIDER, Dário. **Tradição jesuítica: educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida no Colégio Anchieta**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: PUC-RS, 2013.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2000.

SIGNIFICADO da palavra fé. Site. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/fe/>> Acesso em 23 out. 2016.

SOFIATI, Flávio Munhoz. **Juventude católica: o novo discurso da Teologia da Libertação**. São Carlos, SP: EDUFSCAR, 2012.

SOLOMON, Robert C. **Espiritualidade para cééticos: paixão, verdade cósmica e racionalidade no século XXI**. Tradução Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SOUZA, Regina Magalhães de. **O discurso do protagonismo juvenil**. São Paulo: Paulus, 1999.

TEIXEIRA, Cícero Marcos. O ser humano, espiritualidade, tanatologia, bioética à luz do Espiritismo. In: GOLDIM, José Roberto (Org.). **Bioética e Espiritualidade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

TORRALBA, Roselló Francesc. **Inteligência Espiritual**. Tradução João Batista Kreuch. 2. ed. Petrópolis.RJ: Vozes, 2013.

TREVISOL, Jorge. **Labirintos da alma: Um jeito amoroso de olhar para o mistério de si mesmo**. Porto Alegre. Gênese Editora, 2011.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação: o positivismo, a fenomenologia, o marxismo**. São Paulo: Atlas, 1987.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativo: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. Petrópolis, RJ; Vozes, 2003.

WILBER, Ken. **Espiritualidade Integral**: uma nova função para a religião neste início de milênio. Tradução Cássia Nasser. São Paulo: Aleph, 2006.

WOLMAN, Richard. **Inteligência espiritual**. Um método revolucionário para você avaliar e expandir seu nível de consciência espiritual. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

YUS, Rafael. **Educação Integral**: uma educação holística para o século XXI. Tradução Daisy Vaz de Moraes. Porto Alegre: Artmed, 2002.

ZOHAR, Danah; MARSHALL, Ian. **Q S**: Inteligência espiritual. Tradução Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Viva livros, 2012.

ZYLBERBAUM, Jacobi Grinberg. **Las creaciones de la existencia**. México: Trilhas, 1979.

## APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Prezados pais,

Seu filho está sendo convidado a participar de minha pesquisa de Mestrado em Educação, intitulada **“INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL DE PORTO ALEGRE/RS”**.

Além de professora, sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e estou desenvolvendo uma pesquisa com estudantes entre dezesseis e dezessete anos.

Para isso, gostaria de contar com a participação *voluntária* de seu/sua filho(a). Nesta pesquisa, a interação acontecerá por meio de uma entrevista organizada com um roteiro semiestruturado e utilizarei um mecanismo de áudio para sua gravação.

Os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos, serão codificados com um número de identificação, sendo assim preservada a identidade do entrevistado.

Estamos à disposição para quaisquer informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa. Desde já agradecemos sua autorização. Endereço de e-mail: [maria.remedios@acad.pucrs.br](mailto:maria.remedios@acad.pucrs.br). Professor Responsável: Alex Anselmo Guilherme; E-mail: [alexandre.guilherme@pucrs.br](mailto:alexandre.guilherme@pucrs.br); Telefone: 51 33538239/ Ramal 4092; Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 15 - sala 365 CEP: 90619-900 - Porto Alegre – RS.

Cordialmente, Maria dos Remédios Lima Silva,

-----  
Lemos o termo acima descrito e concordamos com a participação do(a) nosso(a) filho(a)

\_\_\_\_\_  
NOME DO RESPONSÁVEL

\_\_\_\_\_  
ASSINATURA

**APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE**



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Prezado aluno,

Você está sendo convidado a participar de minha pesquisa de Mestrado em Educação: **“INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL DE PORTO ALEGRE/RS”**.

Sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e estou desenvolvendo essa pesquisa com alunos que cursaram todo Ensino Fundamental nesse Colégio e que estarão nele, concluindo o Ensino Médio nesse ano de 2016.

Sua participação acontecerá por meio de uma entrevista organizada com um roteiro semiestruturado e utilizarei um mecanismo de áudio para sua gravação.

Os dados coletados serão utilizados apenas para fins acadêmicos e serão codificados com um número de identificação, sendo assim preservada sua identidade.

Estamos à disposição para quaisquer informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa. Desde já agradecemos sua autorização. Endereço de e-mail: [maria.remedios@acad.pucrs.br](mailto:maria.remedios@acad.pucrs.br). Professor Responsável: Alex Anselmo Guilherme; E-mail: [alexandre.guilherme@pucrs.br](mailto:alexandre.guilherme@pucrs.br); Telefone: 51 33538239/ Ramal 4092; Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 15 - sala 365 CEP: 90619-900 - Porto Alegre – RS.

Cordialmente,

Maria dos Remédios Lima Silva

-----  
Li o termo acima descrito e concordo com a minha participação.

\_\_\_\_\_  
NOME DO ALUNO

\_\_\_\_\_  
ASSINATURA

## APÊNDICE C- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

## Carta de autorização escolar

Prezada Direção,

Sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS e gostaria de desenvolver nesse colégio minha pesquisa intitulada: “INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL EM UM COLÉGIO CONFSSIONAL DE PORTO ALEGRE/RS”, com alunos que cursaram todo Ensino Fundamental nesse Colégio e que estarão concluindo o Ensino Médio no ano de 2016. Serão sujeitos da pesquisa seis alunos escolhidos aleatoriamente, sendo um em cada turma.

Os dados coletados, tanto da Instituição por meio de análise de seus documentos, quanto dos alunos entrevistados, serão utilizados apenas para fins acadêmicos e serão codificados com um número de identificação, sendo, assim, suas identidades preservadas.

Estamos à disposição para quaisquer informações ou esclarecimentos sobre a pesquisa. Desde já agradecemos sua autorização. Endereço de e-mail: [maria.remédios@acad.pucrs.br](mailto:maria.remédios@acad.pucrs.br). Professor Responsável: Alex Anselmo Guilherme; E-mail: [alexandre.guilherme@pucrs.br](mailto:alexandre.guilherme@pucrs.br); Telefone: 51 33538239/ Ramal 4092; Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 15 - sala 365 CEP: 90619-900 - Porto Alegre – RS.

Cordialmente,

Maria dos Remédios Lima Silva

*Maria dos Remédios Lima Silva*

Li o termo acima descrito e concordo com a minha participação.

*Dário Schneider*  
DIREÇÃO

Dário Schneider  
Diretor Acadêmico  
Colégio Anchieta

*Assinatura*  
ASSINATURA



## APÊNDICE D - ROTEIRO PARA ENTREVISTA



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

Aluna: Maria dos Remédios Lima Silva

\*Pensando no processo de formação que você recebeu nesse colégio desde os anos iniciais até agora, responda às questões que seguem:

1. O que consideras ter aprendido de mais importante e significativo para tua vida? Explique.
2. Que valores acreditas ter assimilado durante esses anos em teu ambiente escolar?
3. Quais desses valores acreditas estar colocando em prática no ambiente escolar e fora desse ambiente? Cite exemplo de tua aplicabilidade.
4. No colégio que ações destacas como importantes que ajudaram em tua formação enquanto ser humano?
5. Possuis alguma confissão religiosa? Qual? Como foi essa “adesão”? Essa confissão religiosa auxiliar em sua formação enquanto ser humano? Como?
6. Fora do colégio possuis outras experiências que ajudaram em tua formação enquanto ser humano?
7. Considerando que todo ser humano possui diferentes inteligências, alguns teóricos defendem a existência da inteligência espiritual. Segundo Torralba (2013), “todo ser humano, independentemente de seu credo religioso ou adesão confessional, dispõe de uma inteligência espiritual. A inteligência espiritual é uma capacidade que permite múltiplos desenvolvimentos e experiências. Todo ser humano tem um sentido e necessidades de ordem espiritual, e estas podem desenvolver-se tanto no marco estabelecido das tradições religiosas quanto fora delas” (TORRALBA, 2013, p.13). Percebes que o colégio contribuiu para o desenvolvimento de tua inteligência espiritual? Comente com exemplos.

## **ANEXO A - ANEXOS DO PROJETO POLÍTICO DO COLÉGIO PESQUISADO**

### **PROJETOS SERVIÇO DE ORIENTAÇÃO RELIGIOSA E DE PASTORAL ESCOLAR - SOREP**

- 1) Projeto nos passos de Inácio
- 2) Projeto passagens bíblicas
- 3) Projeto convivência no Morro do Sabiá
- 4) Projeto campanhas solidárias
- 5) Projeto celebrando as datas especiais
- 6) Projeto mística com professores
- 7) Projeto formação: identidade e missão
- 8) Projeto nosso jeito de conviver
- 9) Projeto vivência pascal
- 10) Projeto orações no início do período letivo
- 11) Projeto livro de orações
- 12) Projeto quinta artística
- 13) Projeto voluntariado/Apadrinhamento
- 14) Parceria ensino religioso e SOREP
- 15) Projeto falando sobre a campanha da fraternidade
- 16) Projeto princípios da convivência escolar
- 17) Projeto comissão solidária
- 18) Projeto apadrinhamento

#### **-Projetos em parceria SOREP e SOE**

Projeto escolha do representante de turma

Projeto valorização da vida: prevenção ao uso e abuso de drogas

Projeto sexualidade e afetividade:

Projeto conscientização pelo uso responsável da internet

Projeto chega de bullying

Projeto jornada de formação

Projeto liderança

**ANEXO B - APROVAÇÃO- SIPESQ****SIPESQ**Sistema de Pesquisas da PUCRS

---

Código SIPESQ: 7474

Porto Alegre, 18 de agosto de 2016.

Prezado(a) Pesquisador(a),

A Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES da PUCRS apreciou e aprovou o Projeto de Pesquisa "INTELIGÊNCIA ESPIRITUAL: EM UM AMBIENTE CONFENSIONAL ESCOLAR DE PORTO ALEGRE/RS".

Atenciosamente,

---

Comissão Científica da ESCOLA DE HUMANIDADES